

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

ELIAS COSTA FERNANDES

**ALÉM DA AVENIDA:
carnavalescos de Mariana em perfis**

Produto jornalístico

Mariana
2020

ELIAS COSTA FERNANDES

**ALÉM DA AVENIDA:
carnavalescos de Mariana em perfis**

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina
Maia

Mariana
2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F363a Fernandes, Elias Costa .
Além da avenida [manuscrito]: carnavalescos de Mariana em perfis. /
Elias Costa Fernandes. - 2020.
116 f.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Maia.
Produção Científica (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Biografia. 2. Carnaval - Mariana (MG). 3. Escolas de samba -
Mariana (MG). 4. Jornalismo - Aspectos sociais. 5. Memória coletiva. I.
Maia, Marta Regina. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.72(815.1)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Elias Costa Fernandes

ALÉM DA AVENIDA: carnavalescos de Mariana em perfis

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em 28 de outubro de 2020

Membros da banca

Doutora Marta Regina Maia - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor José Carlos Fernandes (Universidade Federal do Paraná)

Marta Regina Maia, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 06/02/2021



Documento assinado eletronicamente por **Marta Regina Maia, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/02/2021, às 19:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0133403** e o código CRC **EAE920CD**.

A todos e todas que se dedicam à realização do Carnaval das escolas de samba em Mariana. Pessoas que, na grande maioria das vezes, sem receber um tostão sequer, dão seu tempo e força de trabalho para a preparação dos desfiles. Também àqueles que, ao longo de suas vidas, contribuíram para o espetáculo, mas, hoje, já não podem mais atuar, seja por limitações físicas e questões de saúde ou até mesmo pela ausência.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho muito se deve à atenção prestada por pessoas que, sempre que procurados, dispuseram-se a conversar e contar um pouco de suas histórias – Flaviano Isidoro, José Benedito Donadon, Maria Margarida da Silva, Rogério Cesário e Sônia Maria das Neves. Mesmo que, durante boa parte do processo de produção deste projeto, tenhamos estado inibidos de estar juntos, frente à frente, por causa da quarentena em prevenção à covid-19, não faltou boa vontade para que as conversas acontecessem, ainda que por meios alternativos, como ligações telefônicas.

Também não faltou disposição para que outras pessoas relatassem histórias que acompanharam ou viveram junto aos personagens retratados neste trabalho. Em especial, agradeço a Alexandra de Oliveira, Andreia Donadon Leal, Hebe Rôla, José Arlindo Pinto, Madalena Trindade Ribeiro, Maria Madalena Ferreira e Oscar Patrocínio.

A orientação da professora Marta Maia foi fundamental para que este projeto se tornasse realidade. Desde meus primeiros semestres na Universidade Federal de Ouro Preto, ela se mostrou atenciosa comigo, um estudante um pouco disperso, e me abriu horizontes, indicando caminhos que foram muito importantes para minha trajetória. Foi por meio dela que cheguei a dois grupos de estudo, o Jornalismo, Narrativas e Linguagens (JorNal) e o Ponto, e ao projeto de iniciação científica “Gêneros, angulações e temporalidades na produção de perfis nos jornais *Estado de Minas*, *O Tempo* e *Super Notícia*”, em que tive o privilégio de ser orientado por ela e pelo professor Felipe Viero. Agradeço pelo acompanhamento e aos ensinamentos.

Meu muito obrigado também vai ao *Jornal Ponto Final*, por ter aberto suas portas para que eu pudesse pesquisar em seu arquivo de publicações. E a Marcelo Muraro, marido da minha orientadora, pelas dicas que me deu para a capa do produto desenvolvido ao longo deste trabalho.

Agradeço também aos familiares e amigos que me acompanharam ao longo da produção deste trabalho. Especialmente a minha mãe, Sônia, que me perguntou quando iria terminá-lo em diversos momentos, sempre me desejando forças; a meu pai, Jair, pelo aparente orgulho em ver um filho estudando; a minha irmã, Ana Carolina, meu irmão, Rafael, minhas amigas Elis,

Sarah e Yasmine e meu amigo Leandro, pelas palavras de incentivo; e a meu amigo André, pela tradução do resumo deste memorial e pela companhia.

Não poderia deixar de mencionar a Universidade Federal de Ouro Preto. A vinda a Mariana e o ingresso no curso de jornalismo, em 2016, foram um divisor de águas em minha vida, responsáveis pelo despertar a questões urgentes em nossa sociedade. Só depois de chegar à universidade pública que pude compreender melhor quem eu sou e o qual é o chão onde piso. Do mesmo modo, agradeço às políticas públicas de inclusão na educação pública, que têm permitido, ao longo das últimas décadas, a construção de um ambiente acadêmico mais democrático e plural.

*“Pra cantar samba/ Veja o tema na lembrança/
Cego é quem vê só aonde a vista alcança/ Mandei
meu dicionário às favas/ Mudo é quem só se
comunica com palavras/ Se o dia nasce, renasce
o samba/ Se o dia morre, revive o samba.”*

(Elton Medeiros)

RESUMO

Este trabalho consiste na produção de um livro de perfis sobre carnavalescos das escolas de samba de Mariana, cidade localizada no interior de Minas Gerais. As narrativas sobre cada um desses sujeitos foram construídas a partir de suas relações com as agremiações do Carnaval marianense, que envolvem afetos e memórias, por meio da escuta de relatos e de pesquisa documental. Devido à complexidade do tema, reflexões sobre algumas questões se fazem presentes neste memorial, como as noções de cultura e cultura popular, a origem das escolas de samba no Rio de Janeiro e um breve histórico do gênero musical samba, a trajetória das escolas de samba de Mariana e suas particularidades, além da discussão sobre perfis e as narrativas do eu no jornalismo.

Palavras-chave: perfil; memória; Carnaval; escolas de samba; Mariana.

ABSTRACT

This work consists in the production of a book of profiles about carnival workers from the samba schools of Mariana, town located in the interior of Minas Gerais. The narratives about each one of these subjects were built from their relations with the Mariana's Carnival associations, that involve affections and memories, through the listening of reports and documentary research. Due to the theme's complexity, reflections about some questions make themselves present in this memorial, such as the notions of culture and popular culture, the origin of the samba schools in Rio de Janeiro and a brief history of the musical genre samba, the trajectory of the Mariana samba schools and their particularities, besides the discussion about profiles and the narratives of the subject in journalism.

Keywords: profile; memory; Carnaval; samba schools; Mariana.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. Culturas e festa popular	12
2.1. O Carnaval	16
2.2. Breve histórico do samba e das escolas de samba	17
3. Escolas de samba de Mariana	20
3.1. Financiamento das escolas	23
3.2. Presença na avenida	27
4. Perfis e as narrativas do eu	29
5. Plano de trabalho e pauta estendida	38
6. Análise dos resultados	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
8. APÊNDICES	53
8.1. APÊNDICE A - Entrevistas realizadas e depoimentos recebidos	53
8.1. APÊNDICE A - Veículos de comunicação e órgãos públicos consultados	54
8.2. APÊNDICE C - Produto jornalístico	55

INTRODUÇÃO

O desfile das escolas de samba de Mariana é um espetáculo que colore as ruas e avenidas da cidade desde o fim da década de 1960, mas parece não ter, até os dias atuais, o devido reconhecimento dos poderes públicos. Às sombras do carro-chefe do Carnaval local, os blocos de rua, como o Zé Pereira da Chácara e o Farrapos, estabeleceu-se como parte integrante da festa com o passar dos anos e tem se reinventado para resistir às dificuldades que rondam sua realização, que vão desde a falta de dinheiro à ausência de mão de obra.

Pelo menos oito agremiações carnavalescas já foram fundadas no município, mas apenas quatro delas seguem em atividade: *Acadêmicos do Barro Preto*, do bairro homônimo; *Morro da Saudade* e a mirim *Mestre Athayde*, de Passagem de Mariana; e *Vila do Carmo*, do bairro Santana. A maior parte delas não tem estrutura física própria para a preparação de suas apresentações e encerra cada uma destas sem saber como será o próximo ano, sob o temor de, assim como outras, encerrar suas atividades. Cobram da Prefeitura repasses de verbas a maiores prazos dos desfiles e não conseguem se organizar, de forma efetiva, para resolver a burocracia necessária para o recebimento do dinheiro. Dependem do trabalho voluntário de membros que, há anos, dedicam-se à causa e buscam atrair o interesse de jovens que venham ocupar lugares deixados por quem não tem mais o mesmo vigor de anos atrás.

Os carnavalescos (aqui, leia-se todos aqueles que se envolvem no Carnaval das escolas de samba, seja em qual for a função) driblam suas rotinas para que nem o trabalho que garante o pagamento das contas nem o pré-Carnaval deixem de acontecer. Alguns ofícios que, em outras cidades é profissão, como o dos compositores e carnavalescos, em Mariana é doação. São pessoas de diferentes gêneros e sexos, cores e etnias, credos e religiões, idades e localidades que se entregam para colocar suas escolas de samba na avenida (hoje, a Getúlio Vargas, mas já foram a Salvador Furtado e a rua Dom Viçoso), geralmente por amor ou pela satisfação pessoal de participar de um espetáculo. Cada uma delas com suas próprias histórias e experiências, nem um pouco lineares ou até mesmo coerentes. Emaranhados de relatos, tantas vezes difusos, que poderiam até ser temas de sambas-enredos.

Apesar das dificuldades enfrentadas, as escolas são, hoje, parte de uma tradição que integra o calendário cultural de Mariana em todos anos. Ainda assim, parece ser pouco discutida na academia, longe dos artigos e das pesquisas científicas. É pelo desejo de aprofundar o conhecimento sobre elas e reconhecer suas origens pujantes, nos morros e

periferias, que este trabalho foi produzido. Sem a pretensão de dar voz a ninguém, mas colocar os ouvidos para a escuta e, enfim, poder contar o que foi ouvido, lido e visto.

Este trabalho se debruçou, ao longo de um ano, na produção de um livro sobre histórias de vida de carnavalescos marianenses. São cinco perfis e um obituário que revelam um pouco das trajetórias dessas pessoas, repletas de nuances e envoltas a emoções e traumas. Narrativas construídas a partir de dezenas de entrevistas e conversas informais com os próprios personagens retratados e seus conhecidos, como amigos e familiares, além de pesquisas em publicações da imprensa e poderes públicos locais, bem como em registros fotográficos.

1. Culturas e festa popular

Desde meados do século XIX, quando o colonialismo europeu avançava sobre os demais continentes, as culturas vêm sendo objeto de estudo científico pelo mundo (SANTOS, 1987). As explicações baseadas em cunho religioso cristão, até então inquestionáveis sob as duras mãos da Igreja Católica, passaram a ser insuficientes para responder a questões referentes à diversificação dos povos e nações que estavam sendo subjugadas pelos colonizadores. Assim, a preocupação com as culturas ganhou força graças à expansão política e econômica do Velho Continente sobre os demais territórios, tendo como ponto de vista a visão hegemônica dos dominantes, considerando superior o que fosse ocidental e inferior o que não fosse.

Nos tempos atuais, há muitas definições que podem abarcar o termo “cultura”. José Luiz dos Santos o faz como “uma dimensão do processo social” construída historicamente (SANTOS, 1987, p. 37). Dessa maneira, a cultura não pode ser pensada como um elemento à parte de uma sociedade, porque, integrando o processo social, ela está sujeita a mudanças no decorrer do tempo, já que não é estática, mas dinâmica; está em constante movimento. O escritor também defende que a cultura é uma "realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor da superação da opressão e da desigualdade" (p. 38), o que reforça sua natureza política.

Os entendimentos por “cultura” se prolongam em outras visões. O teórico Stuart Hall (2002), por exemplo, explica que, no Estado-nação contemporâneo, as sociedades são culturalmente heterogêneas, compostas por diferentes culturas. De acordo com o sociólogo, as

diversas comunidades que compõem essas sociedades multiculturais buscam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que mantêm traços de suas identidades originais, o que gera “problemas de governabilidade” no cotidiano (p. 52). São crenças, costumes e valores diferentes convivendo em um mesmo território, o que acontece em países que adotam a democracia liberal, como o Brasil. Aqui, o cristianismo é a religião hegemônica, mas é dividido em diferentes vertentes, como o catolicismo romano e o protestantismo. Ou seja, também heterogêneo. Da mesma forma, há presença de religiões como o islamismo, embora em menor escala, e também pessoas sem qualquer religião. Além disso, tem-se a variedade gastronômica, que pode ser verificada nas diferentes regiões do país, bem como os sotaques diversos, as lendas e contos locais e tantos outros elementos que evidenciam a pluralidade cultural existente no Brasil.

O filósofo Terry Eagleton (2005), por sua vez, defende que o estudo das culturas permite uma observação das condições sociais de classe. Ele acredita que, observando o processo histórico do mundo, é possível entender o sentido das coisas e dos fatos para as pessoas que viveram em diferentes períodos. De forma resumida, o crítico literário inglês enxerga a cultura como um complexo de práticas sociais:

A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico. Ela é “aquele todo complexo”, como escreve o antropólogo E. B. Tylor em uma célebre passagem de seu *Primitive culture* (Cultura Primitiva), “que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como um membro da sociedade”. No entanto, “quaisquer outras capacidades” é uma formulação imprudentemente liberal: o cultural e o social tornam-se então efetivamente idênticos. A cultura é então simplesmente tudo que não é geneticamente transmissível. [...] Desde a década de 1960, entretanto, a palavra “cultura” foi girando sobre seu eixo até significar quase exatamente o oposto. Ela agora significa a afirmação de uma identidade específica – nacional, sexual, étnica, regional – em vez da transcendência desta. E já que essas identidades todas vêm a si mesmas como oprimidas, aquilo que era antes concebido como um reino de consenso foi transformado em um terreno de conflito. Cultura, em resumo, deixou de ser parte da solução para ser parte do problema (EAGLETON, 2005, p. 54).

Dentro da discussão sobre cultura, existe um debate sobre o que é a cultura popular. Neste trabalho, em especial, tal assunto é significativo, já que se propõe a trabalhar com o Carnaval. O filósofo Mikhail Bakhtin, em seu livro “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais” (1987), afirma que as diversas manifestações da cultura popular podem ser divididas em três categorias. A primeira, “as formas dos ritos e espetáculos”, em que estão os festejos carnavalescos e obras cômicas representadas em praças

públicas; a segunda, "obras cômicas verbais", sejam elas orais ou escritas em latim ou em língua vulgar; e a terceira, "diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro", em que estão os insultos, juramentos populares (p. 4).

Na primeira das grandes categorias, que mais interessa a este trabalho, a comicidade das manifestações em praças públicas se destaca em relação às cerimônias oficiais da Igreja e do Estado feudal, apresentando uma diferente visão de mundo que se opunha à repressão, uma espécie de paródia da vida cotidiana:

Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, um segundo mundo e uma segunda vida aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles viviam em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de dualidade do mundo e cremos que, sem levá-la em consideração, não se poderia compreender nem a consciência cultural da Idade Média nem a civilização renascentista (BAKHTIN, 1987, p. 3-4).

Essas manifestações da cultura popular são marcadas por um elemento em comum, o riso coletivo. No Carnaval descrito por Bakhtin, a moralidade é suspensa através do rebaixamento do nobre ao grosseiro, tendo-se a degradação: “O traço marcante do realismo grotesco é o rebaixamento, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato” (p. 17). Tanto o riso quanto o rebaixamento ofereciam a possibilidade de libertação às pessoas, o que Bakhtin chamou de “carnavalização”:

Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as ideias dominantes sobre o mundo. O grotesco derruba essa necessidade e descobre seu caráter relativo e limitado [...] O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral e as pretensões de significação incondicional e intemporal, liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Daí que uma certa “carnavalização” da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico (1987, p. 43).

A visão das culturas como um elemento estreitamente ligado à luta de classes evidencia suas divisões. Há, por exemplo, quem defenda que existe uma “alta cultura”, dominante, oficial e erudita, e uma “cultura popular”, rebelde, marginal e inculta; uma visão dualista e elitista. A cultura popular, segundo José Luiz dos Santos (1987), pode ser entendida como uma manifestação das classes dominadas em resistência às dominantes. Ela pode

possuir um caráter revolucionário e ser compreendida como uma expressão da luta política. Sua concepção, no entanto, é determinada pela própria elite cultural da sociedade, que legitima as diferentes manifestações, também argumenta o autor.

De todo modo, as visões dicotômicas relacionadas à cultura devem ser cada vez menos consideradas, porque presenciamos uma série de atravessamentos de culturas no atual processo de mediatização. Um exemplo atual e evidente é o do funk carioca, o gênero musical que surgiu nos morros e guetos do Rio de Janeiro, essencialmente por artistas negros, e extrapolou os limites de suas origens, passando a ser divulgado e consumido por outros segmentos sociais, chegando aos brancos, às mansões e às classes médias, ainda que mantendo suas características rítmicas e melódicas. Essa expansão, é claro, deu-se a partir de uma série de razões, entre elas o investimento financeiro no funk carioca pela indústria cultural. O Kondzilla, por exemplo, talvez o principal meio divulgador do gênero, é o canal no YouTube com mais inscritos no Brasil e está entre os dez com mais inscritos do mundo. Outros vários exemplos também podem ser citados, como o próprio samba, que passou de marginalizado pelo Estado brasileiro até o início do século XX ao símbolo do Brasil oficial no Estado Novo, num processo de embranquecimento e desafricanização que se estendeu até o advento da bossa-nova. Este caso será discutido, com mais vigor, à frente deste trabalho.

Cabe refletir, no âmbito deste trabalho, até que ponto o Carnaval do século XXI ainda mantém esse caráter “libertador”. Hoje em dia, as festas carnavalescas dependem dos poderes públicos para serem realizadas. Quando os blocos e as escolas de samba ocupam as ruas das cidades, por exemplo, certamente precisam de alvarás com a permissão das prefeituras. Além disso, há a presença de policiais nos cortejos, que estão lá para garantir a segurança dos foliões, pelo menos na teoria. As festas carnavalescas também são cartões-postais usados pelos próprios governos para atrair turistas e, conseqüentemente, a captação de renda. Empresas aproveitam o feriado para comercializarem pacotes de viagens, blocos e festas privadas, camarotes e espaços exclusivos. Se, antes, o Carnaval tomava as praças para zombar da cultura oficial, de elite, atualmente há legislações que as resguardam e incentivos financeiros estatais e privados para as mais diferentes manifestações.

É possível entender, então, que parte dos ritos carnavalescos modernos possui a legitimidade do Estado nos dias atuais. São manifestações que podem (ou não) ser entendidas como oficiais, a depende dos agentes que a promovem e dos lugares onde acontecem. Isso, por outro lado, não invalida o caráter “libertador” do Carnaval, haja vista que os contextos políticos e sociais do Renascimento e da Idade Média são extremamente diferentes que dos

atuais, o que não nos permite comparar a expressão de culturas de tempos tão diferentes com os mesmos parâmetros.

1.1. O Carnaval

Em “Carnavais, malandros e heróis” (1997), o antropólogo Roberto DaMatta analisa o Carnaval brasileiro. O escritor argumenta que a festa se dá no diálogo entre as classes e segmentos sociais e possui uma ambiguidade: “O Carnaval cria uma realidade que não está nem aqui nem lá; nem fora nem dentro do tempo e do espaço que vivemos e percebemos como ‘real’” (p. 155).

Cabe ressaltar que a origem do termo “Carnaval” não é exata, mas admite possibilidades. As pesquisadoras Mônica Perny e Denise Mello (2013, p. 2) afirmam que uma delas está no termo “carnem levare”, modificado, posteriormente, para “carne, vale!” (adeus, carne!). A expressão, que teria surgido entre os séculos XI e XII, indicava a Quarta-feira de cinzas e a Quaresma, período que antecede a Páscoa cristã, caracterizado pelo não consumo de carne entre os fiéis. Uma outra possibilidade, rejeitada por vários pesquisadores que não veem nela fundamento histórico, está na expressão do latim “carrum Novalis” (carro naval), “uma espécie de carro alegórico em forma de barco, com o qual os romanos inauguravam suas comemorações” (2013, p. 2 *apud* SEBE, 1986, p.31).

Durante o Carnaval, o real e o imaginário ocupam, ao mesmo tempo, o mesmo lugar. Desse modo, tem-se uma reconfiguração da cidade, em que o centro se torna domesticado. O escritor Milton Santos (1998), ao discorrer sobre o território, afirma que este “são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado” (p. 16), como ocorre durante o Carnaval. As ruas e avenidas, que diariamente são ocupadas pelo corre-corre de pessoas e automóveis, além do comércio, são tomadas pelos foliões. O centro, que costuma ser esvaziado durante os feriados, quando as pessoas se dirigem a outros espaços de lazer, como praias e parques, além dos próprios bairros onde vivem, torna-se novamente tomado, mas pela celebração da carne desta vez.

As formas como os foliões brincam o Carnaval são determinadas por eles próprios, o que caracteriza uma sensação de ausência de regras e “total liberdade”, defende o antropólogo Roberto DaMatta (1997, p. 152). Em meio aos ritos carnavalescos, têm vazão as “individualidades de bairro, classe e categoria social”, todas em “um mesmo estilo”, o do Carnaval (p. 116). Seria, então, uma festa democrática, no sentido do termo que remete ao

igualitarismo. Por outro lado, tendo em vista que o Carnaval nos dias atuais depende do poder público para ser realizado, essa ideia de ausência de regras pode ser confrontada. As ruas, praças e avenidas geralmente são fechadas para a festa apenas com autorização das Prefeituras ou demais órgãos oficiais. Há fiscalização policial durante os ritos cuja intensidade costuma variar entre diferentes regiões em que eles acontecem, do simples acompanhamento em áreas nobres à repressão nas periferias. Além disso, camarotes e blocos fechados também ocupam o espaço carnavalesco, restringindo-o a pagantes, uma transformação do mero folião em cliente, identificado por meio de abadás e pulseiras. Assim sendo, como podem os foliões brincar, sem regras, o Carnaval, ao mesmo tempo em que a festa é monitorada, do início ao fim, pelo Estado?

1.2. Breve histórico do samba e das escolas de samba

Ao discorrer sobre as escolas de samba, Roberto DaMatta (1997) defende que elas estão inseridas em um paradoxo social e político, porque estão abertas a todos os grupos da sociedade, nunca se fechando e livre ao maior número de pessoas possível, “sobretudo as da classe dominante” (p. 139), o que põe em xeque sua manifestação como popular. Geralmente, ele afirma, a estrutura dessas instituições é composta por um núcleo fundador, fiel e histórico, mas seu entorno é formado por pessoas simpáticas a elas, que podem entrar ou sair delas com certa facilidade. Isso, na visão do autor, faz com que outros ritos carnavalescos, como os blocos de rua, enxerguem as escolas como menos puras e voltadas aos turistas.

Os blocos se colocam como reforçadores do bairrismo e da vizinhança, fenômenos que tendemos a tomar como irrelevantes na nossa apreciação do mundo urbano moderno. Assim fazendo, os blocos entrecortam distinções de família, cor, posição educacional ou ocupacional para unir todos os seus componentes numa mesma “tribo” ou “bloco” (DAMATTA, 1997, p. 132).

É preciso destacar, porém, as origens das agremiações carnavalescas. As escolas de samba surgem, no Brasil, entre o fim da década de 1920 e o início da década de 1930, oriundas de antigos blocos, cordões e ranchos carnavalescos. O termo “escola de samba” não foi adotado por acaso, mas reflete a busca dos sambistas, grande maioria deles formada por negros e pobres, por afirmação e reconhecimento do Estado. Instituídos em “escolas”, almejavam a participação no debate público e político do país, ao mesmo tempo em que o

“samba” valorizava uma herança cultural que remetia a tradições centenárias que vieram das Áfricas (RAYMUNDO, 2013).

Em seus desfiles, as escolas de samba apresentavam ao público do Carnaval a sua própria canção: o samba-enredo. Considerado um sub-gênero do samba, ele, durante mais de 20 anos, narrou histórias oficiais do Brasil que construía sua identidade em meio ao Estado Novo, regime ditatorial encabeçado por Getúlio Vargas. Só a partir da década de 1950 e, de forma mais enfática, de 1960, que os enredos passaram a contar a história de personagens negros da história (FARIA, 2016). Curiosamente, na mesma época em que um processo de desafricanização do samba ganhava um novo capítulo.

O samba tem sua gênese em diferentes matrizes negras, como o lundu e o maxixe. Durante muito tempo, ele e demais manifestações culturais negras foram renegadas pela sociedade branca brasileira, como afirma a cientista social Maria Eduarda Araujo Guimarães (1999):

Pela lógica do pensamento científico da época, onde o negro e o mestiço eram considerados inferiores, também as suas manifestações culturais só poderiam ser vistas como algo que não deveria ser considerado como parte da cultura brasileira, eram ainda um resquício do "africano" (p. 22).

A autora relembra que, até o início do século XX, reuniões que contassem com músicas de batuques eram proibidas no Brasil, porque eram vistas como um elemento ligado ao que os brancos chamavam de “religiões primitivas”. O médico Nina Rodrigues, notoriamente conhecido por posicionamentos eugenistas e racistas, propôs-se a examinar os batuques e danças negras a partir de uma ciência que entendia as diferentes culturas sob um ponto de vista evolucionista e, ao assistir a cerimônias religiosas em terreiros de Salvador, na Bahia, conferiu os fenômenos que assistia, como incorporações de santos, às danças e batuques (1999).

O samba só passa a ser aceito pela sociedade branca brasileira em meados de 1930, quando surgem o Estado Novo e a ideologia da democracia racial e ocorre a expansão da indústria do rádio. O então ditador, Getúlio Vargas, iniciou um processo de construção da identidade nacional do país e buscou transformar elementos das culturas populares em bases da cultura oficial, mas com poréns: o samba, negro, teria o ritmo mantido, mas seria desafricanizado em seu discurso (1999), como aponta a pesquisadora de estudos culturais Katia Regina dos Santos (2005):

[...] O mundo do samba teria sido, sim, manipulado e com um certo sucesso. Principalmente no que diz respeito à propagação de uma imagem paternalista do então presidente Getúlio Vargas, o grande pai da nação que teria vindo para estabelecer a ordem e a moral e pôr fim à malandragem e à apologia à mesma. O alvo principal seriam os malandros, figuras lendárias da época, que foram perseguidos, presos e espancados. Todos que fossem apanhados “portando” um pandeiro, por exemplo, durante o governo getulista eram passíveis de serem acusados de vadiagem, sendo este um termo legal, e vadiagem seria sinônimo de malandragem (p. 28).

Com a ideia de democracia racial, a miscigenação das raças, antes apontada como um grande problema a ser superado no país, passa a ser vista como um trunfo do Brasil, já que seria uma característica única. Dessa forma, se o negro e o mestiço poderiam ser aceitos em sociedade, o som produzido por eles também poderia (GUIMARÃES, 1999). É importante destacar, porém, que essa teoria, defendida com vigor por Gilberto Freyre em “Casa Grande & Senzala”, não aboliu os problemas raciais do país, mas ajudou a modernizar a configuração do racismo estrutural do Brasil¹: “A produção cultural das classes populares, em especial as do grupo negro, deveriam ser transformadas pela indústria cultural para assegurar que a dominação política também se expressasse no campo cultural” (p. 55).

A desafricanização do samba ganha um novo capítulo quando até mesmo o ritmo é alterado, com o advento da bossa-nova. No pós-Segunda Guerra, os Estados Unidos assumem, de fato, uma liderança no cenário econômico mundial, e o Brasil deixa de buscar uma ideia de humanidade em sua própria identidade para priorizar uma ideologia do desenvolvimento (1999). Da mesma maneira, a indústria cultural do Brasil busca se aproximar do que seria “mais desenvolvido” e, assim, os batuques dão lugar aos metais, tendo como referência o jazz estadunidense:

Ainda que originalmente o jazz seja também uma música de identidade negra, o que ocorre não é essa associação. O jazz não aparece no Brasil como um som negro norte-americano, mas aparece como um som que a classe média brasileira adotou a partir de cantores e músicos norte-americanos já de uma geração onde também os brancos eram jazz-men (1999, p. 67).

¹ Por racismo estrutural, evoco a explicação do professor Silvio Almeida (2019, p. 35): “Em resumo, o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. [...] O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”.

Retomando um assunto já comentado neste tópico, coincidentemente ou não, o negro passa a ser tema dos sambas-enredos das escolas de samba na mesma época em que surge a bossa-nova. Pesquisadores da área, como Guilherme José Motta Faria (2016), aponta desfiles que narraram histórias de personagens negros desde o início da década de 1950, como “Brasil de ontem”, da *Portela*, em 1952. O samba, escrito por Manacéa, figura ilustre da agremiação de Madureira e Oswaldo Cruz, relembra angústias de um passado recente: “Antigamente, o sofrimento era demais, demais/ Tronco e pelourinho não existem mais”.

Mas foi na década seguinte que a temática foi retratada com mais ocorrência, com destaque para o *Salgueiro*, que levou à avenida, em 1960, 1963 e 1964, enredos que marcaram a história: “Quilombo dos Palmares”, que narrou a Revolta de Palmares; “Chica da Silva”, sobre a mulher que foi escravizada e, depois de alforriada, alcançou uma posição de destaque na Diamantina do século XVIII; e “Chico Rei”, contando a história de um nobre congolês que foi trazido ao Brasil para ser escravizado e, escondendo ouro nos cabelos, conseguiu comprar sua alforria e de companheiros. Além de tantos outros, naquela década e nas seguintes, como “Yá-yá do cais dourado”, da *Vila Isabel*, em 1969, que contava uma história de ficção, na Bahia, trazendo aspectos da religiosidade africana; e, mais recente, “História pra ninar gente grande”, da *Mangueira*, em 2019, um tributo à “história que a história não conta”, reverenciando nomes como Dandara dos Palmares, Luísa Mahin, Leci Brandão e Marielle Franco.

2. Escolas de samba de Mariana

Em Mariana, quatro escolas de samba estão em atividade atualmente. *Acadêmicos do Barro Preto*, fundada em 2007 e sediada no Barro Preto; *Morro da Saudade*, que surgiu em 1984, no distrito de Passagem de Mariana; *Vila do Carmo*, de 1980 e localizada no bairro Santana, também composta por uma categoria mirim; e a *Mestre Athayde*, uma agremiação mirim fundada em 2002, sediada também em Passagem. Outras escolas também desfilarão, no município, por longos anos, mas estão fechadas hoje em dia: a *Mocidade Independente de São Gonçalo*, que teve início em 1996, no bairro São Gonçalo, e foi à avenida, pela última vez, em 2011, também composta por uma categoria mirim; e a *Unidos de Mariana*, pioneira, fundada no fim da década de 1960 (há relatos de que foi fundada em 1966 e em 1968) e localizada na região central da cidade, teve sua última apresentação em 2009. Há ainda

registros de outras duas escolas de samba, mas cujos períodos em atividade são incertos: a *Chegamos Agora*, de localização indefinida, e a *Unidos do Rosário*, mirim e sediada no bairro Rosário.

Assim como no Rio de Janeiro, a comunidade negra teve papel fundamental para a formação das agremiações carnavalescas marianenses, com destaque para a *Acadêmicos do Barro Preto* e a *Morro da Saudade*. A escola do Barro Preto surgiu por intermédio da iniciativa de vizinhos e amigos que, vez ou outra, reuniam-se em seus quintais para ouvir samba e fazer churrasco. Desses encontros, floresceu a ideia de criar um bloco de rua que saísse pelas ruas da cidade nos Carnavais, mas acabou nascendo uma escola de samba, cuja estreia nos desfiles da cidade ocorreu em 2008. Teve grande influência a família Lopes na criação da instituição, especialmente as irmãs Ângela e Fátima, mulheres negras, que já foram presidentes da agremiação. Já a escola de Passagem surgiu como um bloco bate-latas em 1975, às margens da ferrovia, permanecendo assim durante nove anos. Tornou-se escola de samba graças ao empenho dos mesmos fundadores do então bloco, como José Roberto de Paula e Aloísio Chagas, homens negros que seguem ligados à agremiação. Embora não haja dados oficiais que dimensionem a participação exata de pessoas negras nas escolas de samba de Mariana, em atividade ou paralisadas, os registros audiovisuais disponíveis, além dos depoimentos dos próprios carnavalescos, levam-nos a crer que há uma maioria composta por negros nas agremiações, atualmente e no decorrer da história. São pessoas que estão tanto na avenida, como assistidas, membros da bateria, da comissão de frente e das alas, como mestressalas, porta-bandeiras e baianas, quanto em cargos das diretorias.

Também é preciso dizer que as escolas de samba de Mariana são marcadas, fortemente, por suas ligações com suas comunidades. Ainda que abertas a pessoas de outros bairros, distritos ou municípios, as agremiações mantêm ou mantiveram (neste caso, aquelas já desativadas) estreitos laços com os núcleos em que surgiram. Famílias fundadoras permanecem ou permaneceram ligados à logística do Carnaval, embora haja exceções: a família Trindade Ribeiro, por exemplo, importante para a fundação da *Mocidade Independente de São Gonçalo*, rompeu os laços com a escola de samba em 2003, após o então presidente, Helvécio Ribeiro, falecer durante o desfile. Por outro lado, *Acadêmicos do Barro Preto*, *Morro da Saudade* e *Vila do Carmo* seguem sob a tutela de seus membros fundadores ou de, pelo menos, novas gerações que aprenderam com eles. Trechos da trajetória da *Morro*, inclusive, ilustra bem o assunto: até 1999, a escola de samba desfilava em seu próprio distrito, Passagem, por decisão da própria diretoria, que não via, com bons olhos, a alternativa de ir a

Mariana. A participação regular no desfile da cidade só teve início, de fato, a partir de 2000, após muita negociação com a Prefeitura.

Neste ponto, é importante citar a conceituação de “comunidade” pelo teórico Max Weber (1973), que entende o termo como uma relação social em que haja um sentimento comum de pertencimento entre indivíduos que a compõem. O ensaísta Maurice Blanchot, por sua vez, enxerga, na comunidade, “um lugar do conflito, da heterogeneidade e do dissenso” (YAMAMOTO, 2013, p. 65), visão semelhante à do pesquisador pesquisador Eduardo Yuji Yamamoto (2013, p. 69), que nela vê “um acontecimento, um sentido que percorre e transpassa os indivíduos”:

A comunidade é como a bala que perfura a carapassa do indivíduo (a experiência de um sentido-acontecimento) que o esvazia, que o descentra, obrigando-o à vinculação. Tal esvaziamento conduz o indivíduo ao lugar de sua procedência, à sua condição originária de ser-com (Mitdasein). É somente a partir de tal experiência que ele abandonará a sua vida egoica (autocentrada e autossuficiente), partindo para um sem número de relações que constitui a própria vitalidade do homem, uma vida de contágio, de proliferação das singularidades vitais (p. 69).

Em cidades interioranas e com um número de habitantes relativamente pequeno, como Mariana, a questão geográfica pode ser um fator importante para a definição de comunidade, já que, especialmente no caso de Passagem de Mariana, a população vive distante dos centros e grandes centros e onde as histórias locais são reafirmadas a todo instante por moradores mais velhos, reconhecidos por suas experiências vividas, e pelas instituições culturais ali presentes, como as bandas de música, os times de futebol e a própria escola de samba. A pesquisadora Raquel Paiva (1998), contudo, afirma que, na sociedade moderna, os indivíduos podem se associar a diferentes grupos, “fazendo com que as relações humanas prescindam do espaço, da mesma maneira que os sentimentos possam dirigir-se a uma pessoa distante” (p. 76). Sendo assim, perde importância o território local em detrimento das identificações.

Diferentemente das agremiações do Rio de Janeiro e de outras cidades em que a tradição é forte, como São Paulo, as instituições marianenses são financeiramente mais modestas. Extremamente dependentes das subvenções anuais da Prefeitura, não convivem com patrocínios nem possuem estruturas físicas próprias, os chamados barracões, para a elaboração dos Carnavais. Também não têm dinheiro para contratar funcionários; no máximo, pagam por serviços pontuais nas semanas ou, em anos melhores, a meses antes dos desfiles. A mão de obra é, essencialmente, voluntária.

A *Morro da Saudade*, com muito trabalho, conseguiu construir o próprio barracão, ao longo dos anos 2000, para ter um lugar próprio para preparar as fantasias e as alegorias dos carros. A diretoria da agremiação relata que ex-prefeito João Ramos, em um de seus mandatos, contribuiu com a doação de um terreno do município à escola, que posteriormente foi trocado por um outro, onde está a atual sede da *Morro*. A construção se deu com o trabalho voluntário de moradores e a liderança de mutirões por dois pedreiros que, há anos, participam da escola: José Roberto de Paula, um dos fundadores, e José Arlindo Pinto, atual vice-presidente. A matéria-prima usada foi fruto de doações dos próprios membros e também de moradores de Passagem de Mariana, além de promoções feitas para a arrecadação de fundos e o auxílio da empresa mineradora Samarco, através do projeto “Dia do Voluntariado”. O imóvel, de dois pavimentos, possui uma grande sala, onde são realizadas festas e o trabalho se concentra, além de um banheiro e uma cozinha, equipada com fogão e freezer. Ainda há uma garagem, coberta por telhas, onde ficam guardados os carros alegóricos e fantasias usadas nos anos anteriores. A *Vila do Carmo* e a *Acadêmicos do Barro Preto*, as outras duas escolas de samba em atividade no município, não possuem barracões e usam as casas de seus integrantes durante o pré-Carnaval ou alugam algum imóvel, em anos mais abastados. As escolas que deixaram de desfilar também não tiveram suas sedes próprias e precisavam improvisar para preparar seus desfiles.

2.1. Financiamento das escolas

Quem faz o Carnaval das escolas de samba de Mariana costuma dizer que a verba repassada pela Prefeitura costuma chegar aos cofres das agremiações cerca de 30 dias dos desfiles e é, historicamente, insuficiente para fazer um grande espetáculo, na contramão do que pensa o atual secretário de Cultura, Patrimônio Histórico, Turismo, Esportes e Lazer do município, Efraim Rocha. Ele argumenta que as agremiações não podem depender dos recursos cedidos pela Prefeitura, como disse ao portal *Lamparina*², em 2017: “Eu acho que essa subvenção não é para a escola fazer o Carnaval, é pra ajudar a escola a fazer o Carnaval. Ela tem que trabalhar, tem que ter atividades durante o ano, fontes de arrecadação”.

² FERNANDES, Elias; REZENDE, Raiane; MENDES, Ruhan. Desunidas e queixosas, escolas de samba de Mariana resistem junto ao Carnaval. *Lamparina*, Mariana, 28 ago. 2017. Disponível em: <<https://lamparinaufop.wordpress.com/2017/08/28/desunidas-e-queixosas-escolas-de-samba-de-mariana-resistem-junto-ao-carnaval/>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

O mesmo pensamento já foi defendido por outros nomes que passaram pela pasta (que, inclusive, já teve diferentes nomes e extensões), como Antônio Delfonso (que, por sinal, é um dos fundadores da *Vila do Carmo*), em 2015, durante entrevista à TV Top Cultura³: “Não é para fazer o Carnaval, é para dar uma contribuição para a escola de samba. Mas, ao longo do ano, a gente incentiva para que eles façam, para que se organizem também, tenham uma liga das escolas”. Já Carlos Baêta, em 2003, afirmou que iria prevalecer a "criatividade da escola em reciclar" ao comentar sobre o valor concedido neste ano, de acordo com publicação do *Jornal Ponto Final*⁴.

Um problema que desafia a opinião dos secretários é que os carnavalescos marianenses não podem se dedicar às escolas de samba, exclusivamente, nem mesmo nos meses que antecedem o Carnaval. A maioria deles precisa se dividir entre seus empregos e os trabalhos nos barracões improvisados, atravessando horas por dia de atividades, inclusive nos fins de semana, para que haja desfile. No caso de mulheres, há ainda outras adversidades, já que muitas delas, ao longo do processo de apuração deste trabalho, relataram ter, como atribuições, faxinas em casa, preparo de refeições para a família e cuidado com filhos ou netos. Sem o apoio financeiro do poder público ao longo do ano, representantes das escolas afirmam ser incapazes de iniciar a preparação de fantasias e alegorias para o ano seguinte, ainda que realizem eventos beneficentes para arrecadar fundos, como venda de feijoadas, caldos e feijões tropeiros. Com as expectativas baixas, nem mesmo o primeiro trabalho criativo, de pensar e preparar o enredo para a próxima apresentação, costuma ser feito com grande antecedência.

Os problemas enfrentados pelas escolas de samba de Mariana são agravados pela falta de união entre elas. Não existe, na cidade, uma liga que as reúna e as ampare judicialmente, como a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (Liesa). Em junho de 2011, uma instituição foi criada com o objetivo de lutar pelos interesses das agremiações locais (desde uma maior antecedência dos repasses da Prefeitura e o aumento desses valores à melhoria de estrutura, como o aluguel de barracões e atenção à iluminação e sonorização durante os desfiles), a Liga das Escolas de Samba de Mariana (Liesma), mas o projeto não durou mais que um Carnaval. Membros das agremiações marianenses que foram entrevistados ao longo deste trabalho creditam o fracasso da iniciativa à falta de apoio dos poderes públicos

³ TV TOP CULTURA. As escolas de samba de Mariana encantaram o público na avenida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fMqc4Hv20qg>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

⁴ SECRETÁRIO de Cultura prepara carnaval para ficar na história. *Jornal Ponto Final*, Mariana, 7-13 fev. 2003, p. 4.

municipais, além do próprio abandono por parte das escolas, desacreditadas, como relembra o atual vice-presidente da *Morro da Saudade*, José Arlindo Pinto: “A princípio, estava todo mundo empenhado, havia várias reuniões. Depois que concretizou, tudo já estava pronto, o pessoal foi abandonando, saindo” (DEPOIMENTO 1, 2020)⁵. Flaviano Isidoro, ex-carnavalesco da *Vila do Carmo*, ainda destaca que o projeto vem de muitos anos: “Vários secretários, na eminência de sanar questionamentos, já prometeram. Mas ninguém tomou frente, e a coisa virou uma promessa, uma utopia” (DEPOIMENTO 2, 2020)⁶. Já Maria Margarida da Silva, presidente da *Vila do Carmo* mirim, defende que cabe ao poder público mais ação: “O interesse do Carnaval é da Prefeitura, mas parece que a gente precisa deles, eu falo isso sempre. A Prefeitura se esquece de que eles que precisam de nós. Se a gente bater o pé e dizer que a escola não vai sair, como vai ser?” (DEPOIMENTO 3, 2020)⁷.

As legislações de Mariana e Minas Gerais vão de encontro com a fala de Margarida. Algumas escolas de samba da cidade são declaradas, por leis, de utilidade pública municipal e estadual. Casos da *Mestre Athayde*, municipal, em 2002; *Morro da Saudade*, municipal, em 2009; *Vila do Carmo*, estadual, em 1988; e *Unidos de Mariana*, municipal, em 2008, e estadual, em 1978. De modo geral, são consideradas de utilidade pública entidades que, sem interesses lucrativos, promovem ações e atividades de interesse coletivo.

O atual secretário à frente da pasta da Cultura, Efraim Rocha, reconhece que o município poderia auxiliar, de modo mais eficaz, as escolas na preparação dos desfiles. E, em entrevista cedida durante a produção deste trabalho, admitiu que isso não vem sendo feito (DEPOIMENTO 4, 2020)⁸:

A escola de samba acabou de receber uma verba. Ela poderia, imediatamente, prestar contas dessa verba. Ela só vem prestar contas quando o outro Carnaval está se anunciando. Se ela prestar contas, agora, e apresentar um plano de trabalho para o Carnaval do ano que vem, ela pode ter essa verba agora [...] Talvez o município também possa contribuir, não sei se trazendo essas escolas para uma reunião com a Secretaria de Planejamento ou a Comissão de Terceiro Setor, explicando, exatamente e melhor, como montar um plano de trabalho, como buscar isso com essa antecedência. [...] Eu faço, aqui, minha culpa.

As subvenções cedidas pela Prefeitura de Mariana às agremiações não têm um crescimento real e regular no decorrer dos anos. Em 2020, ano eleitoral, apenas uma delas

⁵ PINTO, José Arlindo. Entrevista concedida a Elias Costa Fernandes. Mariana, 17 mai. 2020.

⁶ ISIDORO, Flaviano. Entrevista concedida a Elias Costa Fernandes. Mariana, 24 jul. 2020.

⁷ SILVA, Maria Margarida. Entrevista concedida a Elias Costa Fernandes. Mariana, 10 jul. 2020.

⁸ ROCHA, Efraim. Entrevista concedida a Elias Costa Fernandes. Mariana, 4 mar. 2020.

desfilou no domingo de Carnaval, a *Vila do Carmo*, *Morro da Saudade* e *Acadêmicos do Barro Preto* não foram à avenida por diferentes motivos: a primeira declarou que não havia tempo para preparar o desfile, diante do tardio repasse de verba da Prefeitura; a segunda, por problemas médicos que enfrentavam membros de sua diretoria (a então presidente, Ângela do Rosário Lopes, veio a falecer meses depois). Além do desfile principal, as duas escolas de samba mirins do município, *Vila do Carmo* e *Mestre Athayde dos Santos*, desfilaram na segunda-feira. Estas duas receberam, cada uma, R\$ 30 mil, enquanto a *Vila do Carmo* adulta recebeu R\$ 50 mil, um montante de R\$ 110 mil.

No ano anterior, 2019, *Barro Preto*, *Morro* e *Vila* receberam, cada uma, R\$ 40 mil, além do repasse de R\$ 25 mil à *Vila* mirim, um total de R\$ 145 mil (cerca de R\$ 156 mil corrigidos⁹). Em 2016, quando houve eleições municipais, a Prefeitura cedeu R\$ 30 mil para cada uma das três escolas adultas e R\$ 15,5 mil à *Vila do Carmo* mirim, totalizando R\$ 105,5 mil (aproximadamente R\$ 131 mil corrigidos). Já em 2015, as agremiações principais receberam, cada uma, até R\$ 25 mil¹⁰, enquanto a *Mestre Athayde* e a *Vila do Carmo* mirim, até R\$ 12 mil, também cada, um total um investimento de até R\$ 99 mil pela Prefeitura (cerca de R\$ 136 mil corrigidos). Em 2012, outro ano eleitoral, *Acadêmicos do Barro Preto* e *Morro da Saudade* receberam, cada uma, até R\$ 75 mil, enquanto à *Mestre Athayde* foram cedidos até R\$ 9 mil, um montante de até R\$ 159 mil (aproximadamente R\$ 256 mil corrigidos).

Ainda sobre os aspectos financeiros que rodeiam as agremiações carnavalescas marianenses, em 2007 foi criado o Programa Municipal de Incentivo ao Carnaval em Mariana, através da Lei Municipal 2.052. A iniciativa, que propunha "maior brilhantismo aos desfiles das escolas de samba e blocos caricatos", objetiva oferecer apoio financeiro às instituições carnavalescas que estejam registradas no Executivo municipal, além de instituir o concurso que premia as melhores performances das agremiações, com premiação para a primeira, segunda, terceira e quarta colocadas. Os concursos e repasses financeiros às escolas, entretanto, já existem antes dessa legislação, como apontam depoimentos de carnavalescos e publicações da imprensa local. A lei de 2007 parece regulamentar as ações da Prefeitura do município em relação às instituições carnavalescas.

⁹ Para a correção dos valores pela inflação, foi usado o Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM), a partir da Calculadora do Cidadão, do Banco Central do Brasil.

¹⁰ O Diário Oficial Eletrônico do Município de Mariana (Doem) foi instituído, por lei, em junho de 2015. As publicações prévias a ele, consultadas neste trabalho, foram acessadas através do banco de leis da Câmara Municipal de Mariana. São delas o termo "até" que precedem os valores destinados às escolas de samba.

2.2. Presença na avenida

A busca por informações referentes ao Carnaval das escolas de samba de Mariana se torna mais complicada quando o acesso a elas não é facilitado pela Prefeitura ou até mesmo dificultado. Através da Lei de Acesso à Informação, uma série de pedidos foram feitos ao Executivo municipal, mas não foram sequer respondidos. As solicitações contemplavam desde o fornecimento das relações das escolas participantes dos desfiles em diversos anos, especialmente neste século, aos valores das verbas repassadas às instituições carnavalescas no mesmo período. O secretário de Cultura do município, Efraim Rocha, durante a entrevista concedida em março de 2020, afirmou ainda que, quando chegou à pasta, em fevereiro de 2017, não encontrou um arquivo com documentos relacionados à cultura de décadas passadas. Como apenas uma das escolas de samba possui sede própria, vários documentos e até mesmo troféus estão espalhados pelas casas de membros e ex-membros das agremiações, sem o rigor de preservação necessário. Também há uma ausência de bibliografia sobre o tema, o que também dificulta a pesquisa. Por isso, entrevistas com pessoas que participaram ou ainda participam da festa carnavalesca de Mariana foram fundamentais para que a sua história fosse percorrida ao longo deste trabalho, bem como a consulta a publicações da imprensa local.

Nomes como José Arlindo Pinto, José Roberto de Paula, Rogério Cesário e Sônia Maria das Neves, da *Morro da Saudade*; Flaviano Isidoro, Margarida da Silva e Maria Madalena Ferreira, da *Vila do Carmo*; Alcione, Efigênia e Eliana Ribeiro Leite, da *Unidos de Mariana*; Madalena Trindade Ribeiro e Oscar Patrocínio, da *Mocidade Independente de São Gonçalo*; e Ângela Lopes, da *Acadêmicos do Barro Preto*, ainda que em conversa realizada há cerca de três anos, foram fundamentais para o processo de apuração. Da mesma forma, a consulta ao acervo do *Jornal Ponto Final*, que pauta o assunto desde sua criação, em 1995, quando ainda era uma revista; e do jornal *O Espeto*, cujo tema é recorrente desde 1999, tiveram imensa importância. Foi por meio dessas consultas, sobretudo, que informações como as que serão descritas adiante foram alcançadas.

As escolas de samba de Mariana já levaram a seus desfiles uma série de temáticas, desde locais a outras gerais. Referências à religiosidade e à ancestralidade africana têm recorrência, como também alertas sobre a preservação dos recursos naturais, especialmente a água.

Em 2007 e 2011, a *Morro da Saudade* apresentou ao público os enredos “Do ouro ao turismo, Morro da Saudade conta a história de Passagem” e “Ribeirão do Carmo: águas de

ouro, águas de lixo”, respectivamente, ambos campeões. O primeiro samba-enredo, composto por Paquinha, narra a história do distrito de Passagem, reverberando a mão de obra escravizada durante o extrativismo de ouro: "Lá vou, eu vou para Mina/ Vou buscar, pegar o ouro/ Assim, disseram os bandeirantes/ Que vieram em busca de nosso tesouro/ E o escravo trabalhou, trabalhou". Os bandeirantes paulistas, que lideravam expedições em busca de metais preciosos pelo interior do país, chegaram a Passagem de Mariana no fim do século XVII. A extração do ouro na região foi marcada pela escravidão, como relata o historiador Rafael de Freitas e Souza (2009):

Empregando mão de obra escrava, a mineração em Passagem era realizada a céu aberto com prospecção por bateia no leito do Ribeirão do Carmo. Na encosta, os mineiros executavam pequenos serviços de minas e perfuração de poços subterrâneos, que geralmente estacionavam ao atingir o lençol freático. O escoramento insuficiente e a falta de drenagem tornavam frequentes os desabamentos (p. 44).

Já o segundo samba-enredo, do compositor Psica, evoca religiosidades africanas (“Mamãe Oxum e Iemanjá/ Choram quando olham para os rios e o mar”) e condena um histórico de agressões do homem às águas do Ribeirão do Carmo, o rio que corta Mariana: “Trezentos anos atrás/ Quando a Vila do Carmo era pequena/ O lixo já boiava no rio onde brilhava o ouro” e “Hoje, em plena era digital/ Garrafas nadam feito peixes no rio/ Canos esguicham esgotos/ A cidade deu as costas, o rio entristeceu/ E pouco lembra o seu apogeu”.

Em 2001, a *Morro da Saudade* também se voltou para a cultura negra, homenageando as tradições e lendas baianas com o tema “Crenças da Bahia”. Tradições populares também foram tema da *Mocidade Independente de São Gonçalo*, em 2002, com o enredo “Rio São Francisco, cinco séculos de muitas lendas”; e da *Unidos de Mariana*, em 2007, cujo tema foi “Lendas e histórias das matas do Itacolomi”.

A *Unidos*, em 2003, desfilou sob o enredo “Século XVIII, nascimento e apogeu de uma cidade, canto e glória de sua gente”, campeão naquele ano. A apresentação contou a história do município de Mariana, desde a extração do ouro aos dias atuais. Em 2002, a mesma escola levou à avenida o enredo “Água, fonte da vida”, quando apontou para a necessidade de conscientização acerca do uso indiscriminado da água.

A *Vila do Carmo* também já se apresentou com uma temática parecida, em 2002, com o enredo “Natureza só é vida viva”. Já este ano, a escola de samba do bairro Santana

apresentou ao público o tema “África: berço da humanidade”, reverenciando a diversidade cultural do continente.

Muitos outros enredos, variados, foram trabalhados pelas escolas de samba em seus desfiles. A *Acadêmicos do Barro Preto*, por exemplo, levou “A evolução da vida” em 2014; a *Morro da Saudade* transformou a passarela do samba em um picadeiro, em 2015, com “Noite circense”; a *Mocidade Independente de São Gonçalo*, por sua vez, buscou referências do Norte para desfilar sob o samba “A Amazônia em noite de Carnaval”, em 2011; já a *Vila do Carmo* apresentou um grande *flashback* com o tema “Anos 80”, em 2017.

Numa região onde os blocos de rua parecem ser a principal atração do Carnaval, como a dos Inconfidentes, cabe o questionamento acerca do papel desempenhado pelas escolas de samba no cenário cultural local. Essas instituições carnavalescas resistem, há décadas, em meio a dificuldades financeiras e às estruturas carentes para seu funcionamento. Convivem com hiatos ao longo de suas trajetórias, quando não podem ou não conseguem desfilar, e temendo que, um dia, precisem encerrar suas atividades. Hoje em dia, inclusive, o número de agremiações carnavalescas desativadas é o mesmo de escolas de samba que estão funcionando em Mariana.

De todo modo, se essa história ainda é pouco sistematizada, é possível conhecer um pouco mais sobre ela através das histórias de vida de alguns carnavalescos e carnavalescas que a constroem. Homens e mulheres cujos trechos de suas vidas chegam a se confundir com a trajetória do Carnaval das escolas de samba marianenses.

3. Perfis e as narrativas do eu

Histórias de vida são contadas desde a Grécia Antiga e vêm sendo reconfiguradas ao longo do tempo, ganhando novos formatos e características (DOSSE, 2009, *apud* MAIA, 2020). Hoje em dia, por exemplo, há uma série de produtos midiáticos sobre o outro, como *reality shows*, *talk shows* e programas de “fofoca” na programação das emissoras de televisão, como também biografias, entrevistas e perfis jornalísticos publicados nos mais diversos meios. Esse vasto material sobre o outro, segundo a pesquisadora Marta Maia (2020, p. 34), indica uma tentativa de “situar e posicionar” o sujeito na trama social, tendo em vista que as narrativas dialogam com o tempo e o espaço. Vazios e intrigas originadas pela experiência, de acordo com ela, são preenchidos pela narrativa sobre o outro na contemporaneidade.

O filósofo Paul Ricoeur (2010, p. 93 *apud* MAIA, 2020, p. 34) defende que “o tempo torna-se humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plena quando se torna uma condição da existência temporal”. O teórico francês indica que a narrativa possui um poder de ressignificação do mundo, porque ela dá sentido aos acontecimentos e permite que uma história possa ser acompanhada, contada e recontada. Os relatos, como já dito anteriormente, multiplicam-se de acordo com o desenvolvimento de novas tecnologias, que possibilitam a “produção, reprodução e circulação das formas simbólicas numa escala antes inimaginável” (THOMPSON, 2011 *apud* MAIA, 2020, p. 36).

As narrativas do eu não são produto do acaso, mas consequência da evidência do sujeito, como explicou Marta Maia em seu livro “Perfis no jornalismo: narrativas em construção” (2020). Já no século XVII, artistas plásticos pintavam autorretratos, como Rembrandt (1606-1669), autor de mais de 80 obras desse tipo. Há ainda um trabalho de Leonardo da Vinci, pintado a giz no papel, datado do século XVI, que também seria um autorretrato, embora haja estudiosos que questionam a ideia (o homem retratado na obra poderia ser uma outra pessoa). Outro nome conhecido das artes plásticas que produziu pinturas de si mesmo foi o holandês Vincent Van Gogh (1853-1890), que pintou a si mesmo de diferentes formas, com e sem barba, usando chapéu e com um cachimbo na boca, diante de um cavalete e até mesmo com uma das orelhas cortadas.

Nos dias atuais, têm proeminência as *selfies*, fotografias tiradas de si mesmo e publicadas nas redes sociais. Não por acaso, o termo *selfie* foi considerado a “palavra do ano” pelo dicionário da Oxford em 2013, e a atividade já implicou situações adversas, desde a proibição (o Conselho Federal de Medicina brasileiro, por exemplo, vetou que médicos publicassem *selfies* em situações de trabalho) a mortes (caso de um homem, de 34 anos, em 2019, que escorregou em uma cachoeira do Mato Grosso ao tentar fazer um registro fotográfico de si mesmo).

A produção estrondosa de *selfies*, alavancada pela chegada dos *smartphones*, no fim da década de 1990, tem gerado outras questões que vêm chamando a atenção de estudiosos e especialistas de diferentes áreas, sobretudo da saúde mental. O uso excessivo de filtros disponibilizados por aplicativos como o Instagram e Snapchat, por exemplo, levou pessoas a procurarem intervenções médicas; uma matéria da BBC Brasil¹¹ mostra que um estudo

¹¹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43910129>>. Acesso em 13 set. 2020.

realizado pela Academia Americana de Cirurgia Facial, Plástica e Reconstructiva revelou que, em 2017, 55% dos cirurgiões plásticos receberam pacientes que buscavam procedimentos para que ficassem mais bonitos em *selfies*.

A exposição de si mesmo é discutida pela antropóloga Paula Sibilia, que afirma (2008, p. 198): “A realidade começa a impor suas próprias exigências: para ser percebida como plenamente real, deverá ser intensificada e ficcionalizada com recursos midiáticos”. Sobre o assunto, Marta faz uma analogia com Narciso, o herói da mitologia grega que é símbolo da vaidade:

Esse fenômeno adquire relevância na medida em que a condução narcisista que permeia boa parte das ações cotidianas dos indivíduos na contemporaneidade indica que as aspirações dos sujeitos cabem na medida de seu próprio eu. Os versos de Ovídio, mesmo após séculos de distância, ainda reverberam. Eles contam a história de Narciso, que teria se apaixonado por si mesmo ao ver-se refletido na água, mas que, no entanto, acaba morrendo sem ter conseguido concretizar essa paixão impossível. Ao entrever sua imagem, absolutamente bela e inalcançável, Narciso busca a si mesmo em um movimento de pleno regozijo com sua imagem (2020, p. 25-26).

A escrita sobre a vida de uma pessoa é uma tarefa que exige sensibilidade. Afinal, os seres humanos são controversos, dotados de sentimentos e memórias, como medos, traumas e orgulhos. Mais que heróis ou anti-heróis, são sujeitos que se deslocam entre o protagonismo, o antagonismo, o papel de coadjuvante e o de figurantes, em histórias co-construídas entre eles.

Em “Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida” (2007, p. 153), Sergio Vilas Boas afirma que a “totalidade da vida de um biografado” nunca pode ser atingida pelo biógrafo. As histórias são múltiplas, e o jornalista possui limitações. Assim, como é possível relatar cada episódio vivido por uma pessoa, discorrendo sobre os mais diversos detalhes e sob os mais variados pontos de vista? Da mesma forma, chegar a um relato imparcial e livre de subjetividade é inalcançável. O jornalista realiza seu trabalho por meio de escolhas, desde as fontes ouvidas às palavras usadas nos textos. O que se tem, portanto, são versões, interpretações dos acontecimentos que precisam ser fiéis aos testemunhos consultados e, conseqüentemente, à ética da profissão. Narrativas possíveis e questionáveis, não verdades absolutas.

O mesmo entendimento pode ser levado aos perfis, que, diferentemente das biografias, não se propõem a discorrer sobre toda a vida de um personagem, mas a retratar determinados recortes de sua trajetória ou até mesmo de sua personalidade. Marta Maia (2020, p. 52) define

o perfil como a “composição textual discursiva do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas adotadas na escolha do perfilado, na captação e na edição” e destaca que a mediação exercida pelo jornalista é “traço essencial nessa tarefa, dado que a interação simbólica permeia todo o processo de produção”. Ainda segundo a pesquisadora, são duas as principais angulações temporais (2013, p. 181): a "padrão", em que o personagem é retratado em uma perspectiva linear, tradicional e objetiva; e a "difusa", quando cabe aos leitores um maior exercício interpretativo, já que o sujeito não é dado, mas descrito de forma menos convencional. São elas as responsáveis pela interpretação das narrativas pelos leitores.

O perfil é considerado pertencente ao gênero interpretativo do jornalismo pelos estudiosos da área (CHAPARRO, 2008; KOTSCHO, 2009; MELO, 2010; SODRÉ; FERRARI, 1986; VILAS BOAS, 2003). No entanto, entende-se que o formato textual dialoga com os demais gêneros jornalísticos (diversional, informativo, opinativo e utilitário) e pode se direcionar a qualquer um deles, a depender do enfoque desejado pelo jornalista e pela linha editorial do veículo de comunicação (MAIA, 2013). Ou seja, podem ser textos menos convencionais do universo jornalístico que não requerem a hierarquização tradicional de informações, mas oferecem possibilidades de experimentação aos jornalistas.

Nesse ponto, aliás, é interessante destacar uma semelhança entre o perfil jornalístico e a literatura. Marta Maia (2020) defende que, em ambos, “o fio condutor não segue, necessariamente, um acontecimento, já que temos uma situação em que a narrativa é tecida, especialmente, a partir da/do personagem em evidência” (p. 93). Ou seja, é o personagem a figura central das narrativas. O acontecimento jornalístico, que modifica o dia a dia dos sujeitos sociais (SODRÉ, 2009), pode deixar de ser, no perfil, o principal argumento para a construção da narrativa, já que nuances do cotidiano de pessoas anônimas podem ser tão relevantes quanto ações de figuras públicas.

A literatura, aliás, influenciou um celebrado movimento que surgiu em meados da década de 1960 e rompeu com ditames do jornalismo tradicional, o “*New Journalism*” – ou “Novo Jornalismo”. No século em que a imprensa se profissionalizou, desenvolveu um novo processo de produção e ganhou novas mídias, o rádio e a televisão, o impresso teve papel fundamental para a ascensão dessa forma de fazer jornalismo, com a incorporação de técnicas literárias no processo jornalístico, desde a apuração e redação à edição.

Marta (2020) descreve um panorama histórico dos perfis na imprensa e destaca as revistas como o principal meio de inserção desse movimento, graças às características que a privilegiam em detrimento dos jornais, como mais espaço em suas páginas e maior tempo de

pesquisa para a reportagem, com destaque para a *The New Yorker* (1925) e a *Esquire* (1933), certamente as publicações mais lembradas. Foram em suas páginas que conhecidos perfis, comentados ainda hoje, foram publicados, como "O duque em seus domínios", em 1956, sobre o ator Marlon Brando, escrito por Truman Capote, e o prolapado "Frank Sinatra está resfriado", em 1966, cujo autor é o escritor Gay Talese.

No Brasil, talvez o principal exemplo do "Novo Jornalismo" incorporado às redações seja a *Realidade*, revista que esteve em circulação entre 1966 e 1976. Outras publicações, todavia, também adotaram o novo estilo de fazer jornalismo com primor, como o *Jornal da Tarde* (1966-2012), idealizado por Mino Carta, e veículos da "imprensa alternativa" (p. 63) do país, que confrontavam o regime ditatorial então vigente, como o *Pasquim* (1969-1991) e o *Lampião da Esquina* (1978-1981). Títulos mais recentes também vêm apostando em narrativas em que a subjetividade jornalística não é só admitida, mas celebrada, como a *piuí* (2006) e a *Brasileiros* (2007-2017).

Em "Joaquim Salário Mínimo", perfil publicado pela revista *Realidade* em 1971, o jornalista Audálio Dantas apresenta Joaquim Gonçalves da Cruz, um trabalhador de 36 anos que vivia em São Paulo, junto à família (esposa, dois filhos e três filhas), com um pouco mais que o salário mínimo da época, de 187 cruzeiros mensais. O texto trouxe dados que mostravam a impossibilidade de uma família sobreviver com tão pouco dinheiro, mas Audálio foi além e escapou da frieza dos números: "Era preciso encontrar um 'gancho', mais precisamente contar a história de um 'pobre inferior' segundo a classificação do Ibope" (2012, p. 178). Discorrendo sobre detalhes do dia a dia de Joaquim e de seus familiares, o jornalista deu nome e sobrenome a um dos tantos brasileiros que buscavam sobreviver em meio à pobreza que a então ditadura militar buscava esconder: "Além de reclamar do salário-mínimo, Joaquim não tem queixas do mundo. É um conformado, manso, crente no destino. Seus dias são todos iguais, sem alegrias, uma rotina de miséria. Às vezes, se alteram, para pior, mas ele resolve tudo com uma grande fé" (2012, p. 185).

A reportagem de Audálio, inclusive, pode exemplificar uma característica dos perfis defendida por Villas Boas (2003). Segundo ele, esses textos possuem um poder de gerar empatia nos leitores em relação ao sujeito perfilado, porque o leitor pode se identificar com os personagens diante das experiências narradas pelo repórter. Afinal, as histórias apresentam passagens de vida envoltas à tristeza, felicidade e tantos outros sentimentos.

Outro exemplo que pode ser citado é o obituário¹² “Aqui jaz o João Ninguém”, escrito pelo jornalista Fred Melo Paiva e publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 2006. O repórter narra a desgraça de Ceará Cozinheiro, um homem que só passou a ter endereço fixo após a morte: o Instituto Médico Legal, em São Paulo. Morador em situação de rua, ele morreu durante uma madrugada e seu corpo permaneceu por longas horas na calçada, invisível em meio ao cotidiano, sem atrapalhar o tráfego, ao contrário do personagem de “Construção”, canção de Chico Buarque:

Quando o dia amanheceu, José Roberto Campos, 38 anos, abriu a sua banca de revistas bem em frente ao morto. A coisa que o Zé Roberto mais vende é pilha. Depois, cigarro. Em terceiro lugar, mulher pelada. Naquele dia não vendeu “mais nem menos”. Ali, diante do cadáver do Ceará Cozinheiro, seguiu a vida, um dia normal, apenas um pouco mais escuro (PAIVA, 2014, p. 158).

Os perfis também exercem um outro papel fundamental no campo jornalístico: o acionamento da memória. O deslocamento temporal entre o presente e o passado é necessário para a compreensão dos sujeitos e de suas histórias, e o modo como as lembranças são evocadas diz respeito tanto sobre que se passou quanto do presente. Segundo a pesquisadora Barbie Zelizer (2014), o jornalismo funciona como uma instituição da sociedade contemporânea que grava, recorda e recupera. Já Letícia Cantarela Matheus (2011, p. 221 *apud* MAIA, 2020, p. 48) argumenta que o jornalismo recorre “ao passado para ancorar sua legitimidade e também para construir a notícia, tão associada à experiência do presente, mas cujo sentido só se completa frente a referências pretéritas”.

Para esta discussão, é importante trazer a obra do sociólogo Maurice Halbwachs. Em “A memória coletiva” (1990), o escritor defende que a memória é uma construção social, coletiva e formada a partir das inúmeras relações que os indivíduos têm entre si e entre grupos ao longo de suas vidas. Segundo ele, o ser humano não consegue manter lembranças quando não está inserido em grupos, porque elas se perdem com o tempo e é preciso que haja interação entre as pessoas para que as memórias sejam evocadas. Dessa maneira, as recordações individuais das pessoas formam a memória coletiva, e a própria memória coletiva

¹² Obituários são textos sobre a história de vida de alguém que já faleceu, neste instante ou não. Neles, “a morte ganha sobrevida discursiva” e há uma “inversão no curso do tempo: é a vida que será tecida em narrativas impróprias às práticas jornalísticas vinculadas critérios de noticiabilidade e relativos à contingência efêmera” (MAROCCO, 2013, p. 373). Há dois tipos de obituários na imprensa, segundo a pesquisadora Beatriz Marocco (2013, p. 373-374) : o primeiro “trata de enquadrar a história de cada um deles em tecido ralo, de pouca espessura, cronológico e padronizado”; e o segundo “liberta o obituarista desta ‘Sibéria do jornalismo’”, referindo-se ao tradicionalismo nas narrativas jornalísticas.

modifica as lembranças individuais de cada um: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras.” (p. 25).

Ainda de acordo com Halbwachs (1990), a memória é coletiva porque, primeiramente, as experiências também são. A língua, por exemplo, é um meio de comunicação compartilhado a que o ser humano precisa recorrer mesmo quando está sozinho, ao pensar. A experiência individual, portanto, só é possível porque estamos envolvidos a elementos socialmente construídos, como as culturas, que nos afetam no dia a dia. Estamos tão imersos a esses elementos, que podemos nem mesmo nos dar conta de como eles influenciam em nossos modos de viver. Por isso, retomando o que foi dito acima, nossos depoimentos sobre o passado podem até revelar mais do nosso presente do que do se passou, já que nossas memórias são reconfiguradas de acordo com os mais variados contextos que nos abrangem. Como defende o escritor Zuenir Ventura (2005, p. 14), “até as nossas recordações de nós mesmos podem não ser idênticas em momentos diferentes”.

Um desencontro ocorrido ao longo do processo de apuração deste trabalho pode ilustrar essa questão. Durante as entrevistas, Rogério Cesário, um dos perfilados e membro da escola de samba *Morro da Saudade*, relatou como foi a primeira vez que puxou o samba da agremiação e apontou 1982 como o ano em que ocorreu sua estreia junto ao microfone. Na época, ele contou, o samba-enredo falava sobre trabalhadores da Mina de Passagem nos tempos de extração do ouro e homenageava a Miss Brasil de 1971, Eliane Guimarães, que nasceu no distrito de Passagem de Mariana. Até cantou um trecho do samba. No entanto, informações da *Morro da Saudade* indicam que o enredo “Samba, beleza e trabalho” foi levado à avenida em 1984, na primeira vez em que a agremiação desfilou na cidade. Contudo, essa diferença de data não altera o sentido da história e o testemunho do perfilado. É uma questão que pode ser checada posteriormente, sem prejuízos da interação no momento da entrevista.

Ao tratar com pessoas, é preciso que o repórter seja sensível e atravesse “a rua de si mesmo para olhar a realidade do outro lado de sua visão de mundo. Só assim pode chegar mais perto da verdade – ou das verdades – da história que se propôs a contar”, ressalta a jornalista e escritora Eliane Brum (2010, p. 295).

O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais delas quanto o conteúdo do que dizem. Escutar é mais do que ouvir. Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras. Escutar é entender tanto o que é dito como o que não é dito. Escutar é compreender que o silêncio também fala – ou compreender que as pessoas continuam dizendo quando param de falar (p. 35).

Não se pode, simplesmente, abordar as fontes e desferir contra elas uma série de perguntas. Como destaca a pesquisadora Cremilda Medina (1990), é preciso superar “os limites de um questionário fechado, duma cronologia rígida, de uma presentificação radical” (p. 18). É preciso ter delicadeza para conversar, ganhar um espaço seguro e a confiança das pessoas. Aos detalhes, é crucial a devida atenção. A forma de andar, de comer e de se sentar, as expressões faciais ao tocar em diferentes assuntos, as lembranças que vêm à tona em meio ao diálogo: quaisquer elementos são importantes para o entendimento dos personagens e, portanto, para a construção de narrativas que se aproximem, ao máximo, de seus relatos. A trajetória da vida dos seres humanos se dá a partir das experiências vividas e da identidade construída por eles (ARFUCH, 2010). Portanto, sendo a intenção apresentar a vida desses sujeitos, a necessidade de o trabalho jornalístico imergir nas tensões, particularidades e emoções deles é essencial para uma troca de informações empática.

Marta Maia (2020) vai além e compara a atividade jornalística com o trabalho de um paleontólogo. Para que mitos sejam derrubados e visões que limitam e reduzem pessoas a padrões estereotipados, é preciso que o repórter recorra à “pluralidade identitária” (p. 37) em sua produção:

[...] Se o jornalista consegue se despir, digamos assim, de gramáticas profissionais fossilizadas, acaba por ampliar sua capacidade de observação, criando condições para escavar a vida de alguém e, tal qual um paleontólogo, conseguir, de maneira delicada e paciente, recolher as impressões que irão delinear o perfil a ser publicado (p. 52).

Também é preciso que, durante a produção de um perfil, outras vozes além do personagem em questão sejam ouvidas. Nós que surgem em meio à apuração jornalística podem ser desatados com a multiplicidade de relatos, que desconstroem incoerências e cooperam para uma compreensão mais próxima do relato. Afinal, “o mesmo acontecimento nunca será visto da mesma maneira por mais de um observador” (VENTURA, 2005, p. 14). Consulta a documentos, fotografias, vídeos e outros registros também podem e devem fazer parte do processo de pesquisa, além da necessidade da realização de cruzamento de informações e da busca, contínua e incômoda, pelo o que ainda não foi descoberto. Nem tudo

que é ouvido, lido ou visto precisa, necessariamente, ser recontado, mas pode ajudar a compreender fenômenos, histórias e sujeitos.

Ao discorrer sobre suas memórias, as pessoas fazem seleções do que dizer e do que não dizer, pelos mais diversos motivos. Podem omitir situações e até mesmo fabular ao contar sobre suas experiências. Em suma, ao falar sobre suas histórias, as pessoas tentam dar sentido ao que, segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (2006), não tem sentido: a visão da vida. E cabe a nós, jornalistas, reconhecer as próprias limitações como profissionais e sermos transparentes ao apresentarmos as narrativas que construímos a quem nos lê. Toda história, ainda que baseada em relatos, documentos e tantos outros registros, ainda é apenas uma versão possível do real.

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar. Eis por que é lógico pedir auxílio àqueles que tiveram que romper com essa tradição no próprio terreno de sua realização exemplar. Como diz Allain Robbe-Grillet, "o advento do romance moderno está ligado precisamente a esta descoberta: o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório" (BORDIEU, 2006, p. 185).

Os testemunhos, como já dito aqui, são fundamentais para a construção de um perfil jornalístico. Mas é preciso ressaltar o caráter dinâmico da relação entre repórter e perfilado. Marta Maia (2020, p. 42-3) afirma que há “o jornalista que escuta o outro, sem condições, boa parte das vezes, de apurar detalhes sobre as histórias de vida que estão sendo contadas – visto que quando o relato segue pelo caminho mais pessoal não há como recuperar certas situações”. Ou seja, o repórter escuta para, depois, relatar o que foi ouvido e observado, de acordo com sua interpretação e a angulação que optar em seu texto. Ele se torna, mais que um “mero transmissor” de informações, um “mediador-autor”, nos termos da pesquisadora Cremilda Medina (1993 *apud* MAIA, p. 45), porque é incapaz de reproduzir a realidade em si, mas reconstitui os acontecimentos “a partir das experiências e percepções” (p. 46).

Também a respeito da redação, nem sempre o óbvio é a melhor saída para a construção de uma narrativa jornalística, como o perfil. Muitas vezes, é preciso que o repórter confronte o convencional e saia de sua zona de conforto. Para fins estéticos, sim, mas, principalmente, para que consiga abarcar a complexidade de uma história. A angulação

“padrão” de um perfil (MAIA, 2013, p. 181) pode limitar pessoas a padrões que não contemplam a densidade de seus relatos.

Audálio Dantas, citado há pouco, pode ser trazido, novamente, como exemplo. Em 1970, o jornalista publicou, mais uma vez por meio da revista *Realidade*, a reportagem “Povo caranguejo”. Ele buscou se colocar no lugar dos crustáceos ao imaginar a aflição que, certamente, sentiam quando eram caçados e presos nos mangues. Audálio afirmou, em seu livro “Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro” (2012, p. 113), que não “bastaria seguir a regrinha do que, quem, quando, como, onde e por quê”, e sua ousadia culminou em uma produção que subverteu determinados ditames do jornalismo:

Os pés dos homens pisaram sem dó nem piedade, comprimindo a lama. No fundo dos buracos, os bichos acoissados, perdidos no escuro total. O inimigo retirou-se, não há mais a pressão forte sobre as carapaças, o barulho surdo está mais longe, não há mais saída. É preciso sair, não há mais ruído por perto, mas o perigo continua na prisão da lama. A liberdade terminou quando o buraco pacientemente cavado se desfez sob aqueles pés poderosos. Agora, só resta refazer o buraco, de baixo para cima, caminho de uma liberdade quase impossível, mas sempre perseguida (p. 122).

Também Fred Melo Paiva pode ser trazido, mais uma vez, à discussão. Em 2005, o repórter escreveu o perfil “Um crescendo de fúria”, sobre Oscar Niemeyer, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Ao invés de relatar o que já se espera de um texto sobre o grande nome da arquitetura brasileira, com menções a sua honrosa carreira, o jornalista preferiu realçar o comportamento feroz do arquiteto (2014, p. 18): “Se ele começa a falar de um problema, vai num crescendo de fúria. Começa pontuando causas e consequências, tecendo comentários pertinentes. Mas acaba quase que invariavelmente na escatológica conclusão de tudo é ‘uma merda’”.

Essas reflexões sobre os perfis e as narrativas do eu foram fundamentais para a implementação deste projeto, desde a escolha do tema, a preparação das pautas, a realização das entrevistas e as demais pesquisas à redação dos perfis. No tópico a seguir, discorro a respeito do processo que culminou neste trabalho.

4. Plano de trabalho e pauta estendida

Inicialmente, a proposta deste trabalho foi produzir uma grande reportagem biográfica, em formato de livro, sobre a primeira e, até agora, a única mulher a ocupar a Presidência da Câmara Municipal de Mariana, Odete Alves do Espírito Santo. Pretendia-se analisar a

trajetória política da personagem, falecida em 2014, como também conhecer as nuances de sua vida particular, sua relação com a cidade de Mariana e as pessoas ao seu redor, além de, por fim, identificar as conjunturas políticas do município, de Minas Gerais e do Brasil nos anos de 1971 e 1972, época em que vigorava a ditadura militar.

No entanto, as dificuldades encontradas durante a busca de informações que permitissem a produção do livro fizeram com que a ideia fosse preterida. A principal delas foi o difícil acesso a documentos da Casa Legislativa local referentes aos dois anos em que Odete Alves foi presidente, 1971 e 1972. Um outro motivo também foi determinante para a decisão pela mudança de pauta: durante a pré-produção da *Curinga*, revista-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), propus uma série de perfis sobre pessoas que constroem o Carnaval da escola de samba *Morro da Saudade*, sediada no distrito de Passagem de Mariana. A proposição foi rejeitada pelos editores e professores, embora tenha ajudado a construir uma nova proposta. O desejo pela produção de perfis e de um livro, entretanto, mantiveram-se e culminaram neste trabalho.

A proximidade com perfis jornalísticos surgiu em 2017, durante a disciplina “Redação em jornalismo”, ministrada pela professora Marta Maia, que orienta este projeto. Na ocasião, produzi dois breves perfis e o processo de construção desses textos, além das leituras indicadas ao longo da disciplina, reverberaram um interesse de me aprofundar na área. Por esse motivo, em 2018 cursei a disciplina “Jornalismo biográfico”, conduzida pela professora Agnes Mariano, e pude produzir um mini-documentário sobre a vida de um amigo, Alexandre Silveira, licenciado em Letras pela Ufop, bem como ter acesso a outras leituras e discussões. Também em 2018, cursei as disciplinas “Comunicação e cultura popular” e “Jornalismo cultural”, ministradas pelos professores Adriana Bravin e Cláudio Coração, respectivamente, que também foram importantes para conhecer um pouco mais as narrativas do eu. No mesmo ano, comecei a participar de um projeto de iniciação científica, com duração de 12 meses, que analisou os gêneros jornalísticos, angulações e temporalidades configurados nos perfis publicados pelos jornais *Estado de Minas*, *O Tempo* e *Super Notícia*. Fui bolsista pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (Propp) e orientado pelos professores Marta Maia e Felipe Viero.

Neste projeto, aprofundei-me na leitura de e sobre narrativas a respeito do outro; inclusive parte de sua bibliografia foi usada neste trabalho (CHAPARRO, 2008; KOTSCHO, 2009; MAIA, 2013; MELO, 2010; SODRÉ; FERRARI, 1986; VILAS BOAS, 2003; ZELIZER, 2014). Ainda que não o tenha aproveitado como poderia, por descuidos próprios,

acredito que foi essencial para que eu enxergasse o jornalismo biográfico como um campo fértil para a atuação profissional. Leituras que já havia feito, como os livros “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum, “Bandido raça pura”, de Fred Melo Paiva, “Olga”, de Fernando Morais, e “O anjo pornográfico”, de Ruy Castro, ganharam novos sentidos graças a uma nova compreensão sobre o assunto. Do mesmo modo, tornou-se mais forte o desejo de conhecer outros trabalhos semelhantes, como “Marighella”, biografia do guerrilheiro homônimo escrito por Mário Magalhães, e “Maysa”, biografia da “deusa da fossa” escrita por Lira Neto. Também tive a oportunidade de entender como histórias de vida são contadas nos principais jornais mineiros e o que as levam a aquelas páginas. Ao todo, foram 189 perfis analisados, retirados de 449 edições dos veículos acompanhados. Sem dúvidas, este trabalho de conclusão de curso é, acima de tudo, fruto da pesquisa financiada pela universidade pública.

Cabe ainda lembrar o primeiro perfil jornalístico¹³ (2015, não publicado) que escrevi, antes mesmo de ingressar na Ufop. No primeiro semestre de 2016, eu cursava jornalismo no Centro Universitário Estácio de Sá, em Belo Horizonte, quando, para um trabalho acadêmico, escrevi sobre a vida de um conhecido, o músico argentino Marcelo Méndez, fundador de um centro cultural em Lagoa Santa, na região metropolitana da capital mineira. Até aquele momento, eu não havia lido ou participado de qualquer discussão sobre perfis ou jornalismo biográfico, mas buscava uma narrativa em que o sujeito fosse o foco principal da história. Hoje, ao ler o texto, novamente, questiono histórias que me foram contadas e percebo a importância de um processo de apuração de informações mais complexo, que não se baseie apenas nas declarações contadas por uma fonte:

Entre tantas viagens realizadas em sua vida, chegando a conhecer mais de 40 países, algumas histórias vieram à mesa. Em 1991, ao assistir a um concerto em Cuba, sentou-se na mesma fileira do ditador Fidel Castro. Sete anos depois, reencontrou o cubano, desta vez na Colômbia, na casa de Gabriel García Márquez [...] Porém, preferiu não se aproximar de Castro, limitou-se a um cordial aperto de mãos (p. 2).

Também é preciso destacar minha breve relação com as escolas de samba de Mariana. Meu primeiro contato com elas ocorreu em 2017, durante a produção de uma reportagem para o portal *Lamparina*, alimentado por estudantes de Jornalismo da Ufop, ao longo da disciplina “Apuração, redação e entrevista”. Na época, conversei com representantes de três das quatro escolas ativas na cidade (*Acadêmicos do Barro Preto*, *Morro da Saudade* e *Vila do Carmo*) e

¹³ FERNANDES, Elias Costa. Uma vida regada à música. 2015, não publicado.

pude conhecer um pouco da realidade de cada uma. O interesse pessoal pelo samba e, em geral, pela canção popular brasileira foi importante para a escolha do tema neste trabalho.

A procura pelos personagens que foram perfilados nesta produção teve início em meados de outubro de 2019. Pessoas com quem eu já havia conversado, dois anos antes, foram procuradas e novas conversas aconteceram. O primeiro nome definido foi Rogério Cesário, homem negro de 53 anos, puxador de samba da *Morro da Saudade* e funcionário da empresa de telefonia Oi. A definição ocorreu após uma conversa com membros da escola de samba, em outubro de 2019.

Sônia Maria das Neves, mulher negra de 60 anos, costureira da *Morro da Saudade*, foi a segunda pessoa escolhida para o livro de perfis. Eu a conheci graças às conversas que tive com Rogério Cesário e outros dois membros da escola de samba, Otávio Luiz dos Santos e José Arlindo Pinto, presidente e vice-presidente, respectivamente.

A terceira definição, ao contrário das duas primeiras, não aconteceu em Passagem, mas na escola do bairro Santana, em Mariana, a cerca de uma semana do desfile no Carnaval. Encontrei, pela primeira vez, Maria Margarida da Silva, mulher negra de 53 anos, presidente da *Vila do Carmo* mirim e professora de educação infantil, durante um ensaio da bateria da agremiação que acontecia na Praça dos Ferroviários, no Barro Preto.

Logo depois, Flaviano Isidoro, de 40 anos, ex-carnavalesco da *Vila do Carmo*, diretor de escola pública, professor em um colégio particular de Ouro Preto e comerciante em Mariana, foi definido para o livro de perfis. Já havíamos conversado em 2017, durante a produção da reportagem citada anteriormente, para o portal Lamparina, e logo no início deste trabalho, no fim de 2019. No entanto, neste contato ele rechaçou a ideia de participar deste projeto, por estar afastado do Carnaval das escolas de samba, mas eu mantive o interesse em falar com ele. Voltei a procurá-lo em março deste ano e acertamos que ele seria um dos personagens deste trabalho.

A quinta pessoa definida para o livro de perfis vem da própria Ufop. José Benedito Donadon, de 61 anos, professor universitário, poeta e compositor, é autor de um sambanredo da *Morro da Saudade* e do hino da escola. Ele também conversou comigo em 2017 e, desde o início da produção deste trabalho, no segundo semestre de 2019, surgiu como um nome possível a ser perfilado. A escolha, porém, só ocorreu em junho deste ano, quando novamente realizei o convite a ele.

O último dos personagens retratados no livro faleceu há 17 anos e, portanto, o texto dedicado a ele é um obituário. Helvécio Ribeiro trabalhou como eletricitista, foi presidente e

co-fundador da *Mocidade Independente de São Gonçalo* e morreu aos 51 anos, de forma trágica. Cheguei até sua história em meados de julho, após ouvir sobre sua morte em uma das entrevistas que fiz com pessoas que integraram escolas de samba que já não estão em atividade no município, mais precisamente com Olga Tukoff, ex-presidente e ex-carnavalesca da *Unidos de Mariana*.

Cada um dos perfis foi pensado como diferentes capítulos, além da presença do prefácio, assinado pela orientadora deste trabalho, Marta Maia, e apresentação, escrita por mim. Também foi levantada a possibilidade de haver um posfácio ou um apêndice sobre a história do Carnaval das escolas de samba de Mariana e as próprias agremiações, entretanto, tal atividade demandaria muito tempo. Por isso, optei por falar um pouco sobre essa história na própria apresentação do livro.

Inicialmente, a ideia era que houvesse a impressão de exemplares do livro, de forma independente, para que fossem distribuídos aos perfilados, aos professores que participassem da banca e à Ufop. Do mesmo modo, foi prevista a disponibilização do material através da internet, por meio de PDF, para livre acesso ao público. O planejamento visual do livro foi pensado, desde o início do projeto, como mais uma atribuição autoral. Por esse motivo, nos primeiros meses de execução, conversei com o professor Ricardo Augusto, cuja atuação no jornalismo visual é notória, e recebi uma série de sugestões para o prosseguir do projeto.

Discurso sobre os resultados obtidos ao longo do processo de produção deste trabalho no tópico a seguir.

5. Análise dos resultados

A experiência da iniciação científica foi importante para que eu me sentisse à vontade com parte da bibliografia lida neste trabalho. Alguns autores e autoras sobre perfis e as narrativas do eu já eram conhecidos e foram lidos novamente, como Cremilda Medina, Leonor Arfuch e Pierre Bordieu, enquanto outras leituras surgiram ao longo do caminho. Teve proeminência o livro “Perfis no jornalismo: narrativas em construção” (2020), de autoria da minha orientadora, Marta Maia, por conta de seu conteúdo que abarca uma série de discussões, levantadas por vários e várias autores e autoras, desde as formas com que o sujeito foi evidenciado ao longo da história às histórias sobre o outro no jornalismo. O título permitiu

que pensamentos fossem articulados e revelou novos trabalhos que, até então, eu não conhecia.

Outras discussões, referentes ao Carnaval, cultura, cultura popular, comunidade, espaço e território foram pensadas a partir de autores como José Luiz dos Santos, Mikhail Bakhtin, Milton Santos, Roberto DaMatta, Stuart Hall e Terry Eagleton por sugestão da orientadora logo no início deste projeto. A reflexão sobre as escolas de samba e o gênero musical samba, por sua vez, foi possível graças a, entre as leituras, a tese de doutorado da pesquisadora Maria Eduarda Araújo Guimarães, “Do samba ao rap: a música negra no Brasil” (1999). Seu trabalho permitiu que a trajetória e as origens do samba e das escolas de samba fossem conhecidas e melhor interpretadas.

As leituras ocorreram desde o início deste trabalho ao fim. Na maioria das vezes, através de PDFs, mas também por meio de empréstimo de livros da biblioteca do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), enquanto ela esteve funcionando; desde a suspensão das atividades presenciais na Ufop, em março, o local está parado. “Perfis no jornalismo”, entretanto, está em minha prateleira e pôde ser consultado sempre que foi necessário.

Por seu lado, o processo de apuração do livro precisou se adaptar à realidade imposta pela quarentena por conta do novo coronavírus e, embora novas alternativas tenham sido usadas para não paralisar o projeto, é evidente que ele foi prejudicado. Se a ideia, a princípio, era percorrer as ruas dos bairros de Mariana e de Passagem e adentrar a casa das pessoas, a partir de março as ligações telefônicas passaram a ser essenciais para a realização de entrevistas. Houve alguns encontros presenciais já durante o isolamento, que só aconteceram porque foi o único modo possível naqueles momentos. Ainda assim, mantive uma distância considerável de cada uma das fontes e estivemos usando máscara (exceto uma delas, em sua casa).

Antes do início da quarentena, cujo início ocorreu em março, pude visitar a sede da *Morro da Saudade*, algumas vezes, e estar presente com carnavalescos da escola, quando conversamos por longas horas. Visitei a casa de Rogério Cesário, perfilado, e pude conhecer sua esposa, Alexandra, e as duas filhas, Pollyana e Paola. Também assisti a um ensaio da *Vila do Carmo* mirim, liderado Margarida da Silva, outra perfilada, e estive presente com Flaviano Isidoro (também durante a quarentena), também perfilado, em algumas ocasiões. Não assisti aos desfiles das agremiações deste ano, porque passava por alguns problemas pessoais; no entanto, tive a oportunidade de vê-las desfilar nos anos anteriores, quando, inclusive, mais escolas participaram. Com José Benedito Donadon, não estive presente

durante a produção do perfil sobre ele, mas conversamos, pessoalmente, outras vezes, nos meses e anos anteriores. Já sobre Helvécio, cujo texto é um obituário, estive presente com duas fontes: sua viúva, Madalena Trindade, eu estando na calçada de sua casa e ela em uma sacada, no segundo andar; e Oscar Patrocínio, um antigo amigo que me recebeu em sua casa. Também visitei a casa da família Ribeiro Leite, ligada à escola de samba *Unidos de Mariana*, já durante o isolamento. Ainda estive presente no *Jornal Ponto Final*, onde vasculhei seu arquivo e tive acesso a matérias sobre o Carnaval marianense desde 1995. As demais conversas e pesquisas realizadas ocorreram por telefone ou pela internet.

Acredito que muito se perde quando o trabalho a campo não pode ser realizado de forma plena. Uma entrevista feita presencialmente, diante da fonte ou personagem, é riquíssima. É possível observar os seus gestos e expressões, a roupa que veste, os objetos que carrega consigo. Se for em sua casa, o modo como decora os ambientes e a disposição dos móveis; tudo diz um pouco. Até mesmo o silêncio diante de uma pergunta ou um olhar para cima, típico de quando procuramos uma lembrança na memória ou uma boa resposta, são importantes e, numa conversa por telefone, podem ser confundidos com uma queda da ligação. O sair de casa para apurar nos abre possibilidades e horizontes, permite-nos ver, observar e conhecer o que ainda não sabemos. Tenho certeza de que, se não tivesse conhecido o barracão da *Morro da Saudade*, teria grandes dificuldades para pensar os textos sobre Rogério, Sônia e Donadon. Precisei ver os carros alegóricos desmontados, tocar as alegorias empilhadas e presenciar um pouco do distrito de Passagem de Mariana para narrar aquelas histórias. Foi um pouco frustrante, devo admitir, realizar várias entrevistas por telefone. Até porque, entre 2017 e 2019, trabalhei, como repórter, em um site de notícias de uma cidade onde morei, Lagoa Santa, sem poder ir a campo, já que estava em Mariana. Minha vontade era, enfim, exercer a reportagem fora do meu quarto no trabalho de conclusão de curso. Mas entendi que não poderia colocar em risco aqueles que tornaram possível este projeto e preferi fazê-lo de um modo mais seguro.

Outro ponto negativo, devo apontar, foi a ausência da *Morro da Saudade* e da *Acadêmicos do Barro Preto* no desfile deste ano. Apenas a *Vila do Carmo* desfilou (no domingo a adulta; na segunda-feira, a mirim), então as demais sequer se prepararam. Acredito que o acompanhamento da rotina de pré-Carnaval, sobretudo junto a Rogério, Sônia e Margarida, iria acrescentar bastante ao livro. De todo modo, os relatos ouvidos e as reportagens consultadas da imprensa local, como o *Jornal Ponto Final* e a TV Top Cultura, colaboraram para que um pouco dessa realidade fosse conhecida.

Ao todo, 24 entrevistas foram realizadas ao longo do processo de apuração, presencialmente e por ligação telefônica (duas delas ocorreram por chamada de vídeo, através do aplicativo do Google Meet). Outros vários contatos, no entanto, aconteceram através de mensagens escritas e áudios trocados pelos aplicativos Messenger e WhatsApp, na maioria das vezes para tirar dúvidas ou confirmar informações. Todas as entrevistas (pessoalmente ou por ligação telefônica) foram gravadas (com a permissão dos entrevistados) e estão armazenadas, no formato mp3, em uma nuvem que concentra uma série de arquivos analisados neste trabalho (apenas não estão lá os conteúdos já disponíveis na web, como o acervo do jornal *O Espeto*, de Passagem de Mariana); também estão guardadas as conversas trocadas por aplicativos. Estimo que cerca de 30 pessoas foram ouvidas em todas essas conversas, formais e informais, além de outras dezenas de vezes presentes em publicações consultadas da imprensa local. Documentos da Prefeitura e Câmara de Mariana, bem como da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), também foram lidos. Além disso, no YouTube há ainda uma série de vídeos que mostram desfiles das escolas de samba marianense em diferentes anos, que foram vistos.

Em virtude dos problemas que surgiram em meio à apuração, a redação dos perfis sofreu um atraso. A previsão, a princípio, era que todos estivessem prontos em meados de maio, mas foram finalizados apenas em setembro. Os primeiros textos escritos, referentes a Rogério, Sônia, Margarida e Flaviano, foram alvos de grandes e várias modificações no decorrer do ano. Minha orientadora, Marta Maia, em inúmeras vezes indicou caminhos que poderiam (e, de fato, conseguiram) desatar nós presentes nas narrativas. Os perfis de Rogério e Sônia, por exemplo, foram editados seis vezes, cada um, pela orientadora, antes de chegar à revisão, que ficou a cargo de Alexandre Henrique Silveira, um amigo, licenciado em letras pela Ufop e, atualmente, cursando o mestrado na mesma área e universidade. Os dois últimos textos, porém, sobre Donadon e Helvécio, tornaram-se maduros mais rapidamente, alvos de duas edições, cada um, graças ao amadurecimento da escrita alcançado ao longo do processo. Nos parágrafos adiante, comento sobre cada um dos textos.

O perfil-piloto, sobre Rogério, foi apresentado, preliminarmente, já na Banca 1 de TCC, em dezembro de 2019, e, como já dito no parágrafo anterior, ele foi bruscamente modificado ao longo de 2020. Trata-se de um perfil que reconstitui memórias relacionadas à relação de Rogério com sua escola de samba, mas também com seus familiares, como os pais, irmãos e esposa, além da comunidade onde vive, o distrito de Passagem de Mariana. Com ele,

encontrei-me na sede da agremiação carnavalesca e também em sua casa, onde pude conhecer sua esposa e suas duas filhas. Entrevistas também ocorreram por ligações telefônicas.

Já o texto sobre Sônia é fruto dos encontros que tiveram início em janeiro deste ano, na sede da escola de samba, e foi o primeiro a ser concluído. Semelhante ao perfil-piloto, a narrativa sobre Sônia traz memórias de sua adolescência e juventude e busca relacionar os afetos que ela expressa pela sua escola de samba e por sua família.

O perfil sobre Margarida, por sua vez, concentra-se, essencialmente, em seu cansaço por estar, há tantos anos, à frente da agremiação mirim. Essa fadiga, por outro lado, não quer dizer que ela queira abandonar a escola de samba. O encontro que tivemos durante o ensaio da *Vila do Carmo* mirim, relatado no tópico anterior, foi o nosso único presencial, já que, logo depois, o Brasil se viu na necessidade de realizar uma quarentena por conta da pandemia do novo coronavírus. Por isso, nossas conversas seguintes aconteceram, sempre, por ligações telefônicas, o que dificultou uma maior aproximação, mas, ao mesmo tempo, tornou possível um contato naquele momento.

Flaviano, também perfilado, é retratado em um texto que discorre sobre sua vaidade e o prazer que ele encontra ao cuidar de sua aparência física. Os conflitos que marcaram sua participação nas escolas de samba *Mocidade Independente de São Gonçalo* e *Vila do Carmo* ilustram um pouco de sua personalidade. Foram feitas entrevistas por telefone, mas também nos encontramos, pessoalmente, em duas ocasiões; a primeira, antes de ter início a quarentena; já a segunda, em meio às recomendações de isolamento social, mas afastados e com máscaras.

Já o perfil sobre José Benedito Donadon destaca sua versatilidade na produção artística, do samba-enredo e o baião à poesia aldravista (de que é um dos fundadores) e ao haikai, e traz impressões de pessoas que cruzaram sua vida. O texto ainda busca uma analogia entre a aldravia e a sua história de vida.

Por fim, o obituário de Helvécio narra o dia da morte de sua morte e traz relatos sobre sua vida e o modo como vivia. Conversas com a esposa que Helvécio deixou, Madalena Trindade Ribeiro, e com um antigo amigo, Oscar Patrocínio (que, inclusive, é pai de Flaviano Isidoro), além da consulta ao acervo do *Jornal Ponto Final*, foram fundamentais para o processo de apuração.

Após o fim do processo de edição, os textos foram enviados aos perfilados e a Madalena Trindade, viúva de Helvécio Ribeiro, para que fossem lidos e eventuais erros ou inconsistências fossem apontadas e consertadas; apenas uma etapa de checagem de

informações. Felizmente, nenhuma discordância sobre o teor das narrativas foi apontada pelos personagens retratados no livro, as reações foram positivas e apenas pequenos erros foram indicados. Rogério Cezário, por exemplo, afirmou ter se sentido emocionado ao ler trechos do seu perfil “O puxador de samba”. Já José Benedito Donadon agradeceu pelo “carinho e cuidado” pelos quais foi tratado em “O poeta aldravista”. Enquanto isso, um dos erros foi apontado no perfil de Rogério Cezário: houve uma menção errônea à Igreja de Nossa Senhora da Saúde, localizada em Lagoa Santa, logo alterada para a Igreja de Nossa Senhora da Glória, em Passagem de Mariana. Contudo, até o fechamento deste trabalho, não houve retorno por parte de Flaviano Isidoro em relação ao perfil “Todas as cores” nem de Madalena Trindade quanto ao obituário “Não deixe o samba morrer”. Acredito, particularmente, que porque ainda não tenham sido lidos. A revisão textual ocorreu logo após o fim da edição.

O planejamento visual, por sua vez, talvez tenha sido o processo menos embaraçoso. A pretensão de imprimir exemplares do livro foi abandonada por conta de problemas financeiros, mas ele teve sua estrutura mantida e, como previsto desde o início do projeto, realizada por mim. As dimensões escolhidas para as páginas foram 17 e 10,5 centímetros, no estilo livro de bolso, enquanto as margens: nas páginas esquerdas, 26,5 milímetros (superior), 12,7 milímetros (esquerda), 20 milímetros (inferior) e 16 milímetros (direita); e direitas, 26,5 milímetros, (superior), 16 milímetros (esquerda), 20 milímetros (inferior) e 12,7 milímetros (direita). Diferentes tipografias foram testadas, até que as seguintes foram escolhidas: Adobe Caslon Pro para folha de rosto (*semibold*, *italic* e regular), créditos (*italic* e regular), dedicatória e epígrafe (*italic* e regular), texto corrido, numeração das páginas e sumário (regular), assinatura do prefácio (*italic*) e títulos em geral (*semibold*); e Heading Smallcase Pro Trial (*book*) para identificação dos capítulos nas páginas esquerdas (canto superior à esquerda) e nome do livro nas páginas direitas (canto superior à direita).

Os textos verbais dos seis capítulos do livro (“O puxador de samba”, “A guardiã”, , “Retalhos de cetim”, “Todas as cores”, “O poeta aldravista” e “Não deixe o samba morrer”), bem como do prefácio e da apresentação, são iniciados nas páginas da direita. Nos capítulos, as páginas à esquerda contam com ilustrações que vão de encontro com a capa, cujo título e subtítulo estão na fonte tipográfica Playfair Display (regular) e o nome do autor na Heading Compressed Pro (*extra light*); os escritos do livro, aliás, estão na cor preta, com exceção do subtítulo na capa, acinzentado. A capa conta com uma ilustração de uma mulher negra, dançando e trajando um longo vestido, rodado e colorido. Com isso, busquei representar o Carnaval das escolas de samba com, provavelmente, sua principal instituição, a mulher negra.

A extensão do vestido indica o que está além da avenida, afora do espetáculo na avenida, a passarela do samba, enquanto as cores representam a diversidade de escolas de samba e os carnavalescos que as integram. As ilustrações que abrem os seis capítulos, nas páginas esquerdas, são fragmentos desse vestido.

Diante da preocupação em disponibilizar o livro ao público, posteriormente à Banca de avaliação deste trabalho, uma alternativa surgiu no fechamento de sua produção. Já que não há a possibilidade de publicá-lo por meio de uma editora nem de realizar uma impressão, ainda que limitada, por questões financeiras, foi decidido que o trabalho será publicado através da plataforma Kindle Direct Publishing, da Amazon, como autor independente, em meados de novembro deste ano. Esta alternativa não demandará gastos e requer apenas que a capa da publicação seja enviada (a mesma usada na versão apresentada na Banca de avaliação deste trabalho) e que o texto seja formatado para o formato *e-book*; além disso, o livro será registrado através do International Standard Book Number (ISBN). Para que isso ocorra, todos os perfilados deverão assinar um termo de consentimento em que permitem o uso de suas imagens, nomes e dados biográficos, alcançados ao longo do processo de apuração deste trabalho, nos perfis que integram o livro produzido, já que a autorização inicial dada não se refere a uma publicação desse porte. Infelizmente, no entanto, não é possível disponibilizar um livro gratuitamente na Amazon, como foi inicialmente pensado, então ele será vendido pelo preço mínimo, R\$ 1,99 (*royalties* de 35%, cerca de R\$ 0,69, por venda, ao autor), e ainda pode ser lido, gratuitamente, por assinantes do Kindle Unlimited.

Produzir este trabalho, ao longo de um ano, permitiu a mim conhecer um pouco do cenário cultural de Mariana para além dos panfletos e releases da Prefeitura, que costumam se gabar do “Carnaval da família” realizado no município. A realidade das escolas de samba marianenses parece muito mais próxima dos bairros que da ideia de “Primaz de Minas”, a cidade que, geralmente, privilegia o centro em detrimento das periferias em suas realizações. A impressão que tenho, hoje, é que a trajetória dessas agremiações carnavalescas podem contar muito sobre a história da própria Mariana, seu povo, seus bairros e distritos, mas há um sério risco de que as memórias se percam com o passar do tempo, já que não são abundantes os registros a respeito dessa expressão cultural e há tantas ex-escolas de samba quanto escolas em atividade. Por isso, considero importante que o curso de jornalismo da Ufop se volte às questões das comunidades locais, como vem fazendo desde sua fundação. São muitas as tensões presentes no âmbito sócio-político-cultural de Mariana e também cabe à academia dar-lhes a devida atenção.

Do mesmo modo, reconheço que escrever sobre o outro, neste trabalho, tem reafirmado como é necessário refletir sobre a alteridade na atividade jornalística. Acredito que são indispensáveis, ao repórter, disposição e curiosidade para ouvir e contar histórias já conhecidas ou não pelas pessoas, com atenção aos mais variados detalhes e às diversas nuances nelas contidas. Pessoas, lugares e coisas são difusos e passíveis de interpretações diferentes, a depender de quem vê. Talvez seja por isso que, lendo os perfis escritos por mim, tive sensações distintas em cada leitura, na maioria das vezes me questionando sobre a ausência de algum relato ou acerca da presença de alguma menção. Também creio que uma apuração nunca está completa e sempre algo mais pode ser feito, ainda que em outro tempo e em outra plataforma. Eu, particularmente, numa espécie de autocrítica, ouviria mais pessoas para o livro produzido e, certamente, até mudaria o tom de uma ou outra narrativa. Minha grande preocupação, ao fim deste trabalho, é ter limitado algum personagem a qualquer tipo de estereótipo ou preconceito. De todo modo, como ser humano, sou passível de erros. Todavia, vejo com bons olhos o processo e o produto, guiados pelas preocupações trazidas ao longo deste memorial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo/Brasília: Ed. Hucitec/ Ed. Universidade de Brasília, 1987.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**. São Paulo: Summus, 2008.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem: histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Leya, 2012.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2009.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de Cultura**. São Paulo: UNESP, 2005

FARIA, Guilherme José Motta. As escolas de samba do Rio de Janeiro nos anos 60 e as narrativas sobre a história do negro na avenida. **Faces da História**, Assis, v. 3, ed. 2, p. 75-97, jul.-dez. 2016.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. **Do samba ao rap: a música negra no Brasil**. Orientador: Prof. Dr. Octavio Ianni. 1998. 271 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2009.

MAIA, Marta Regina. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges (Orgs.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso Editora, 2013, p. 176-188.

_____. **Perfis no jornalismo:** narrativas em composição. Florianópolis: Insular, 2020.

MAROCCO, Beatriz. Fragmentos de vidas exemplares. **Revista Flamencos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 372-289, mai.-ago. 2013.

MATHEUS, Leticia Cantarela. **Comunicação, tempo, história:** tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.

_____. Memorial para concurso de titular junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECSA/USP, 1993.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil.** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PAIVA, Fred Melo. **Bandido raça pura:** e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum:** comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERNY, Mônica Menezes; MELLO, Denise Maurano. **Máscaras: eu te conheço, Carnaval.** Belo Horizonte: II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2013.

RAYMUNDO, Jackson. Escola de samba: uma escola do povo negro, o negro enredo do samba. **Revista Arredia**, Dourados, v. 1, ed. 3, p. 60-73, dez. 2013.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa:** a intriga e a narrativa histórica. Vol. 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

SANTOS, Katia Regina da Costa. **Dona Ivone Lara:** voz e corpo da síncopa do samba. Orientadora: Susan Canty Quinlan. 2005. 189 p. Tese (Doutorado em Romance Languages) - Universidade da Geórgia, Athens, 2005.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1998.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, Rafael de Freitas e. **Trabalho e cotidiano na mineração aurífera inglesa em Minas Gerais: A Mina da Passagem de Mariana (1863-1927)**. Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Pereira Toledo Machado. 2009. 478 p. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**, Petrópolis: Vozes, 2011.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Unesp, 2007.

VENTURA, Zuenir. **Minhas histórias dos outros**. São Paulo, Planeta, 2005.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. (Org.). **Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973.

YAMAMOTO, Eduardo Yugi. A comunidade dos contemporâneos. **Galaxia**, São Paulo, online, n. 26, p. 60-71, dez. 2013.

ZELIZER, Barbie. Memory as foreground, journalism as background. In: **Journalism and memory**. Palgrave Macmillan UK, 2014. p. 32-49.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevistas realizadas e depoimentos formais recebidos (em ordem cronológica)

- José Arlindo Pinto; José Roberto de Paula; Otávio Luiz dos Santos; e Rogério Cesário: 16 de outubro de 2019;
- Rogério Cesário: 2 de novembro de 2019;
- Rogério Cesário: 14 de novembro de 2019;
- Sônia Maria das Neves: 13 de janeiro de 2020;
- Efraim Rocha: 4 de março de 2020;
- Flaviano Isidoro: 7 de março de 2020.;
- Sônia Maria das Neves: 10 de março de 2020;
- Flaviano Isidoro: 19 de março de 2020;
- Maria Margarida da Silva: 24 de março de 2020;
- Maria Margarida da Silva: 16 de abril de 2020;
- Alexandra de Oliveira; Rogério Cesário: 14 de maio de 2020;
- José Arlindo Pinto: 17 de maio de 2020;
- Maria Madalena Ferreira: 28 de maio de 2020;
- Olga Tukoff: 7 de julho de 2020;
- Rogério Cesário: 9 de julho de 2020;
- Maria Margarida da Silva: 10 de julho de 2020;
- José Benedito Donadon: 14 de julho de 2020;
- Efigênia Ribeiro Leite; Eliane Ribeiro Leite; e Alcione Ribeiro Leite: 22 de julho de 2020;
- Flaviano Isidoro: 24 de julho de 2020;
- Maria Madalena Trindade Ribeiro: 27 de julho de 2020;
- Oscar Patrocínio: 31 de julho de 2020;
- Andreia Donadon Leal: 6 de agosto de 2020;
- Maria Madalena Trindade Ribeiro: 7 de agosto de 2020;
- Marta Maia: 14 de setembro de 2020;
- Hebe Rôla: 15 de setembro de 2020.

APÊNDICE B - Veículos de comunicação e órgãos públicos consultados (em ordem alfabética)

- Assembleia Legislativa de Minas Gerais;
- Blog Alalaô (Folha de São Paulo);
- Câmara Municipal de Mariana;
- Folha de São Paulo;
- Folhapress;
- G1;
- Gazeta de Mariana;
- Jornal O Espeto;
- Jornal O Liberal;
- Jornal O Tempo;
- Jornal Panfletus;
- Jornal Ponto Final;
- Jornal Voz Ativa;
- Lamparina;
- Portal da Cidade de Mariana;
- Prefeitura Municipal de Mariana;
- R7;
- TV Inconfidentes;
- TV Top Cultura;
- TV Ufop.

APÊNDICE C - Produto jornalístico

Elias Fernandes

além da avenida
carnavalescos de Mariana em perfis



além da avenida:
carnavalescos de Mariana em perfis

Elias Fernandes

Este livro foi produzido como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop)

orientação
Marta Maia

revisão
Alexandre Henrique Silveira

projeto gráfico e capa
Elias Fernandes

Mariana
2020

*Para Sônia,
minha mãe*

*Hoje, eu quero apenas
Uma pausa de mil compassos
Para ver as mentiras
E nada mais nos braços
Só este amor
Assim, desorientado
Quem sabe de tudo não fale
Quem não sabe nada se cale
Se for preciso, eu repto
Porque, hoje, eu vou fazer
Ao meu jeito, eu vou fazer
Um samba sobre o infinito*

Paulinho da Viola
(Trecho da canção "Para ver as mentiras")

sumário

prefácio.....	09
apresentação.....	13
o puxador de samba.....	22
a guardiã.....	38
retalhos de cetim.....	52
todas as cores.....	66
o poeta aldravista.....	82
não deixe o samba morrer.....	100

prefácio

Vidas importam para aqueles e aquelas que interagem com as pessoas, que sentem o pulsar dos ritmos que escrevem o cotidiano, tão vilipendiado pelas dores dos nossos tempos de pandemia, desmatamento, violência e desigualdades, entre tantos outros problemas. Os infortúnios, entretanto, nunca são absolutos, há sempre brechas para o amor, para a solidariedade, para a vivência, afinal, como diz o poeta “não estamos alegres, mas por que razão haveríamos de estar tristes?”. No fluxo incessante de nossas vidas, há um tempo para tudo, há espaços a serem ocupados, há ruas a serem preenchidas, há corações a serem confortados, há esplendores a serem exibidos porque “gente é pra brilhar, não pra morrer de fome”. Alguém poderia dizer que o carnaval é o lu-

gar da ostentação, da lavagem de dinheiro, de privilégios. Sim, não se pode negar esse diagnóstico, mas, paradoxalmente, é também um espaço de liberdade, de vadiagem, de lantejoulas. Como ficar imune a essa festa tão aguardada pelo povo brasileiro? Como desconsiderar essa festa que agencia pessoas de todas as classes e matizes para os dias de folia? Que amplia nossos horizontes de imagens e cores de todos os tons?

Essa é a proposta deste livro. Com a diferença que, nas próximas páginas, ninguém irá ter, de maneira sistematizada, acesso ao modo como o carnaval aparece ou como as escolas se organizam. Não, o que iremos acompanhar é o dia a dia de pessoas como Sônia, Rogério, Margarida, Flaviano, Donadon, entre tantos outros e tantas outras que poderiam estar aqui retratadas. Vale dizer que há algo de surreal nas composições em tela. As palavras não são compostas de maneira linear, com o objetivo de dar sentido às vidas. Elas surgem de maneira fluente, sem julgamentos, mas nem por isso, imparciais. As escolhas são evidentes, as pessoas

têm motivo para estarem aqui. O jornalista que escreve, Elias Fernandes, sabe o que quer, e isso é muito bom.

Elias cursou jornalismo na Universidade Federal de Ouro Preto. Um curso que já revela suas intenções no Projeto Pedagógico quando atesta que o aprendizado é um “processo movido não só pela curiosidade, mas também pela arte de comunicar descobertas, de falar ao outro, de se fazer entender pelo outro”. E essa interação relacional eu posso garantir que aconteceu. Seja pela reescrita incessante de todos os textos, seja pela preocupação em não provocar constrangimentos, seja pelo retorno dado a cada entrevistado/a. Todos e todas tiveram a oportunidade de ler o material que estará à disposição a seguir. Censura? Claro que não, mas sim cuidado com o outro, alteridade, empatia. Precisamos de mais horizontes e menos muros, mais mãos que se tocam do que mãos que ferem.

Narrar histórias de vida não é tarefa fácil, sobretudo porque ao falar sobre o outro, como nos diria Sartre, também estamos

falando sobre nós mesmos. Esse encontro com o outro, com outras perspectivas, muito provavelmente mudou Elias, agora um profissional ciente de sua responsabilidade para com as pessoas e o mundo que nos cerca. Ao trazer histórias de personagens que moram em Mariana, cidade onde se localiza o curso, ele também fala sobre o local, sobre quem está próximo, sobre particularidades que aproximam ainda mais nós e os outros, produzindo deslocamentos e sentidos que nos impulsionam para a rua, para a festa e, porque não, para dentro de nós mesmos. O convite está lançado; vamos conhecer um pouco sobre cada um desses nomes que trazem histórias tão diversas como a vida – a que vivemos, a que sentimos e a que idealizamos –, afinal, somos seres humanos, incompletos e contraditórios.

Marta Maia
(Em uma tarde quente de outubro de 2020)

apresentação

Há quase 50 anos, os blocos carnavalescos de Mariana, em Minas Gerais, ganharam uma companhia nos meses de fevereiro: o desfile das escolas de samba. Inspiradas nas agremiações do Rio de Janeiro, que cresciam cada vez mais e construíam o que seria o maior espetáculo a céu aberto do Brasil, as escolas marianenses passavam a ser criadas em diferentes bairros da cidade, com o protagonismo de pessoas negras, figurando como mais uma atração na região onde os blocos de rua dominavam (e ainda dominam) o interesse dos foliões. O resultado, depois de todo esse tempo, é difuso: há conquistas e retrocessos. Mas não se pode negar a importância que tem a já tradicional apresentação.

A primeira escola de samba criada no município, que se tem notícia, é a *Unidos de*

Mariana, na região central da cidade, entre 1966 e 1968. Depois dela, vieram *Chegamos Agora* (origem indefinida), *Unidos do Rosário* (do bairro Rosário e cuja data de fundação é indefinida), *Vila do Carmo* (do bairro Santana, em 1980), *Morro da Saudade* (do distrito Passagem de Mariana, em 1984), *Mocidade Independente de São Gonçalo* (do bairro São Gonçalo, em 1996), *Mestre Athayde* (de Passagem de Mariana, em 2002) e *Acadêmicos do Barro Preto* (do bairro Barro Preto, em 2007). Dessas, apenas a *Vila do Carmo*, *Morro da Saudade*, *Mestre Athayde* e *Acadêmicos do Barro Preto* seguem em atividade. Mas, pelo histórico das agremiações marianenses e os imbróglis de financiamento, não seria mero pessimismo questionar até quando.

Dois problemas despontam como as principais causas para o fechamento das escolas de samba na cidade. O primeiro e, provavelmente, mais sustentável, é a dificuldade de manutenção com pouco dinheiro. As verbas repassadas pela Prefeitura às agremiações nem sempre existiram e, segundo quem trabalha na área, não são suficientes para a rea-

lização de um grande espetáculo. Além disso, não há crescimento real e regular nos últimos anos. O segundo motivo é o abandono dos próprios carnavalescos, que vão se cansando com o frustrar das expectativas ao longo dos anos – o que é compreensível.

A mão de obra é voluntária, e os carnavalescos precisam se desdobrar para arrumar tempo para seus trabalhos, famílias e atividades nos barracões. Barracão, por sinal, é artigo de luxo na cidade. Só a *Morro da Saudade* tem um próprio e precisou da solidariedade de muita gente para construí-lo. As outras instituições alugam imóveis no pré-Carnaval, em anos mais abastados, ou acabam improvisando, transformando as casas dos membros das diretorias em autênticos ateliês e oficinas.

Mas, apesar das dificuldades, nunca faltaram beleza e emoção nos desfiles, dizem os assíduos frequentadores. Não por acaso, as escolas *Mestre Athayde*, *Morro da Saudade* e *Unidos de Mariana* são declaradas, por lei, utilidade pública municipal, e *Vila do Carmo* e, novamente, *Unidos de Mariana*, utilidade pública estadual. As agremiações marianen-

ses já apresentaram, em diferentes trajetos, os mais diversos enredos. Pela rua Dom Vicoso, avenida Salvador Furtado ou avenida Getúlio Vargas, cantaram sambas-enredos que homenagearam temáticas locais, como o Ribeirão do Carmo e o distrito de Cachoeira do Brumado, e reverenciaram elementos de culturas africanas.

Tudo isso graças aos voluntários. Dirigentes, carnavalescos e carnavalescas, compositores e compositoras, passistas, baianas, mestressalas e porta-bandeiras, intérpretes de sambas-enredos, integrantes das baterias, figurinistas e costureiras... São muitos os realizadores e realizadoras, às vezes acumulando diversas funções. Pessoas que, embora envolvidos à mesma festa, são donas de suas próprias histórias, sofrem dos próprios traumas e celebram suas inúmeras conquistas. Algumas delas eu trago neste livro, em narrativas que não contemplam toda sua complexidade, é claro (nem é essa a pretensão), mas que revelam um pouco de cada uma. Encontrados pelo acaso de longas conversas e conhecidos ao longo do último ano, em an-

danças pelos bairros de Mariana, por meio de pesquisas por documentos e outras publicações diversas, de atos dos poderes públicos à imprensa local. Em alguns casos, fui a suas casas e conheci seus familiares e amigos. Em outros, a maior parte dos encontros ocorreu por telefone e pela internet, já que uma pandemia chegou e o isolamento social se tornou necessário.

A produção deste livro teve início em outubro de 2019, para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Universidade Federal de Ouro Preto. Com a orientação da professora Marta Maia, referência nos estudos de perfis jornalísticos no país, optei por trabalhar com o universo das escolas de samba de Mariana, cidade onde vivo há quatro anos, por dois motivos essenciais: primeiro, a curiosidade pela música popular e, especialmente, o samba; segundo, o interesse pelo jornalismo biográfico e, de forma particular, os perfis. É por esse motivo que, ao longo da graduação, cursei as disciplinas Comunicação e Cultura Popular, Jornalismo Biográfico e Jornalismo Cultural.

E, felizmente, também tive a oportunidade de pesquisar, também sob a orientação da professora Marta, as narrativas, temporalidades e angulações configuradas nos perfis publicados por três jornais mineiros, *Estado de Minas*, *O Tempo* e *Super Notícia*.

Ao longo do processo de apuração que culminou neste trabalho, algumas histórias curiosas ocorreram. No fim da tarde de uma sexta-feira, por exemplo, andando pelo bairro São Gonçalo, cheguei à casa de um senhor chamado Oscar Patrocínio. Eu procurava por pessoas que conheceram um dos personagens deste livro e seu nome me foi indicado. Apenas quando conversávamos, já nos sofás de sua sala, eu me dei conta de que falava com o pai de um outro personagem. Se não bastasse, ao fim da conversa, conversei com uma vizinha ao lado, viúva de um outro personagem que trago aqui. Ela falava de sua sacada, no segundo andar; eu a ouvia da calçada, alguns metros abaixo.

Numa outra ocasião, fui a Passagem de Mariana para conversar com um dos personagens retratados neste trabalho. Para a mi-

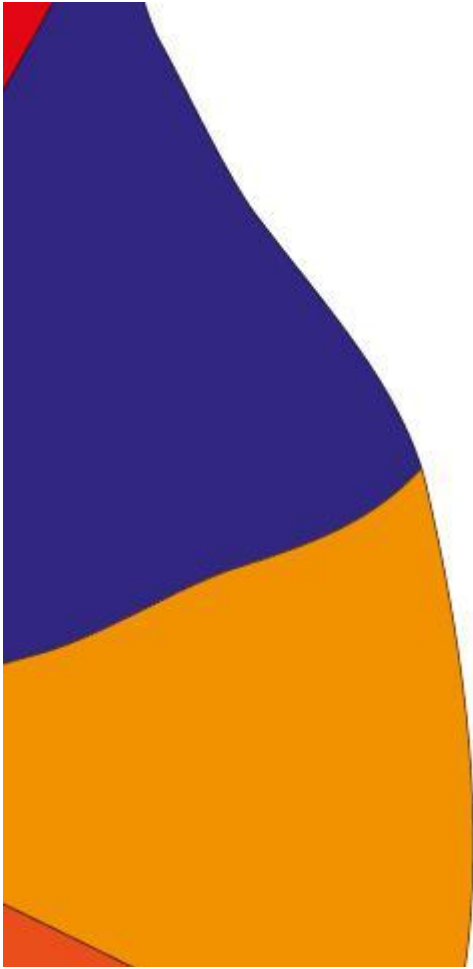
nha surpresa, ao chegar, além dele, encontrei outros três membros da escola de samba *Morro da Saudade*. A conversa, que teria um tom mais pessoal, acabou ganhando novas direções, e os três observadores volta e meia intervieram, trazendo recordações que complementavam ou até corrigiam as contadas pelo perfilado. Achei curioso como, naquela entrevista, a relação com o Carnaval os faziam parecer tão próximos com a figura do carnavalesco, ao mesmo tempo que eram, e são, tão distintos.

É preciso ressaltar que, para além das pessoas trazidas neste livro, outros vários nomes poderiam, perfeitamente, também estar aqui. José Arlindo Pinto e José Roberto de Paula, da *Morro da Saudade*; Maria Madalena Ferreira, da *Vila do Carmo*; Alcione Ribeiro Leite, da *Unidos de Mariana*; Madalena Trindade Ribeiro, da *Mocidade Independente de São Gonçalo*; e Ângela Lopes, da *Acadêmicos do Barro Preto*, são alguns deles. Esta, inclusive, faleceu poucos meses após conversarmos sobre o projeto, no primeiro semestre deste ano. O tempo, no en-

tanto, indicou que este trabalho se debruçasse sobre seis personagens. Cinco deles foram retratados em perfis e o último em um obituário.

Rogério, o puxador de samba que nasceu em meio à desesperança de uma família que acabara de enterrar dois bebês. Margarida, a presidente de uma escola de samba mirim que está cansada do trabalho, mas não consegue encontrar alguém para sucedê-la e, por isso, mantém-se a postos. Flaviano, o carnavalesco que se expressa, através da fantasia, em uma cidade que considera conservadora. Sônia, a costureira que, com calma, espera pelo próximo Carnaval. Donadon, o poeta que subiu o morro de Passagem de Mariana e se encantou com o universo das escolas de samba. E Helvécio, o dirigente que morreu numa batucada de samba.

De alguma maneira, histórias de vida que perpassam umas às outras e revelam modos de ser e de viver de cada um, além de nuances do Carnaval das escolas de samba para além do espetáculo em si, dos bastidores às intrigas.



1. o puxador de samba

Quando Rogério estava para nascer, em meados de 1967, seus pais não se preocuparam com o enxoval. Há pouco tempo, haviam perdido dois bebês, de gestações diferentes, que morreram desidratados pela disenteria após nascerem, aparentemente, sem problemas. Rogério, assim como eles, veio ao mundo pelas mãos de uma parteira, mas chegou franzino, cabeludo e envolto à desconfiança de uma família que havia passado por dois funerais. E funeral de criança, dizem, é pior que de adulto, já que são sonhos enterrados de quem nem teve tempo para sonhar. Mal passou o parto, o menino foi batizado às pressas, apadrinhado pelos irmãos mais velhos, porque criança alguma poderia morrer sem antes passar pelo primeiro dos sacramentos. Mas sobreviveu à desesperança da família e

cresceu como o caçula da casa, o único filho gerado durante o casamento de Seu Francisco e Dona Nana.

Seus pais se conheceram em Passagem de Mariana, depois de perderem os respectivos cônjuges. Viúvos e já com filhos, aproximaram-se no dia a dia do distrito, acabaram se envolvendo e decidiram se casar para construir uma nova vida. Francisco trabalhava na Vila Ferroviária e Nana, em uma lavoura de chá da região. Viveram, juntos, na Estação Ferroviária de Passagem, cuidando do local e convivendo com o vai e vem dos trens e dos vagões. Na casa onde ocorriam encontros e despedidas, mais ninguém da família se foi.

Quem vê Rogério Cezário, de 52 anos, certamente não imagina o drama que viveu sua família durante seu nascimento. Casado, pai de duas filhas já crescidas e morador de Passagem de Mariana desde sempre, ele não se parece, nem de longe, com a frágil criança que já foi. Não é mais miúdo nem tão cabeludo como antes, mas forte, saudável e dono de um riso fácil. Guarda, na memória, inú-

meras histórias que podem lhe custar horas contando aos ouvidos dos amigos e colegas.

Hoje, Rogério é puxador de samba da *Morro da Saudade*, uma escola de samba do mesmo lugar onde mora. Pela agremiação, ele vai à avenida Getúlio Vargas, no centro de Mariana, ano após ano, durante o Carnaval, e canta por aproximadamente uma hora, junto de outros três colegas, praticamente sem parar. Pausa, ele diz, só para beber água, porque "garganta seca aguenta menos a cantoria". Ao fim do desfile, deixa, rouco, o carro de som e volta para o distrito onde mora, mantendo o clima de folia, porque ainda restam a terça-feira, mais um dia de farra, e a quarta-feira de cinzas, quando, enfim, poderá descansar.

Para preparar a voz, o cantor dispensa grandes rituais e aposta em medidas simples: costuma mastigar gengibre antes de começar a cantar e evita tomar bebidas geladas nos dias que antecedem o desfile; inclusive cerveja, que tanto gosta. Passa as semanas anteriores à segunda-feira de Carnaval ensaiando em frente ao barracão da *Morro*, junto à bateria

da escola, e cantando o samba-enredo pela casa, todos os dias e especialmente no banho, para a irritação da esposa, Alexandra:

— Ele anda pro lado, anda pro outro, sempre cantando... Eu digo: “Tá doido, homem? Na hora que for cantar na rua mesmo, não vai ter voz!”.

Rogério prefere sambas curtos e com refrãos fortes porque, em sua visão, são eles que caem na boca do povo mais facilmente. Nos desfiles em que sua escola levou à avenida letras mais longas, sem muitas rimas, não houve alvoroço entre o público, ele argumenta. E isso desanima qualquer puxador de samba. Os enredos mais fáceis de decorar, porém, não são garantia de menos esforço ao cantar. Alguns caem melhor em sua voz, mas outros lhe pedem agudos que só saem depois de uma prece à Nossa Senhora Aparecida, a padroeira da agremiação.

— O enredo tem que ter maldade. A pessoa ouviu ali e já grava.

A primeira vez que puxou o samba da *Morro da Saudade* foi em 1984, no centro de Mariana, quando a escola dava seus primei-

ros batuques; a agremiação havia acabado de deixar de ser o bloco de rua bate-latas que agitava Passagem há nove anos. Rogério tinha apenas 16 anos e, conhecido por cantar na Igreja Nossa Senhora da Glória, assumiu a responsabilidade de dar a voz, sozinho, ao samba-enredo da escola frente ao público. Naquele momento, estava intruso em meio aos que viviam nos bairros centrais, mas não sucumbiu ao representar o distrito de Passagem. Apanhou o microfone, olhou para a bateria do bloco, da qual era íntimo, respirou fundo e começou a cantar, ainda um pouco sem graça diante das pessoas. Aos poucos, porém, foi perdendo a timidez e soltou a voz com mais liberdade, cada vez mais à vontade, no ritmo da canção:

Ó, ô, ô, ô, ô!
O Morro da Saudade hoje desceu
Ó, ô, ô, ô, ô!
Da nossa escola, a alegria renasceu, ô, ô, ô!
Descendo a fonte da Glória
Ou agitando ao rufar da bateria
Que nos abençoe quem quiser

*O nosso negócio é alegria
Traz, no verde, a esperança
No amarelo, traz o ouro
E, no branco, traz a paz
E com seu brilhante azul anil
Completa as cores da bandeira do Brasil, ô, ô, ô!*

Dali em diante, continuou emprestando sua voz ao samba da agremiação verde, branca e amarela, anunciando-a, nos desfiles, com um sonoro "alô, nação passagense, chegou a hora! Canta, meu povo!". Mesmo quando não pôde ir à avenida, por estar trabalhando, participou dos ensaios com a bateria e os demais puxadores. Tornou-se também o primeiro presidente da *Morro da Saudade*, aos 18 anos, e foi voz ativa na defesa de que a já escola se apresentasse apenas no distrito, longe da cidade, como fazia quando tudo começou.

Em 1985, ele e os integrantes da escola ficaram cansados de esperar por um ônibus da Prefeitura que nunca chegou. O transporte iria levar os foliões passagenses para o centro de Mariana; a escola foi chamada

a entrar na avenida e não havia ninguém para desfilar. A apresentação acabou acontecendo mesmo em Passagem, abrindo um período de 15 anos de rejeição aos convites dos prefeitos, interessados em centralizar a festa no centro da cidade. A volta definitiva ao Carnaval de Mariana só aconteceu depois de muito diálogo entre a Secretaria de Cultura e os carnavalescos, que exigiram receber o mesmo valor de subvenção que as demais agremiações do município.

O puxador de samba também se aproximou do teatro, ao longo de sua juventude, e integrou um grupo de atores e roteiristas amadores do distrito, coordenados pela professora Lêda, personagem conhecida da comunidade. Juntos, os jovens escreviam peças e atuavam no salão paroquial da Igreja Nossa Senhora da Glória, cobrando ingressos que, depois, eram revertidos à própria igreja e outras entidades de Passagem, como as bandas de música. Rogério gostava de citar moradores locais em seus textos e apostava na comédia para atrair o público, como no "Jornal Bacalhau", sátira do principal jornalístico da

TV Globo que trazia notícias engraçadas sobre o cotidiano passagense. Dois âncoras (Rogério era um deles) traziam os temas e os repercutiam com repórteres, que faziam dos moradores mais velhos as maiores vítimas. Na plateia, o público, no entanto, costumava dar boas gargalhadas, inclusive quem era citado.

Mas o teatro se tornou somente mais uma lembrança para o cantor de Passagem há cerca de 20 anos.

— Eu perdi o *timing* da piada, acho que não consigo me ver mais no palco. Um outro colega meu, que também era muito engraçado, falou comigo: “Acho que, hoje, o pessoal não ri, não”.

Foi por intermédio de sua interpretação que o jovem atraiu os olhares de Alexandra, cinco anos mais nova que ele, a então garota que ia às peças na esperança de um flerte. Ator e admiradora passaram a se encontrar após as peças, escondidos, e, em pouco tempo, formalizaram o namoro, no primeiro dos jantares promovidos pela sogra do puxador de samba, que soube do namoro e agiu para

que não mais acontecesse longe de seus olhos.

A noite do sábado de Carnaval de 1996 também foi noite de noivado. A família da então namorada havia preparado um farto jantar para comemorar mais um passo dado na relação do casal. A mesa posta arrebatava os olhares de quem passava por ela: era comida de um lado ao outro.

Rogério estava apreensivo, mas não com o novo compromisso. Enquanto comia o banquete, preparado pela sogra, experiente cozinheira, só pensava que iria acordar às 4h45 da manhã seguinte, porque o serviço iria começar às 6h. Recém-contratado pela Alcan, empresa de mineração, ele sabia que precisava descansar para pegar no batente pouco depois. Antes do fim da festa, despediu-se da noiva, dos sogros e até dos próprios familiares, que lá continuaram. E foi para casa dormir.

Nem mesmo o sol raiou e Seu Francisco bateu na porta do quarto do filho para acordá-lo. Era seu despertador. Rogério se levantou com os olhos ainda entreabertos e estava vi-

sivelmente passando mal, com a fala embarcada e o corpo zozno. A comilança da noite anterior não caiu bem.

— Nossa, você tem que ir. Hoje é domingo de Carnaval e você é novo na empresa — disse o pai, preocupado com a situação do filho.

Rogério escovou os dentes, ajeitou o cabelo e se vestiu. Tentou comer, mas nada parava em seu estômago. O banheiro era destino certo. Mesmo assim, atendeu ao conselho de quem tinha experiência e pegou o ônibus às 5h15.

No trabalho, ele iria produzir alumínio. Precisava lidar, firme, com o calor intenso de fornos durante oito horas por dia. Naquele domingo, no entanto, foi vencido pelo ambiente abafado e insalubre. Desidratado e suando frio, ficou sem voz, bambeou em frente aos colegas e foi levado para fora. Precisava respirar, mas isso não foi o suficiente para sua recuperação. Acabou sendo atendido na Santa Casa de Ouro Preto, onde tomou soro por algumas horas. Depois, foi levado de volta para casa em uma ambulância, atraindo a atenção dos vizinhos:

— Uai, Rogério ficou noivo, ontem, e já tá chegando de ambulância!

Com atestado médico, o recém-noivo e contratado da Alcan conseguiu descansar. Na volta à empresa, encontrou, preocupado, o encarregado. Temia que confundisse seu estado no domingo de Carnaval com uma ressaca da noite anterior. Afinal, não lhe cairia bem a fama de fanfarrão. Mas acabou ganhando a solidariedade do colega, já que era um novato em fase de adaptação.

A noite do noivado é lembrada em um porta-retratos que decora a copa da casa onde vivem Rogério, Alexandra e suas filhas, Paola e Polyanna. Na foto, ele aparece com o bigode e o cabelo ainda pretos, segurando a caixinha com o anel, enquanto Alexandra olha, com aparente timidez, para a câmera, de vestido branco, de botões, e as mãos entrelaçadas. Ao lado do registro, estão outras várias fotos da família.

Embora tenha trabalhado dentro da mineração durante anos, o puxador de samba da *Morro da Saudade* foi ajudante de pedreiro e formou-se em técnico em contabilidade

quando mais jovem. Chegou a trabalhar em alguns escritórios, mas não seguiu carreira na área. Continuou na Alcan até 2015, quando foi demitido junto a outros tantos funcionários. Pouco depois, foi contratado pela operadora telefônica Oi para emendar cabos de rede, onde segue até hoje.

Rogério não se vê fora do distrito em que vive. Quem sai, ele conta, geralmente reclama de uma monotonia que, aparentemente, habita o local. Como se nada acontecesse por ali. Mas quem disse que isso o incomoda?

— Adoro este lugar, nasci e fui criado aqui. Morar longe, pra mim, é quase que... Não vou dizer impossível, não, porque a gente não sabe o que a vida apronta pra gente. Mas eu sou uma pessoa muito simples, então... Muita gente diz que Passagem não tem nada. Mas tem eu, uai. Pra mim, é o suficiente.

Ele acredita que não precisa morar em um grande centro para fazer um trabalho relevante à sociedade e questiona o suposto marasmo do distrito, também casa de dois times de futebol, duas bandas de música e uma outra agremiação

carnavalesca, a mirim *Mestre Athayde*. Defende que as escolas de samba se manifestem politicamente, de forma velada ou aberta, e vê a própria composição da *Morro da Saudade*, de grande maioria negra, como um trunfo. O racismo, que o constrangeu ainda na infância, quando foi chamado de “macaco” por uma colega de escola, é enfrentado cada vez que o samba ecoa, por intermédio de sua voz, pelas ruas de Passagem e de Mariana.

— O racismo chateia a gente. Fere, machuca. Dói quando uma pessoa te discrimina. Hoje, continua tendo o racismo, porém a gente está mais informado, não está aceitando.

A casa em que vive, hoje, com a família, fica aos fundos do barracão da *Morro da Saudade*, ou o barracão fica aos fundos de sua casa, depende do ponto de vista. Os dois imóveis têm entrada em ruas diferentes, mas é possível ir de um para o outro sem atravessar nenhuma delas. Por essas e outras, às vezes é difícil desvencilhar o trabalhador e pai de família do puxador de samba; até nas camisas que ele veste, em casa ou na rua, vez ou outra, está o leão, símbolo da escola. Além

de intérprete dos sambas-enredos, Rogério é parte do núcleo decisório da *Morro da Saudade*, um seletto grupo de carnavalescos que mantém as atividades da agremiação desde que o samba é samba (os pedreiros José Arlindo Pinto e José Roberto de Paula, o mecânico Otávio Luiz dos Santos e a costureira Sônia Maria das Neves completam o time). Independentemente do mandato, presidente, vice e secretários se confundem na lida do Carnaval.

Morro da Saudade tem este nome em homenagem a antigos moradores, muitos deles trabalhadores da ferrovia, que deixaram Passagem de Mariana e se queixavam da falta que sentiam do alto da rua do Calvário, onde está a Estação Ferroviária. Rogério não quer ser mais um a sentir saudade. Ele espera continuar jogando futebol pelo Cinquentões do União Passagense, nas manhãs de domingo, e comer do tropeiro da agremiação nos Carnavais. Quer cantar o samba de sua escola pelos cômodos de sua casa e, quando for Carnaval, deixar a avenida como de costume, sem voz.



2. a guardiã

Margarida está cansada. De tomar a frente das coisas e resolvê-las, na maioria das vezes, com poucos parceiros ao seu lado. De fazer malabarismo com o tempo e a burocracia para colocar a escola na rua. De não ter direito a descansar porque, se o faz, pode acordar e assistir ao fim do que cuida, com carinho, há 20 anos — sete deles como presidente. Margarida tenta passar a bola para frente, mas sabe que nem todo mundo está disposto a assumi-la. Para ela, presidir uma escola de samba mirim requer paciência e disposição. O grande problema é que poucos têm esses atributos.

Todo ano, é ela quem prepara o desfile das crianças da *Vila do Carmo* no Carnaval de Mariana. Pensa o tema e as alas que vão compor a avenida, acompanha os ensaios da bate-

ria e recruta a meninada do bairro Santana e de onde mais puder. Corre para transformar a verba da Prefeitura em alegorias, passa raiva quando os prazos são curtos demais e lamenta as condições pouco propícias para fazer um espetáculo à altura do que deseja. O cenário, para ela, é desmotivador e pouco atraente. Só se envolve com escolas de samba, na cidade, quem tem amor por elas.

Por essas e outras, Margarida quer dar um tempo. Não pretende sair da *Vila do Carmo*, mas deixar a responsabilidade com outra pessoa que possa tê-la. Alguém que viva na comunidade e não permita morrer a tradição que já dura quase 40 anos.

— Não quero que a escola caia nas mãos de qualquer pessoa e saia do nosso ninho, que é o Santana. Eu quero que fique aqui, conosco, com as crianças daqui. Eu quero sequência, eu quero que melhore. Que alguém pegue e seja melhor do que comigo. Alguém que seja mais apaixonada do que eu.

Mais apaixonada que Margarida, no entanto, é difícil. A escola, comparada a um filho por ela mesma, exige quase tanto tra-

balho quanto um. Além disso, não dá lucro, mas pode até gerar despesa.

— Se fosse um cargo pago, ia ter fila. Ia ter que fazer concurso pra pegar a escola. Como é um voluntariado, ninguém quer.

Os acasos são parte de sua rotina no pré-Carnaval, tumultuada da manhã à noite. Dinheiro, para garantir o desfile, ela só tem em mãos a 20 ou 30 dias da apresentação. Mesmo com tema e samba-enredo definidos, ainda faltam comprar e montar tudo a poucas semanas da festa. A escola não tem uma sede própria, e a dirigente precisa improvisar lugares para reuniões e ensaios, do Centro de Convenções à Praça dos Ferroviários. O desfile acontece graças aos improvisos e esforços dos moradores, muitas vezes estressados e exaustos com o corre-corre.

É a burocracia para garantir a papelada que mais a irrita. Voluntária, como os demais membros da agremiação, muitas vezes precisa encontrar um tempo extra para resolver as pendências, já que está trabalhando durante a maior parte do horário comercial.

— O interesse do Carnaval é da Prefeitura,

mas parece que a gente precisa deles, eu falo isso sempre. A Prefeitura se esquece de que eles que precisam de nós. Se a gente bater o pé e dizer que a escola não vai sair, como vai ser?

A carnavalesca lamenta a situação porque, em sua visão, a cultura faz o brasileiro viver para além do simples estar vivo. Em tempos de pandemia, desmonte de políticas públicas e democracia golpeada, falta esperança para um futuro melhor. Os jornais sangram a violência nas favelas, o fantasma do autoritarismo vai se tornando cada vez mais real e o mito do Brasil feliz e solidário se destrói.

— Do jeito que a situação brasileira está, só mesmo pela arte que a gente vai ter um prazer.

Margarida encontra o prazer na avenida. À medida em que as crianças da *Vila do Carmo* desfilam, ela as orienta, preocupada, e vibra a cada acerto. Corrige a posição das alas, para evitar buracos no desfile, e cuida para que a escola atravesse a Getúlio Vargas no tempo certo, sem correr ou ir devagar demais. No fim de cada apresentação, ela volta para casa, can-

sada, já sonhando com o próximo ano. Mas, no último Carnaval, foi um pouco diferente. Prometeu, a si mesma, que seria seu último ano à frente da escola.

Quando não está cuidando da *Vila do Carmo*, Maria Margarida da Silva, de 53 anos, está em sala de aula. Professora, hoje ela trabalha com crianças do pré-maternal, na rede privada de Mariana. Tem formação em magistério e também já atuou na rede municipal da cidade, passando por várias instituições ao longo das últimas décadas.

A carnavalesca trabalhou com educação inclusiva na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae), por seis anos, e chegou a ser a coordenadora do Tempo Integral, programa da Prefeitura que oferece estudos orientados e oficinas, como artesanato, música e teatro, a centenas ou milhares de crianças e adolescentes do município. Por onde passou, ela construiu laços que carrega até hoje; de vez em quando, acaba substituindo alguma professora da Apae que precisa faltar; também ajuda em eventos be-

neficientes da mesma instituição, levantando fundos ou levando apoiadores.

A experiência como educadora tornou Margarida avessa à monotonia nas salas de aula. Para além do convencional, ela apresenta o teatro, o faz de conta e a música a seus alunos, em busca de estimular a criatividade. Com sucata, ela confecciona jogos educativos e leva para a escola, na expectativa pela reação dos alunos. Reutiliza caixas de leite e garrafas pet, por vezes junto à garotada, para mostrar que muito pode ser feito sem que haja gastos. Tenta unir o lúdico ao educativo e, assim, abrir um horizonte de possibilidades.

Margarida também é mãe, e seus dois filhos seguiram seu caminho no Carnaval. Nicolas e Nathan, de 28 e 20 anos, respectivamente, cresceram em meio aos batuques da escola de samba e, hoje, ajudam a colocá-la na avenida. São dois dos vários membros que se formaram na agremiação, passando pela mirim durante a infância e, já crescidos, tornando-se integrantes da adulta.

Ter dado aula a crianças e adolescentes,

durante tantos anos, e a experiência da maternidade foram e têm sido um trunfo para ajudá-la a orientar o Carnaval das crianças da *Vila do Carmo*, ela reconhece. “Expansiva”, como se define, tem, nas mãos, o jeito certo para lidar com os pequenos. Sabe quando é o momento para dar uma bronca, mas também não nega o afago.

A carnavalesca chegou à escola de samba em 1980, após se aproximar de Madalena Ferreira, uma das fundadoras da agremiação, hoje com 70 anos. A amizade entre as duas mulheres, vizinhas há muitas décadas e de diferentes gerações, fez com que a professora passasse a auxiliar na organização do Carnaval das crianças quando foi criada a mirim, a partir de 1983, e tomasse gosto pela atividade. Junto à anfitriã, aprendeu a administrar a escola de samba e tornou-se presidente em 2013, após a morte dos pais de Madalena, que continua trabalhando pela *Vila*. Madalena conseguiu entregar o cargo, de confiança, a alguém que pôde formar e que tem sua benção. Já Margarida não parece ter a mesma sorte.

Desde pequena, a educadora já brincava o

Carnaval. Nos anos de 1970, ela costumava parar para ver os bonecos do bloco Zé Pereira cortarem o centro de Mariana e frequentava as matinês do Marianense nos dias de festa. Costumava ser levada pelo pai, viúvo, e na companhia das irmãs. Naquela época, não havia a *Vila do Carmo* mirim nem a adulta, e a pequena moradora do bairro Santana precisou ir a outro bairro para participar de uma escola de samba exclusiva para gente de sua idade, a *Unidos do Rosário*, também levada pelo pai. Com a escola, realizou o desejo de atravessar a avenida e chegou até a se apresentar em um programa de televisão em Belo Horizonte, de auditório, comandado pelo jornalista Dirceu Pereira de Araújo, falecido há cinco anos, mas não se lembra qual era o nome da atração; talvez fosse o "Brasa 4" ou, quem sabe, o "Discotape", ambos da TV Itacolomi. Apesar disso, recorda-se de que não se intimidou pelas câmeras e sambou como gente grande.

Na década seguinte, embora, por conta da idade, ainda não pudesse participar da *Vila do Carmo*, escola de samba que acabara de sur-

gir e começava a alvoroçar a rua Santana no início da década de 1980, ela ajudava nos preparativos da mais nova escola de samba da cidade que pretendia rivalizar com a *Unidos de Mariana*. Passou longas madrugadas na casa de vizinhos, preparando fantasias, mas não podia vesti-las no domingo de Carnaval por ainda ser muito nova. A *Vila do Carmo* mirim só surgiria em 1984.

Anos mais tarde, já crescida, foi coroada rainha de bateria da escola de Santana, após vencer um concurso, e permaneceu no cargo durante três anos. Também foi passista, o que ainda é; Margarida desfila pela "Ala da Folia" e promove rifas e bingos para financiar o espetáculo, feito por 30 mulheres na avenida. Modesta, para ela todo esforço é válido para encantar o público.

— Eu não saio de qualquer jeito. Mesmo não tendo mais uma aparência física boa, eu gosto de sair linda.

Outros membros de sua família também sempre estiveram ligados às cenas culturais marianenses, ainda que cada um à sua maneira. Seu pai, Heli, já falecido, foi músico

e integrou a banda XV de Novembro, uma das mais tradicionais da cidade, com sede na rua Direita. Um dos irmãos, José Marcelo, é o atual presidente da mesma banda. Maria Rita, uma das duas irmãs, canta no coral Canarinhos de Santana.

Em meio ao isolamento, Margarida tenta manter a rotina o mais parecido possível como nos dias de normalidade. Pela manhã, faz as tarefas de casa; à tarde, trabalha; e, durante a noite, dedica seu tempo ao lazer. Tem orientado os pais de seus alunos em atividades, assistido a séries, como a espanhola “La casa de papel”, e baixado jogos no celular. Anda preocupada em “estimular o cérebro”, como diz, e em não esmorecer. A mesma mulher que denuncia o cansaço por se dividir entre a casa, o trabalho e o Carnaval diz que só está bem porque não está parada, sem ter o que fazer. Pelas janelas, estranha as restrições que a pandemia do novo coronavírus impôs ao mundo.

Já que não pode visitar os parentes distantes, acaba se contentando com chamadas de vídeo pelo WhatsApp. Afinal, o que mais lhe importa, neste momento, é zelar pela própria saúde e pelas pessoas queridas. Os irmãos, que moram próximos, ela vê pelos portões de suas casas, para evitar que a saudade tome conta de si.

— Eu tenho família grande e isso me faz falta. Eu sou ativa, eu saio, não paro.

Otimista, a professora acredita que existe uma lição em tudo isso que está acontecendo. O mundo, em sua visão, parou, e até o céu tem estado mais limpo. Como se fosse preciso uma emergência de saúde para mexer nas relações entre as pessoas. Ela também reconhece o privilégio de poder estar em casa, segura, pois tantas pessoas vêm precisando sair de casa, como profissionais da saúde e da limpeza, além de tantos outros trabalhadores, já que o isolamento durou tão pouco no país.

— Nós precisávamos parar pra conversar. Há quanto tempo isso não era possível? A gente não estava valorizando família mais.

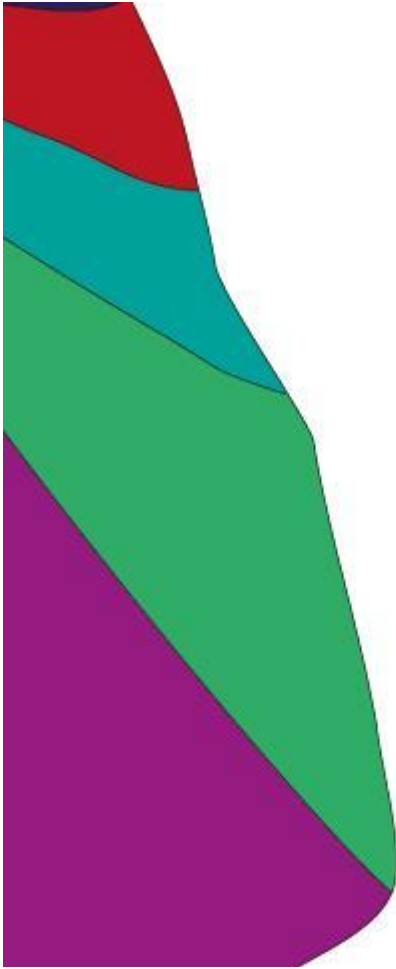
Eu não posso reclamar, porque eu estou com a minha.

Nessas conversas, que ocorrem na sala ou na cozinha, às vezes no quintal, uma infinidade de assuntos vem à discussão. Comentários sobre os desdobramentos da pandemia, desde os números de casos e mortes que crescem a cada dia às mais recentes descobertas; preocupações com os parentes e o dia de amanhã; o dia a dia e as lembranças de quando ninguém precisava sair de máscara pelas ruas. Também são brechas para que Margarida reforce os conselhos que dá aos filhos desde que eram pequenos.

Com o assassinato de George Floyd por um policial, nos Estados Unidos, e a onda de protestos “Vidas negras importam” pelo mundo, Margarida volta a dizer que é preciso ter cuidado com as companhias. Se, por acaso, algum dos filhos estiver em um lugar onde ocorrer um furto, será ele o primeiro acusado, ela acredita. Simplesmente pela cor de sua pele. Consciente dos tempos e do Brasil em que vive, a educadora vê a necessidade de que negros, como ela e seus familiares, tenham cuidados redobrados em tudo

que fazem. “Quem não deve não teme” é um ditado que cabe só para alguns.

Por essas e outras, Margarida, que esperava ter mais sossego, acabou encontrando mais preocupações em meio ao isolamento domiciliar. Quando o dia está claro, ela costuma ir ao quintal de casa para fazer caminhadas, em busca de vitamina D. Mas a cabeça ficaria quente mesmo se não tomasse o banho de sol, já que as preocupações com o Carnaval não cessam. Por mais que a festa não aconteça em 2021, uma possibilidade, a educadora anda inquieta. Defensora de que aglomerações só voltem a ser promovidas daqui a um tempo, quando houver uma vacina e a situação estiver controlada, ela convive com as incertezas do que está por vir. Por um lado, há o alívio de não ter, novamente, nas mãos, a responsabilidade de conduzir a escola de samba no próximo ano. Por outro, a frustração de estar dentro de casa e não poder deixar o comando da *Vila* em meio ao caos. De todo modo, não lhe faltaram forças para driblar os problemas que surgiram em sua vida; não será agora que irá esmorecer.



3. retalhos de cetim

Dinheiro não havia e, sem ele, também não haveria fantasias para os foliões nem alegorias para os carros; assim, a escola não iria desfilar. Sônia, que há pouco se mudara para Passagem de Mariana, não gostou da notícia que ouviu e foi aos porões da *Morro da Saudade*, em busca dos tecidos usados nos anos anteriores. O brilho e as cores não eram os mesmos, mas serviriam para vestir as alas, pensou. Ela prometeu, numa conversa com os diretores da escola de samba, que iria reutilizar os materiais. E deu certo, os guardados foram transformados em legítimas fantasias, mas ainda faltavam tecidos para a produção dos figurinos de destaque e não havia mais o que reciclar. A esperança, então, cedeu lugar à frustração.

Depois de tanto trabalho, Sônia foi para

casa, irritada, e sentou-se no sofá. Procurava uma solução que não demandasse dinheiro e, de repente, encontrou a resposta em sua própria sala. Penduradas nas janelas, várias e coloridas cortinas de cetim, doadas por uma de suas irmãs, viriam a ser a matéria-prima que faltava. Mal matutou a ideia, arrancou as cortinas dos trilhos e se debruçou na produção dos figurinos. Passou longas horas em sua máquina, como já costumava fazer, embora, naquela vez, sem remuneração. Graças a ela, a escola de Passagem estava pronta para desfilar no Carnaval. E assim aconteceu.

Além do amor que nutre pela folia, Sônia Maria se esforça para se dedicar à família. Mulher negra, é mãe de três filhos, homens acima dos 30 anos, ela vive rodeada pelos afetos que a vida lhe proporcionou. Tem seis netos, mãe viva e irmãos: todos moram por perto. Também guarda amigos que conheceu ao longo de sua vida.

Aos 60 anos, mantém sua rotina em caminhadas pelas manhãs, acompanhada por uma ou duas amigas, geralmente, além dos serviços

domésticos da casa, que faz logo ao voltar da atividade matinal. Varrer, lavar, passar, cozinhar... Ela é quem assume essas responsabilidades. Depois que tudo está um "brinco", vai para seu cantinho onde corta, costura e ouve músicas dos anos 60, 70 e 80 pelo YouTube, na televisão que comprou há pouco tempo. Não acompanha os noticiários, porque prefere ficar distante das tragédias do dia a dia.

— Eu tô até errada. Fico muito assim, fora das informações. Às vezes, uma pessoa comenta algo, e eu não sei nada.

Nem as novelas, que costumava ver enquanto os filhos cresciam, ela acompanha mais. Acredita que, hoje em dia, é tanta coisa ruim acontecendo, que vale mais se abster. Enquanto muita gente fica atenta ao PIB que despenca e a alta do dólar, Sônia prefere fazer um reparo aqui, uma bainha ali e ganha seu dinheiro.

De preocupação, ela acredita que já bastam aquelas que a rodeiam do dia à noite, em família, na sua rua e em seu distrito. Os filhos estão criados, é verdade, mas o neto mais velho só tem 20 anos. A mãe, octogé-

nária, merece a atenção e o carinho que um idoso precisa. Os reparos para os clientes também precisam ser feitos... Sônia define suas próprias prioridades e, como ela mesma diz, prefere “coisas alegres”.

A esta altura do campeonato, a costureira tem até limitado os serviços que oferece à clientela. Até há alguns anos, desenhava e costurava vestidos, ternos e outras peças, com riqueza de detalhes. Às vezes, alguém mostrava a roupa que alguma atriz vestira, estampada em alguma revista, e pedia a ela que fizesse uma parecida. Sônia aceitava o pedido mesmo que tivesse que entregá-lo em tempo recorde e, para isso, trocava o sono pela tesoura, linhas e agulhas durante as madrugadas. Hoje, não. Apenas consertos em geral.

A regra, no entanto, tem sua exceção: família não é cliente. Por isso, ela segue criando roupas para si mesma e para as irmãs, costume que atravessa décadas. Quando tinha seus 15, 16 anos, costumava transformar metros de um mesmo tecido em vestidos para as cinco irmãs mais novas; as garotinhas andavam com roupas iguais. Foi nessa

mesma época em que a habilidade virou ganha-pão, quando ela passou a costurar, sob encomenda, para vizinhos e conhecidos que procuravam seu serviço.

— Eu fiz o enxoval do meu casamento com o dinheiro da costura. Eu costurava, recebia o dinheiro das pessoas e comprava os materiais para fazer os lençóis, fronhas, toalhas de banho... Tudo eu comprava com esse dinheiro.

Com Lúcio, seu marido, Sônia passou mais da metade de sua vida. Casou-se aos 18 anos e, com ele, viveu bons e maus bocados. Desde o trabalho de ambos em uma fábrica de tecidos, em Ouro Preto, à construção da casa onde hoje vivem, em Passagem de Mariana. Também passaram pelo luto, após a costureira perder quem deu a ela sua primeira máquina de costura, no tempo em que ainda brincava de bonecas.

Seu pai, Antônio Capistrano, sofreu um AVC, em 2005, e mobilizou todos os filhos. Durante três meses, a costureira conviveu com ele, em sua casa, acompanhando-o na fisioterapia e assistindo a sua evolução. Até

os vizinhos, que viam os dois caminhando pela rua, todas as manhãs, ajudaram na recuperação. Costumavam se oferecer para acompanhá-lo nas caminhadas. O acolhimento e o carinho ajudaram Seu Antônio a recuperar sua rotina e voltar a viver com sua esposa, Maria Aparecida, sem grandes sequelas. Só arrastava, um pouco, um dos pés. Ele tinha horror à possibilidade de ficar entrevado em uma cama.

O pai de Sônia faleceu dez anos após o AVC, aos 79. Conseguiu se despedir dos familiares em sua festa de aniversário, feita após sua insistência e relutância dos filhos, que tentavam convencê-lo de que seria mais adequado um grande festejo em comemoração aos 80 anos. Seu Antônio bateu o pé e exigiu uma grande celebração naquele momento mesmo, sem espera. Morreu na manhã de um domingo, meses depois, enquanto cuidava de seus passarinhos. Foi embora sem sofrer a agonia de uma cama de hospital, poucas horas após abraçar Sônia pela última vez.

O luto, por sinal, acompanhou a costureira várias outras vezes. Há alguns anos, ela con-

ta, durante a madrugada de um domingo de Carnaval, foi acordada por uma ligação que anunciava a morte de um sobrinho. Horas depois, estava junto à família, em Ouro Preto, chorando a perda do ente. No mesmo dia, voltou a Mariana após o enterro e assistiu ao desfile da *Morro da Saudade* na avenida.

Mais recentemente, sequer teve condições de velar as pessoas que perdeu. Em meio à pandemia do novo coronavírus, viu partirem a sogra e o avô, que já estavam doentes há algum tempo. Devido às recomendações para evitar aglomeração de pessoas e, conseqüentemente, a disseminação do vírus, contentou-se com as lembranças.

Não é sempre que Sônia está cercada pela família. Seu amor pelo Carnaval, tão reconhecido pela comunidade onde vive, não é compartilhado dentro de casa. Nem o marido nem os filhos costumam comemorar a festa – o do meio, Wdson, inclusive é evangélico, avesso a festas desse tipo. Num passado nem tão distante, eles chegaram a ir pra rua, juntos, mas os tempos, hoje, são outros.

Quando chega janeiro de todo ano, Sônia passa até 18 horas, por dia, no barracão da agremiação, preparando as fantasias que vão vestir entre 450 e 500 foliões que desfilarão ao público na avenida Getúlio Vargas. E aí de quem reclamar de sua ausência dentro de casa: na escola verde, branca e amarela, ela é uma instituição. Também pudera, é a primeira costureira da escola (antes dela, a diretoria contratava o serviço de costura das fantasias), a responsável pelo setor em todos os anos e a única mulher a tê-la presidido, em 2011 e 2012, uma façanha dentro de um núcleo ainda tão masculino. Para o Carnaval de Mariana, talvez tenha a mesma importância que Rosa Magalhães para o Rio de Janeiro; a carnavalesca carioca é a maior detentora de títulos na era do Sambódromo da cidade do samba.

Quando transformou cortinas de cetim em fantasias, em meados de 1987, Sônia estreava na escola de Passagem. Já mãe de dois filhos, vivia em uma casa alugada e, até então, nunca havia desfilado por uma escola de samba, apenas por blocos de Ouro Preto. Depois do

trabalho que teve ao fazer das peças que compunham um enxoval de casamento em trajes momescos, porém, acabou decidindo dar o ar da graça no desfile, ainda que mascarada e com a perspectiva de tomar alguma bebida alcoólica para ludibriar a timidez. Acabou acompanhada por suas irmãs, que vieram de Ouro Preto, e por outras mulheres que viviam no distrito marianense, formando uma ala de foliãs que usavam máscaras feitas de cartolina, já que as de tecido iriam custar mais caro. Entretanto, saíram de “cara limpa”, porque a correria que precedeu a apresentação fez com que todas se esquecessem dos copos de cerveja que haviam combinado de tomar.

Com os anos de experiência, adquiridos trabalhando pela *Morro de Saudade*, não ganhou dinheiro, mas paciência. Com a mesma calma, ela já deu aulas de costura a outras mulheres do distrito, que mais tarde ajudaram na produção dos figurinos carnavalescos. No entanto, são três amigas que a acompanham em todos os anos, sem falta: Salete, Maria Lúcia, e Maria. É com elas que Sônia divide o barracão, embora prefira se isolar em um cantinho

enquanto corta, costura e borda (na verdade, cola os adereços às roupas; “bordar” só é o nome mais bonito que ela prefere usar). Até cerca o espaço que é seu, com forros PVC, para não se distrair e produzir mais rápido, porque o tempo é pouco e, quando se vê, já chegou o domingo de Carnaval.

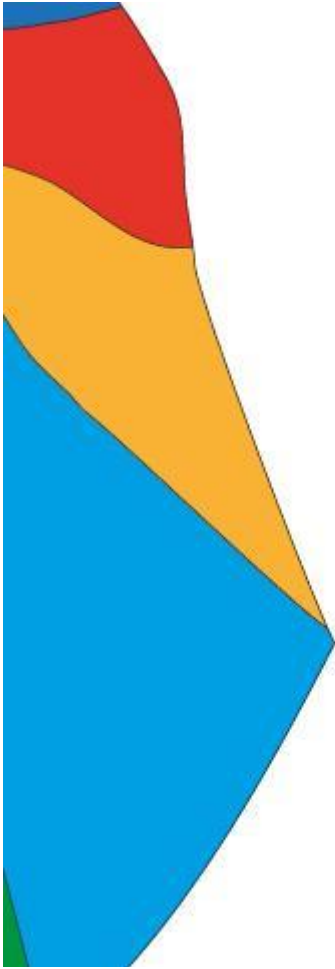
Muito trabalho acaba sendo, vez ou outra, motivo de estresse. Não é Sônia a responsável por desenhar as fantasias da escola, mas acaba sendo. Na teoria, ela deveria receber os desenhos das roupas e transformá-los em realidade. Porém, geralmente chegam em suas mãos ilustrações tiradas da internet, que acabam servindo como inspiração para desenhar o que realmente as alunas vão vestir na apresentação. Em todo esse tempo, já precisou pensar em figurinos que contassem desde a história de Passagem de Mariana ao curso do Ribeirão do Carmo, o rio que corta a cidade. Nunca lhe faltaram linhas e agulhas.

O provável mais conhecido feriado do país sempre garantiu um espaço para Sônia, embora diferente em cada época. Na juven-

tude, só saía para brincar o Carnaval se estivesse acompanhada por responsáveis, muitas vezes vizinhos, por determinação do pai. Costumava frequentar as matinês do Centro Acadêmico da Escola de Minas (Caem), na Praça Tiradentes, em Ouro Preto, e tinha hora para voltar. Depois que se casou, levava o marido e os filhos para assistirem ao desfile das escolas de samba ouropretanas. Passava horas no centro da cidade e, para garantir o conforto de todos, carregava porções de comida, devoradas até a última ala, da última agremiação, passar. Quando as crianças cresceram, passou a desfilar pelo Bloco da Barra com os irmãos, cada um vestindo roupas relacionadas ao gênero oposto. Sônia forjava bigodes e costumava amarrar uma gravata ao pescoço. Já hoje em dia, além de costurar e desfilar pela *Morro da Saudade*, ela sai para a rua com a mãe e as irmãs no bloco Gatas e Gatões.

A costureira não sabe, por hora, quando vai voltar a aproveitar, como gosta, seus dois grandes amores, o Carnaval de sua escola de samba e as grandes reuniões de família. Este

ano, já não houve desfile da *Morro*, por problemas financeiros. Janeiro já havia começado quando nos encontramos e me assustei com sua tranquilidade. A escola de Passagem ainda não havia desistido de ir à avenida e sequer o enredo estava decidido. Nem as alas estavam definidas, nem as alegorias dos carros, muito menos quais seriam os figurinos. Sônia, ainda assim, falava como se tivesse, pela frente, todo tempo do mundo para cuidar das fantasias. Ou já pressentia o pior. No ano que vem, novamente o desfile não deve acontecer, já que grandes aglomerações devem continuar sendo evitadas por algum tempo. Almoços em família, na casa da mãe ou no sítio em Padre Viegas, onde costuma passar seus fins de semana, também devem continuar suspensos até segunda ordem. Mas, mesmo sabendo que as coisas não andam bem, Sônia entende que precisa ser paciente. É essa característica é algo que ela tem de sobra. Talvez ela, mais do que ninguém, entenda o verdadeiro significado do verso “tô me guardando pra quando o Carnaval chegar”.



4. todas as cores

— Eu vou rever “Tieta”, sabe? Adoro a Perpétua!

Pelo telefone, Flaviano falava sobre as novelas disponíveis na Globoplay com uma amiga, após me conceder uma entrevista e enquanto fechava sua loja. Já passavam das 19h30 e eu o aguardava na porta para agradecer por mais uma conversa e me despedir. Foi a primeira vez que conversamos, pessoalmente, desde o início da quarentena, por sugestão dele, mas respeitando um distanciamento de cerca de um metro e, claro, estando ambos com máscaras.

Embora o número de casos confirmados do novo coronavírus em Mariana fosse superior a 800, o comércio do município estava de portas abertas — nem todas elas, já que alguns comerciantes acharam boa a ideia

de limitar a entrada dos estabelecimentos a uma só porta e, assim, fazer com que todos entrassem e saíssem pelo mesmo lugar. A loja de Flaviano, de bijuterias e acessórios, também funcionava, ainda que com algumas limitações; os clientes deveriam higienizar as mãos com álcool em gel e usar uma máscara no rosto ao entrar.

Naquela sexta-feira, guardas municipais foram ao local para fiscalizar o cumprimento de um decreto publicado, na mesma semana, pela Prefeitura, que endurecia as regras para o funcionamento do comércio não essencial na cidade; sistema de escalas, revezamento de turnos e alterações de jornadas de trabalho eram algumas das determinações. Semanas antes, Flaviano fez coro à campanha “Meu comércio é essencial: para mim, para minha família, para meus funcionários e para meus fornecedores”, promovida pela Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Mariana (Aciam) e pela Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL) do município.

Ao longo da conversa que tivemos, ora ele ajeitava a máscara, ora mexia no computador

e na maquininha de cartões. Aproveitava o momento para fechar o caixa do dia, já com as portas fechadas após o fim do expediente. Apesar do frio de inverno, a pouca circulação de ar nos dava uma leve sensação de sufocamento, já que nossos narizes estavam cobertos. Resistimos por quase uma hora e meia, tempo suficiente para conversarmos sobre algo que Flaviano tem prazer em falar: sua própria vida.

O cabelo loiro, com franja cobrindo parte do lado esquerdo do rosto, pode simbolizar a vaidade do professor, comerciante e carnavalesco Flaviano de Oliveira Isidoro, de 40 anos. Ele faz questão de escovar as madeixas uma ou duas vezes por dia e se orgulha do tom dourado que chegou por meio de luzes:

— Eu acho que eu quis mostrar minha personalidade muito através do meu cabelo.

Quando, há um ano, tentou mudar o visual, acabou insatisfeito com o resultado e evitou sair de casa para não ser visto pelas pessoas na rua. Não se reconheceu nos fios castanhos e chorou como se tivesse perdido

alguém, acompanhado pela cabeleireira que errou a mão na mudança e também se debulhou em lágrimas; triste noite.

A preocupação com a aparência e, sobretudo, com os cabelos, vem de muito tempo. Durante alguns anos, Flaviano cultivou fios longos e, quando era visto de costas, algumas vezes, chegava a ser comparado com uma mulher. Na época, início dos anos 2000, costumava fazer relaxamento para alisá-los, porque aprendeu que “cabelo bom é cabelo liso”. Hoje, já não concorda com esse pensamento, embora não consiga se ver fazendo uma transição capilar para retornar aos fios “grossos” e “volumosos”, como descreve.

Os fios longos ainda deslumbram Flaviano, mas ele não parece se ver, novamente, dessa forma. Deixar os cabelos crescerem demandaria muito trabalho ao comerciante, que precisaria alisá-los, além de lhe custar comentários nem um pouco respeitosos. Quando atravessava as ruas de Mariana na juventude, percebia olhares maldosos e ouviu, de muita gente, conselhos pela tesoura. Um deles, inclusive, permanece fresco na memória:

70

— A irmã Terezinha, que faleceu, chegou a falar baixinho, no pé do meu ouvido, que eu estava muito feio. E muito feio, para ela, era imoral. Eu cheguei a questioná-la e disse que o homem para qual ela ajoelha e reza, todos os dias, tinha cabelos longos.

Hoje, Flaviano afirma que não é raro ouvir elogios de conhecidos, algo que parece lhe fazer muito bem. Seu cabeleireiro até brinca ao dizer que o nome do corte não é degradê com franja, mas “corte Flaviano, de Mariana”, uma homenagem a quem seria pioneiro ao trazer o estilo à cidade, conforme ele gosta de mencionar. O apego é grande ao ponto de sentir medo de ser acometido por alguma doença que leve embora seu cabelo. Acredita que cairia junto e que acabaria recorrendo a uma peruca, para não ficar careca como a vilã Perpétua, vivida pela atriz Joana Fomm em “Tieta”, novelão que ele adora.

O almoço em comemoração aos 40 anos da *Vila do Carmo* acontecia em meio à eu-

71

foria dos membros da escola de samba. O Carnaval se aproximava, e a agremiação se preparava para desfilar, sozinha, na avenida, já que as outras duas escolas em atividade haviam anunciado que não deixariam seus barracões em 2020.

Flaviano participou do encontro e celebrou as quatro décadas da *Vila*, maior campeã de Mariana, junto aos amigos. Há poucos meses, havia deixado o cargo de carnavalesco da escola, após divergências com a diretoria e, principalmente, com a Secretaria de Cultura, Patrimônio Histórico, Turismo, Esportes e Lazer do município. Mas manteve o clima amigável com os antigos colegas.

O almoço, no entanto, acabou descendo com um gosto amargo para ele. Em meio à celebração, viu o seu sucessor ser apresentado à comunidade com pompa. O problema, é preciso destacar, não foi a substituição, já esperada, mas o substituto. O novo carnavalesco da escola foi trazido por Flaviano à *Vila* no ano anterior, vindo de São Paulo, para auxiliar no que seria o desfile mais injustiçado da história da agremiação, na visão dele.

Em 2019, a escola de samba apresentou ao público o enredo “Os sete pecados capitais”. Levou carros esculpidos à avenida Getúlio Vargas, maiores que de costume, que custaram caro à agremiação e aos bolsos de vários de seus membros. O trabalho até o domingo de Carnaval foi “exorbitante”, relembra Flaviano, que precisou se desdobrar, junto à diretoria, para atender às exigências do paulista contratado, que iam de materiais só encontrados em outras cidades a um cardápio personalizado. Tudo isso culminou no desfile mais luxuoso já apresentado pela *Vila do Carmo* — pelo menos é o que, agora, o ex-carnavalesco acredita.

As notas distribuídas pelos jurados, entretanto, soaram como um cavaquinho desafinado e tocado pelas mãos de quem nunca ouviu um Martinho da Vila. A escola de samba do bairro Santana amargou a segunda colocação e assistiu à comemoração da *Morro da Saudade*, campeã pela oitava vez, com o enredo “Morro da Saudade vai chamar Francisco”, que percorreu sobre as obras de São Francisco de Assis. Curiosamente, um

santo, portanto avesso aos pecados, e conhecido por ter feito votos de pobreza.

A derrota permaneceu engasgada na garganta de Flaviano, que sugeriu à escola não atravessar a passarela do samba em 2020, como forma de protesto. Ele e os demais foliões discordaram dos avaliadores e, além disso, queixavam-se do tradicional repasse tardio de verbas da Prefeitura às escolas de Mariana. Acabou sendo voto vencido e se afastou do cargo para evitar maiores desgastes. Saiu pela porta da frente, com um título conquistado como carnavalesco, em 2017, com o enredo “Anos 80”.

Todavia, apesar do carinho que nutre pela *Vila do Carmo*, após 19 anos atuando por ela, como passista e carnavalesco, admite haver um pequeno ressentimento:

— Ficou um pouquinho de mágoa, né, porque eu achei deselegante.

Rancor maior ele tem pela *Mocidade Independente de São Gonçalo*, escola que desfilou em Mariana entre o fim da década de 1990 e o início dos anos 2010. Sediada no

bairro em que Flaviano vive desde a infância, o São Gonçalo, a agremiação poderia tê-lo vestido com suas cores, mas acabou fazendo com que ele pensasse em desistir de realizar um desejo que nutria desde a infância: ir à avenida sobre um carro alegórico.

— Eles desfizeram de mim, não tiveram nem tempo de fazer minha roupa. Me prometeram, mas, na hora, foi aquele choque de tristeza.

O carnavalesco conta que ajudou nos preparativos para o Carnaval de 1999, carregando tábuas e atendendo aos pedidos que surgiam em meio ao corre-corre. Seu pai também colaborava, e um avô chegou a emprestar à *Mocidade* um caminhão, veículo que costumava ser usado, de improviso, como carro alegórico pelas escolas. Hoje, as agremiações marianenses já têm carros próprios, sem motores e empurrados à mão durante os desfiles, como os do Rio de Janeiro e São Paulo.

A decepção, contudo, dissipou-se no ano seguinte. Flaviano chegou à *Vila do Carmo*, levado por um vizinho, e estreou no Carnaval sobre um carro alegórico, caracteriza-

do como um indígena, traje que ele mesmo preparou. Naquele ano, a escola levara ao público o tema "O descobrimento do Brasil", narrando a história oficial da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil e tratando de temas como a catequização de povos nativos pela Igreja Católica e o poder da Coroa Portuguesa, esta representada por Dona Efigênia de Souza, uma das matriarcas da agremiação. De cabelos longos, saiote que cobria as partes íntimas e penas de pato em tons de azul, cantou o samba-enredo a plenos pulmões:

*Foi na Bahia
Terra de paz, e amor
Que em 22 de abril
Nasceu este país encantador!*

Continuou fazendo as próprias fantasias nos anos seguintes e acabou aprendendo sobre o ofício, passando a ser procurado pelo trabalho. Quando não projetou a própria roupa, usou a que ganhou de um folião da *Beija Flor*, ao fim da apresentação, em um

76

dos vários anos em que foi à capital carioca para assistir ao Desfile das Campeãs, sempre com olhos atentos ao *Salgueiro*. Nessas idas ao Rio de Janeiro, por sinal, fotografou-se com famosos que encontrou nas arquibancadas e fez questão de publicar alguns registros em seu perfil no Facebook. David Brazil e Wanessa Camargo, "que foi muito atenciosa", foram alguns deles.

Hoje, sem vínculo com escolas de samba em Mariana, pensa em abrir um ateliê para produzir fantasias carnavalescas sob demanda. Já vem juntando materiais e espera a oportunidade de vestir quem mais lhe encanta na festa momesca: a rainha da bateria. Melhor ainda se ela for uma travesti, mais um de seus desejos.

Flaviano teme a solidão e, por isso, nunca deixou a casa dos pais. Seus amigos costumam questioná-lo sobre morar com Seu Oscar e Dona Neile ainda hoje, já adulto e financeiramente independente, com carro na

77

garagem, um comércio e dois empregos como educador: professor em um colégio privado de Ouro Preto e diretor em uma escola pública municipal; mas as indagações não parecem incomodá-lo. Ele diz ter vontade de construir a própria casa, planejada do piso ao teto de acordo com seus gostos, mas que só se mudaria para ela após a morte dos pais. Pelo medo que tem da solidão.

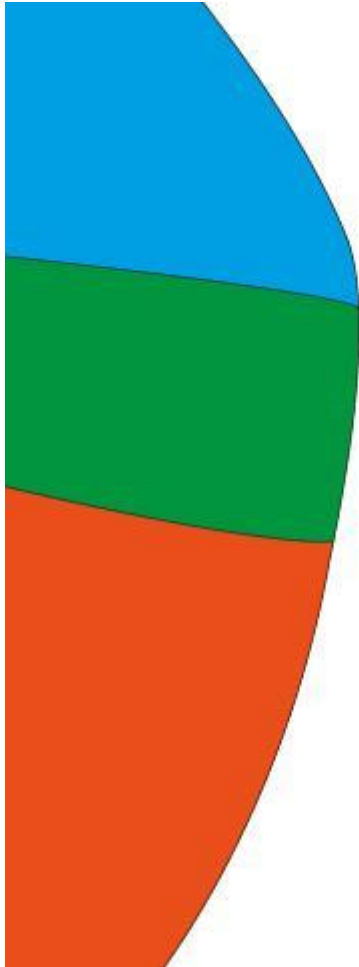
A posição que tem tomado o coloca em uma zona de conforto, ele acredita, mas são compreensíveis suas decisões, principalmente se considerar o receio de desenvolver uma depressão, doença da qual já foi vítima, se viver sozinho. Flaviano está cercado por amigos e familiares, mas a garantia de tê-los por perto exige certos sacrifícios com os quais está acostumado a conviver.

Mariana, cidade cuja população é majoritariamente católica (cerca de 70%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE), parece ser um lugar conservador, ainda que tenha rejeitado, nas últimas eleições presidenciais, o candidato que falou coisas como “as mino-

rias têm que se curvar às maiorias” (no segundo turno, Jair Bolsonaro recebeu 11.883 votos e Fernando Haddad, 19.882). A religiosidade se apresenta através da imponência das várias igrejas, centenárias, e do tocar de seus sinos. Mas também de outras formas, se prestarmos atenção. A Câmara Municipal, composta por 15 parlamentares, só tem uma vereadora, uma das poucas já eleitas no município. Também apenas uma mulher chefiou a Prefeitura e, ainda assim, foi eleita como vice, assumindo o Executivo após a cassação do titular; pouco depois, também foi cassada. Há poucos anos, estudantes se reuniram em frente a um bar do centro para promover um “beijaço”, dias depois de um casal gay ser discriminado no estabelecimento. É também a cidade em que um vereador, ao se referir à presença de jovens negros e periféricos que frequentam a Praça Gomes Freire, o Jardim, e o suposto consumo de drogas ali, disse que o local estava se transformando em uma “cracolândia”: “Aquele ambiente não é saudável para a família marianense estar, infelizmente”.

TODAS AS CORES

Talvez Antonieta Esteves Cantarelli, a Tieta, seja um raio de esperança a Flaviano. Escorraçada de Santana do Agreste pelo próprio pai, reacionário, foi para São Paulo e voltou depois de 25 anos, por cima da carne seca. Desmascarou falsos moralismos de quem apontavam-lhe os dedos e debochou da velha hipocrisia. Mas as histórias do carnavalesco são outras. Sua resposta aos olhares tortos e comentários de canto de boca é dada quando, por exemplo, leva à sala de aula discussões necessárias para a construção de um país menos brusco. Também quando ele coloca a escola de samba na rua e desfila na avenida, coberto pelo brilho e por todas as cores de sua fantasia.



5. o poeta aldravista

Quantos personagens cabem em um só ser humano? Muitos, eu diria. Personagens a que o sujeito se propõe a ser e outros que são impostos a ele. Porque, assim como a aldravia não se limita às pretensões dos autores e autoras, que não podem determinar uma única interpretação de suas obras, a vida de uma pessoa não se constitui sozinha. Relembrando o sociólogo Stuart Hall, o sujeito pós-moderno possui múltiplas identidades, que podem ser até contraditórias. Identidades construídas no decorrer do tempo, de acordo com os mais variados contextos que envolvem cada um.

A poesia aldravista parte do minimalismo e se propõe a romper barreiras da livre produção artística. Escrita em até seis versos-palavras, iniciadas com letras minúscu-

las, busca horizontalizar a relação entre o poeta e a poetisa com seus leitores e leitoras; maior seria a criatividade da autora ou autor quando escrevem a partir do que somente eles viram, enquanto a leitora e o leitor encontram sentido nos escritos a partir do que também só eles viram. São as memórias e os afetos carregados por cada um que, muitas vezes, determinam o olhar e o sentir, que dão sentido às coisas. Outrossim, uma história de vida rompe barreiras quando se dá na contracorrente de uma sociedade padronizada e hierarquizada, através de ações que questionam, provocam e confrontam.

Sugerir uma analogia entre a poesia aldravista e uma história de vida pode soar descabido, mas não parece tão nonsense quando se fala em José Benedito Donadon-Leal, um dos criadores da primeira forma de poesia criada no Brasil, a aldravia. Aos 61 anos, ele é poeta, compositor e professor acadêmico. Paranaense de nascença e mineiro de vivência; afinal, são 36 anos morando em Mariana. Casado, há 18 anos, com Andreia Donadon Leal, sua companheira também nas letras.

Pai de uma filha e um filho. Um “guardador” de miudezas, de antigas carteirinhas de universidades a guardanapos com escritos, e um curioso, acima de tudo.

Sem ser pretensioso, este perfil busca narrar fragmentos de sua trajetória como se fosse um olhar à poesia aldravista: a partir do que só eu vi. Mas também do que li e ouvi, porque, afinal, reportagem requer escuta.

Considero Donadon (como aprendi a chamá-lo desde que ingressei na Universidade Federal de Ouro Preto) um professor que se distancia, de certo modo, do que geralmente se espera de um acadêmico. O termo, batizado pela também professora da Ufop Marta Maia, não é o único pelo qual ele é chamado, mas, provavelmente, o seu preferido. Discreto, sereno ao falar e simples no diálogo com quem quer que seja, parece conquistar a simpatia de quem o rodeia.

A primeira vez em que estive com ele foi em 2017, quando produzia uma reportagem

sobre as escolas de samba de Mariana. Eu havia ouvido que ali mesmo onde eu tinha aulas, no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), estava o compositor que havia escrito o samba-enredo da *Morro da Saudade* naquele ano.

As aulas da tarde corriam quando bati em sua porta. Não com uma aldrava, peça argola-da que se prende à madeira para chamar por alguém e inspiração para o nome “aldravia”, mas com o punho direto na porta. Ele me recebeu educadamente, respondeu a uma série de perguntas que fiz e aproveitou para enviar, ao meu e-mail, a letra da canção que compôs para o Carnaval da escola de Passagem de Mariana. O título, “Hit parade de canções de amor na passarela do samba”, faz referências a artistas que marcaram gerações das músicas românticas, como Sidney Magal, Wando e Waldick Soriano:

*“Sorria, meu bem”
Chegou o enredo das canções de amor
“Meu iaiá, meu ioiô”
Morro da Saudade, vem, vê; vem, vê*

Tá servindo, o garçom, doses de paixão

*“Cupido me flechou sem eu sentir”
Ela é uva e eu, raposa
“Tem marimbondo no pé”
“Coração”
Na era do rádio
Que sofrendo mal de amor
“O destino desfolhou”*

Donadon se aproximou da agremiação em 2016, após ser “provocado”, como diz, por dois amigos a conhecê-la: a ex-vereadora Aida Anacleto e Antônio Carlos de Freitas, cofundador do Clube Osquindô; ambos moradores do distrito de Passagem. Quando subiu o morro e conheceu o calor da bateria, ele conta, empolgou-se com a construção coletiva do Carnaval, desde a montagem dos carros alegóricos à criação das fantasias, e percebeu que a festa momesca de Mariana vai além dos blocos de rua, como o tradicional Zé Pereira. O encantamento fez com que o poeta participasse de uma seleção para a escolha do samba-enredo do ano seguinte,

em que foi vitorioso. O desfile foi vice-campeão na avenida, atrás da *Vila do Carmo* e à frente da *Acadêmicos do Barro Preto*.

Movido pela curiosidade que o samba-enredo lhe desperta, Donadon passeou por cabarés, desilusões amorosas e lugares onde os amores se encontram no “brega”, em sua composição. Além das referências a paradas de sucesso, como “Boate azul”, de Benedito Sevierio, e “Eu vou tirar você desse lugar”, de Odair José, também buscou aproximar a melodia do seu samba às melodias que lembrou em sua letra, com a esperança de que o público fosse levado a cantar durante o atravessar da avenida. O resultado do trabalho agradou aos ouvidos do apaixonado pelo samba-enredo, subgênero que ele considera “muito sofisticado e difícil”, porque, em suas palavras, “a harmonização de instrumentos de percussão tão distintos e tão iguais desafiam as lógicas de orquestração”.

A *Morro da Saudade* tem outra canção composta por Donadon, embora não propriamente um samba-enredo. “Alas de libertação na Estrada Real do samba” foi um

presente dado pelo poeta à agremiação de Passagem logo que seus caminhos foram cruzados. Reverenciando o leão, símbolo da escola, o compositor perambula pelo trem de ferro ao Ribeirão do Carmo em sua letra; elementos que, inclusive, já foram lembrados em diferentes enredos que a *Morro* levou à avenida, como “Ribeirão do Carmo: águas de ouro, águas de lixo”, em 2011, e “Do ouro ao turismo, Morro da Saudade conta a história de Passagem”, de 2007; ambos campeões. Ele espera ver o samba que compôs tocado pela bateria no aniversário de 40 anos da escola, em 2024:

Morro da Saudade
A majestade
Faz o povo arrepiar
Que assim se agita
E em coro grita
Hoje é carnaval

E embarca
De Passagem a Mariana
Um Leão em evolução

*Toma bênção na capela
Pra entrar na passarela
Samba é oração*

Foi, mais uma vez, por causa do Carnaval das escolas de samba que eu o procurei após dois anos. Voltei à sua sala e lembrei a primeira visita, contando sobre o projeto de produzir este livro. Donadon logo tratou de me indicar pessoas que poderiam falar comigo e se prontificou a me ajudar, embora tenha ressaltado que sua relação com a *Morro da Saudade* ainda é recente e sua contribuição, exatamente por isso, seria modesta. Ledo engano.

Jamelão, o saudoso intérprete de samba-enredo da *Estação Primeira de Mangueira*, não precisou de muitas composições para eternizar “Esta melodia” junto a Bubu da Portela, canção lindamente gravada por ele e, posteriormente, por outros grandes nomes da nossa música, como Zeca Pagodinho e Marisa Monte, esta junto à Velha Guarda da Portela. Ainda que sua história se confunda com

a história dos intérpretes de samba-enredo do Rio de Janeiro, não há quem possa mencioná-lo sem citar que Jamelão também compôs. Com Donadon, há semelhanças. De suas duas composições à escola de Passagem, uma delas, “Alas de libertação na Estrada Real do samba”, é o hino da *Morro da Saudade*.

Martinho da Vila e Noel Rosa costumavam ser ouvidos na casa de Sílvia e Camilo, casal que vivia em Maringá, no norte do Paraná, em meados da década de 1960. Enquanto ela cuidava do jantar e dos filhos, ele puxava o cavaquinho para tocar, depois de um dia fabricando colchões de capim no barracão que ficava aos fundos da casa. A música, para aquele trabalhador autônomo, servia para distrair e relaxar os ânimos, embora houvesse talento até para ganha-pão.

Donadon, ainda pequeno, observava, atento, aos movimentos do pai. A posição dos dedos esquerdos no fazer dos acordes, o descer e o subir da mão direita sobre as cordas... Todo

o ritual que dava ritmo e melodia ao samba lhe chamava a atenção, curioso que era. Foi por isso que, aos 7 anos, já dividia o instrumento com o seu mestre.

Chamá-lo de mestre não é mera gabação. Exímio músico, Camilo também foi compositor – autor de 112 lundus, canções cujas origens remetem a Angola e Congo –, poeta, contista, escultor, artista plástico e luthier. Fabricou cavaquinhos, rabecas e guitarras e reunia a vizinhança na porta de sua casa, durante as noites, para rodas de samba e músicas caipiras. Sem energia elétrica, contavam casos macabros, sobre mortes, sangue e crueldade, sob a luz do lampião.

Debaixo da influência do pai, não demorou para que o pequeno garoto dominasse, além do cavaquinho, o violão e a flauta transversal. Aos 12 anos, já tocava nas missas, que acabou abandonando anos depois. A mãe, por um tempo, sonhou com um filho padre e o mandou para um seminário que o abrigava nos fins de semana, mas foi justamente lendo a bíblia e conhecendo, por dentro, a Igreja Católica, que ele negou a santíssima trindade.

— Eu acho que a bíblia é a prova concreta da invenção de Deus. O Novo Testamento é uma demonstração de que tudo aquilo é uma criação cultural bastante intensa, tematizando demais o medo. Deus é uma razão do medo. A fé inexistente sem a dúvida.

A descrença, porém, não lhe tem o mesmo significado de ceticismo. Remexendo lembranças da infância, compôs “FACES de deus”, com letra minúscula mesmo, garantia que discorre sobre as diferentes formas com que o divino se materializa nas coisas. Em seu canal no YouTube (bit.ly/33cK1GE), há um vídeo em que canta e toca, com um violão alaranjado e cordas de nylon, a canção:

*Formei, ainda criança
Alguns dos conceitos meus
Que bichos, insetos e aves
São faces suaves das faces de deus*

No mesmo canal, há outros vídeos em que interpreta suas obras; sambas, guarânias e “sertanejo raiz”. Aparentemente, gravou todos no mesmo dia, seguidos uns dos outros,

já que aparece usando a mesma camisa, de estampa e botões, em frente a mesma estante, repleta de livros, e diante de um microfone. Mas são apenas algumas de suas canções. Donadon também já se aventurou compondo baiões e funks. Estes últimos, “pesadões”, ele conta.

Sua esposa, Andreia, afirma que as criações musicais de Donadon sempre exigem dele bastante concentração. Há dias em que o compositor fica, em seu escritório, das 7h da manhã às 10h da noite, procurando encontrar a canção, repetindo trechos e demarcando o ritmo com uma caixinha de fósforos, enquanto ela acaba recorrendo aos fones de ouvido. Quando parece que a música não vai ficar pronta, ele surge com os versos melódicos em busca da opinião dela, na maioria das vezes positiva. Quem também costuma ouvir seu trabalho é a sogra, Aparecida Ferreira Silva, entre quintas-feiras e domingos, quando o casal viaja para visitá-la em Santa Bárbara. A senhora foi vítima de um acidente vascular cerebral há poucos anos e, hoje, tem alzheimer. Mesmo

demonstrando poucas reações às canções que são lhe oferecidas, é uma ouvinte fiel.

Só de academias e institutos em que é membro, são pelo menos 11; nacionais, como a Marianense de Letras, e também de outros países, como a *Divine Académie des Arts Lettres et Culture*, de Paris. Livros publicados também são vários e de diferentes estilos; de haicais, poema curto e de origem japonesa, a poesias para crianças e eróticos. “Jardim & avenida”, de 1997, “Sáfaro”, de 1999, e “Óbvias liberdades”, de 2012, são alguns deles. Há ainda um longo percurso como educador: 36 anos na Universidade Federal de Ouro Preto, em diferentes funções, além de passagens como professor pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (Fidene), no Rio Grande do Sul.

Embora seja acadêmico, tem asco de um certo elitismo que enxerga na própria comu-

nidade. Não por acaso, opta pelo ensaio em detrimento da escrita presa por citações, da qual tem “aversão”:

— Eu faço as mesmas citações, sem ter que fazer aquele abre aspas, coloca adentramento... Não sei nada disso. Eu cito “fulano de tal disse isso” e tudo bem. No máximo, eu coloco o ano tal, o livro tal.

Não por acaso, Donadon costuma ser lembrado como um professor plural, que faz da educação uma ferramenta para transformar realidades. Em 2018, nos dez anos do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Ufop, que ajudou a criar e cuja direção está em suas mãos, foi homenageado pelos funcionários em reconhecimento por isso. São dele e da amiga Marta Maia os primeiros “quadrinhos” de professores já aposentados que lecionaram no local (os “quadrinhos” são porta-retratos pregados à parede, uma tradição das repúblicas estudantis da universidade, que expõem seus ex-moradores).

Ao longo do doutorado, na Universidade de São Paulo (USP), enfrentou problemas, porque sua linguagem, “liberta”, como diz,

96

não se encaixou nos parâmetros da orientadora, russa. “Absolutamente rígida”, Victoria Mamestnikov ditava as regras ao orientando que, mais tarde, ajudou a criar a primeira forma de poesia do Brasil. Ironicamente, “sem o ranço da crítica acadêmica”, como é descrita a expressão no site do Jornal Aldrava Cultural.

— A arte é tão elitista que, quando nos deparamos com um poeta da cidade, não o consideramos poetas, mas poeta popular ou poeta regional. É discordando dessa crença acadêmica, fomentada pela crítica literária profissional e acadêmica, que fundamos o aldravismo, que prega o respeito às produções de todas as origens, sem caracterizações que as diminuam, perante os altares dos cânones patrocinados pelas editoras comerciais.

A aldravia foi apresentada ao público em 2010, após uma década de existência do movimento aldravista, em estudos que buscavam uma produção livre da arte. Foi gerada nos encontros na casa do poeta e em bares e restaurantes da cidade, que se transformavam em saraus involuntários. Surgiu em Mariana,

97

através do trabalho conjunto de Donadon com os poetas Andreia Donadon Leal, Gabriel Bicalho, Hebe Rôla, J. S. Ferreira, Lázaro Silva e Luiz Tyller. Desde então, vem chegando a escolas, tornando-se objeto de pesquisas e até transpondo os limites do país.

É sabido, na cidade, que o crescimento da nova poesia também incomodou alguns poetas que, assustados com o moderno, torceram o nariz. Mas a aldravia segue batendo às portas e, aparentemente, alcançando alguma democratização da produção artística que tanto persegue. A presença de figuras marcantes de Mariana, como a professora Hebe, ajuda a enfrentar as críticas de alguns conservadores. “Gaveteira”, como faz questão de ressaltar, a senhora de 89 anos tem assumido um papel de conciliadora entre essas diferentes vozes. Papel que, por sinal, não é o único relacionado a Donadon. Madrinha de seu casamento e amiga próxima, também foi quem o recebeu, na cidade, em 1984. De lá pra cá, vê que ele “cresceu em graça e em sabedoria”.

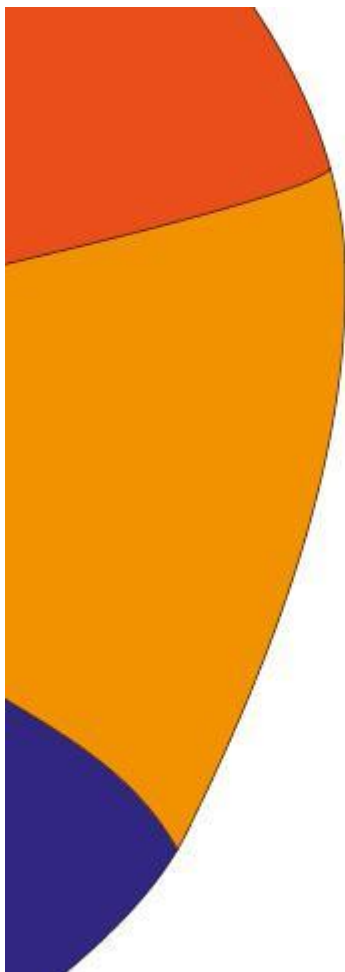
— Eu o acompanhei desde o dia em que chegou. Ele perdeu a mãe [em 1985]

e brincava que eu era sua mãe. Então, eu fiquei sendo até hoje.

Continuo não achando descabido comparar a história de Donadon com uma aldravia. Vai ver que ele, inquieto e vanguardista, representa bem o espírito dessa expressão que parece simples, mas não é, como parece saber, em um de seus poemas:

*minhas
porções
diárias
metonímias
de
mim*

Sua trajetória, sinuosa como os versos aldravistas, vai se constituindo por meio de dores, prazeres e sentimentos. Nunca se sabe quando o fim de uma aventura, ou de uma crônica, quem sabe até de uma fábula vivida por ele, poderá ser o prólogo de uma nova narrativa.



6. não deixe o samba morrer

Helvécio andava ansioso para o Carnaval. Ele e outros membros da *Mocidade Independente de São Gonçalo* acreditavam que, naquele ano, a escola de samba, finalmente, iria erguer o troféu de campeã em Mariana, depois de sucessivos reveses desde sua fundação, em 1996. A promessa era levar à avenida Salvador Furtado um enredo que falasse sobre a preservação da natureza e seus quatro elementos clássicos: a água, o ar, o fogo e a terra.

Em 2003, também disputavam o título a *Morro da Saudade*, ainda sem vitórias nos desfiles da cidade, além da *Vila do Carmo* e *Unidos de Mariana*, rivais que monopolizavam as conquistas até então. A Prefeitura havia repassado verbas de R\$ 8 mil para cada uma delas, o equivalente a cerca de R\$ 24 mil hoje em dia, em valores corrigidos, subven-

ção inferior às concedidas em 2020 e 2019, de aproximadamente R\$ 54 mil e R\$ 48 mil para cada, respectivamente, também em valores corrigidos. Carlos Baêta, secretário de Cultura, Desporto e Turismo na época, dizia que a festa seria econômica e que a criatividade iria prevalecer no fim das contas.

Ainda assim, a *Mocidade* tinha motivos de sobra para apostar alto em sua apresentação. Um número de foliões maior que nos anos anteriores iria atravessar a passarela do samba, vestidos com fantasias mais elaboradas que o habitual. Sem falar da longa preparação que precedeu o desfile, marcada por um trabalho incessante na sede improvisada da escola, a própria casa de Helvécio, o presidente, e sua esposa, Madalena. Pelo andar da carruagem, não haveria problema que pudesse atrapalhar aquele Carnaval.

No dia 2 de março, domingo, a movimentação no bairro São Gonçalo era grande. Dois caminhões motorizados ainda recebiam reparos nas alegorias, além de um terceiro carro alegórico, não motorizado. Helvécio estava preocupado e, ao mesmo tempo, emocionado

do com o que via. Brincava com os colegas e fabulava sobre uma eventual vitória durante a noite. A apresentação estava marcada para começar às 22h, depois da *Vila e Morro* e antecedendo a *Unidos*.

Lá no Rio de Janeiro, parte da história extrativista de Mariana atravessava o Sambódromo sob a mesma Lua Nova. O carnavalesco Joãozinho Trinta assinava seu terceiro desfile à frente da *Grande Rio*, narrando a história da mineração e da Companhia Vale do Rio Doce com um samba-enredo que versejava celebração ao barroco, ao ouro, à prata, ao bronze, ao ferro e ao “progresso”, escrito pelo trio de compositores Mingau, Derê e Marcos Moreno:

Valeu, Brasil
Terra onde o tempo é o senhor (ô, ô, ô)
Trago sonhos bordados em ouro
És o gigante da alegria, és meu tesouro
Nas matas, viajei
Sou, desse chão, um rei
Onde pisei, deixei meu coração aventureiro

*Cheguei em Minas, o eldorado brasileiro
 Andei, criei cidades coloniais
 A história o vento nos traz,
 Salve o barroco, estilo igual jamais*

A escola de Duque de Caxias foi a única a receber patrocínio naquele ano, polpudos R\$ 2,5 milhões, mais de R\$ 7,5 milhões em valores corrigidos, o suficiente para levá-la à terceira colocação, a melhor em sua história até aquele momento. A Vale buscava tornar sua imagem mais popular em seu aniversário de 60 anos, e seu então presidente falava em humanizar a imagem da multinacional junto à “cultura brasileira em sua maior festa”. Quase 13 anos depois, Bento Rodrigues foi sufocado pela lama de rejeitos que a mesma empresa, a também brasileira Samarco e a anglo-australiana BHP Billiton não contiveram. No Carnaval de 2017, a *Portela*, campeã ao lado da *Mocidade Independente de Padre Miguel*, trouxe a temática da exploração do minério de ferro novamente à Marquês de Sapucaí, mas com outros olhos. Um carro alegórico chamado “Um rio que era doce” fez referência ao crime

socioambiental de 2015, com uma escultura gigante de um pescador aos prantos. A ala “O lamento do Rio Doce” levou integrantes cobertos de barro e placas de protesto: “Justiça”.

No longínquo Carnaval de 2003, a mineração também era tema de uma escola de samba em Mariana. A *Unidos* apresenta ao público o enredo “Século XVIII, nascimento e apogeu de uma cidade, canto e glória de sua gente”, que percorria a história de Mariana desde os tempos de extração do ouro a aqueles dias. A *Vila do Carmo*, por sua vez, presenteou o público com uma apresentação que mostrava um pouco de vários países ao redor do mundo. A paz mundial, dizia a escola, só seria alcançada com a união dos povos. A *Morro da Saudade* homenageou Santos Dumont, mineiro considerado “o pai da aviação”, com cerca de 260 componentes. E a *Mocidade Independente de São Gonçalo* iniciou seu desfile com mais tranquilidade do que aparentava ter horas mais cedo, quando fazia os últimos ajustes nos carros e fantasias.

Helvécio, o presidente, estava agitado e orientava os integrantes de sua agremiação

com um visível nervosismo. Ele caminhava em frente à Padaria Lafayette quando sentiu um mal súbito e, exaurido, caiu ao chão, atraindo a atenção de quem estava por perto. Não demorou para que, em volta dele, fosse formado um círculo de pessoas que o ouviu pedir:

— Não parem o desfile. Continuem com a escola!

E assim foi feito. Muitos dos que não viram o alvoroço só souberam do ocorrido quando a *Unidos de Mariana*, última a desfilar, começou a cantar seu samba. Oscar, no entanto, assistia à apresentação junto ao público quando recebeu a notícia. Enfermeiro, foi o primeiro a socorrer Helvécio.

— Eu já o encontrei desfalecido e tentei fazer o RCP [ressuscitação cardiopulmonar]. Ele teve uma parada cardiorrespiratória e não havia tempo. Nessa época, não havia Samu, e nós o colocamos em um carro e o levamos para um hospital.

O veículo era uma caminhonete e Helvécio foi levado na carroceria, enquanto continuavam tentando reanimá-lo. Chegou ao

Hospital Monsenhor Horta já morto, e a *Mocidade* sequer havia completado seu desfile. O atestado de óbito confirmou infarto do miocárdio. Ou, mais popularmente, ataque cardíaco; infarto fulminante; ataque do coração.

A esposa, Madalena, perplexa, mal acreditava no que havia acontecido. Já os membros da escola, que souberam da morte no momento em que sambavam, atravessaram a avenida chorando, sob os fortes aplausos das pessoas que se amontoavam nas calçadas. Diziam que era o mais bonito desfile da história da agremiação de São Gonçalo e, quando a noite terminou, comentários sobre seu favoritismo se multiplicavam.

Quem esperava pela apoteose de Helvécio e da *Mocidade*, porém, acabou um tanto frustrado. A escola dividiu a segunda colocação com a *Morro*, com 187,5 pontos, e o título ficou nas mãos da *Unidos de Mariana*, campeã com 199 pontos. A *Vila* terminou em quarto lugar, com 182,5 pontos na avaliação dos jurados.

Na terça-feira de Carnaval, as escolas vol-

taram a desfilar. Uma faixa preta foi carregada pela comissão de frente da agremiação verde e branca, representando o luto, também estampado nos rostos dos foliões, abatidos. No dia anterior, as fantasias que enchiam sua casa deram lugar para as flores do velório. Em memória de Helvécio, foram celebradas duas missas de sétimo dia, ocorridas no sábado seguinte, dia 8; às 17h, na Igreja de São Francisco de Assis, na Praça Minas Gerais; e às 19h, na Catedral da Sé.

O infarto que levou embora a vida de Helvécio Ribeiro, homem negro de 51 anos, teve outras causas além das emoções exacerbadas que o envolveram no fatídico dia 2 de março. Ele sofria de hipertensão e diabetes, doenças que acabaram lhe obrigando a tomar alguns cuidados com a saúde no dia a dia, como reduzir o consumo de gordura, sal e açúcar nas refeições. Difícil para ele, que amava uma feijoada de vez em quando.

Há três ou quatro anos de sua morte, o car-

navalesco também foi vítima de um acidente vascular cerebral isquêmico quando estava a passeio em Belo Horizonte. Não teve sequelas, mas acabou se aposentando por invalidez, depois de décadas de serviços prestados como eletricitista, inclusive pela Universidade Federal de Ouro Preto. Precisou ficar internado por alguns dias na capital e, quando voltou para casa, contou com o apoio da esposa, Madalena Trindade Ribeiro, enfermeira.

Era ela quem, muitas vezes, regulava o cardíaco do marido. Ficava de olho no que ele comia e alertava sobre os perigos de um simples descuido. Helvécio era “consciente de sua saúde”, ela diz, mas não se preocupava tanto quanto deveria. Os cuidados de Madalena, aliás, foram preciosos para a saúde do carnavalesco em outros momentos de sua vida, como no momento em que se conheceram, em 1974.

Os dois eram jovens quando se cruzaram no Hospital Monsenhor Horta. Helvécio havia sofrido um acidente de trabalho e foi atendido por Madalena, que lhe arrebatou logo de cara. Quando precisou voltar, dias

depois, para tirar pontos, ele não a encontrou, mas pediu a outras enfermeiras que chamassem pela mulher que o encantou. O resto é história: foram nove anos de namoro que culminaram no casamento, em 1984. Juntos, adotaram duas crianças, hoje já crescidas, José Silvério e Rogéria. Também fundaram a *Mocidade Independente de São Gonçalo*, escola que deixou o seio da família logo após a morte do presidente.

Não se trata de uma mera menção da relação dessa família com o Carnaval. Os “Zuzuada”, como são chamados, são marianenses negros cujas histórias se atravessam por décadas e décadas, com pontes para Belo Horizonte, Confins, Ouro Preto e até a França. Conhecidos, sobretudo, pela importante movimentação no cenário cultural da cidade, já figuraram também na esfera política de Mariana. Nas últimas eleições, por exemplo, sempre houve alguém com o sobrenome “Zuzu” disputando algum cargo eleitoral e, em 2020, não será diferente. Mas o Carnaval da família não é o mesmo há 17 anos.

Quem anda pelo bairro São Gonçalo e

pergunta por Helvécio acaba ouvindo alguma memória daquele desfile de 2003. Até quem não chegou a conhecê-lo, pessoalmente, tem alguma coisa a dizer, como o Seu Paulo, dono de uma mercearia:

— Na época em que morreu, eu ainda não estava aqui. Tinha uma mercearia na rua do Catete, mas me lembro de vê-lo, de longe, e de quando morreu. A família dele mora subindo ali, à direita.

Se perguntar onde vive Madalena, rapidamente alguém indica a casa. Quem sabe leva até a porta. Foi numa dessas andanças que conheci Oscar Patrocínio, professor de educação física e enfermeiro aposentado, curiosamente pai de Flaviano Isidoro, outro perfilado neste livro, também antigo amigo da família Trindade Ribeiro. Ele é aquele senhor que socorreu Helvécio na avenida.

— A gente trocava ideia, sentava ali para conversar sobre futebol. Ele entendia muito pouco de futebol, aliás. Gostava mesmo era de samba.

Samba, pagode, mpb, brega... Os gêneros eram variados, bem como as vozes favoritas

do carnavalesco, como Altemar Dutra, Benito de Paula, Martinho da Vila e Nelson Gonçalves. Cantar, ele não cantava, a menos que estivesse na avenida, porque samba-enredo tem que ser cantado por todo mundo. Seu prazer maior, na maioria das vezes, era ouvir a voz dos intérpretes. Talvez seja por isso que Helvécio também gostava de ouvir o canto dos canários e, por isso, tenha criado exemplares do pássaro que representa a seleção brasileira, também chamada de “seleção canarinho”.

Falando em futebol, pouco se sabe sobre sua relação com esse esporte. Há quem diga que ele era flamenguista, mas há quem palpite que seu time do coração era o América, de Belo Horizonte. Sabe-se, porém, que não tinha o costume de ir ao estádio. Se ele gostava de algum jogo com fervor, era o truco. Gostava tanto, que deixou vários troféus pela casa, conquistados em campeonatos que disputou. São algumas das lembranças que ficaram.

Alguns adjetivos se repetem quando as pessoas falam sobre ele. “Honesto”, por exemplo, parece ser o principal. Quem conheceu Helvécio diz que ele gostava de fazer as coisas

do modo correto e ficava irritado quando via algo errado. “Tratável”, “digno” e “atencioso” são outras características que, geralmente, relacionam a ele. Hebe Rôla, ou Dona Hebe, como diz ser chamada desde os 15 anos, conheceu o carnavalesco através de Madalena e se recorda do seu jeito discreto:

— Ele não era de muitas palavras, não. Mas as poucas que ele pronunciava eram muito boas.

Hebe assistia ao desfile naquela noite de Carnaval, mas não chegou a vê-lo no chão. O burburinho sobre a tragédia, porém, chegou, rapidamente, até ela, que pediu para que cessassem os rumores e a escola continuasse seu desfile. Para ela, aquele “foi o pior episódio carnavalesco” que já conheceu.

A morte também é lembrada em um blog que a Prefeitura de Mariana lançou em 2010, para o Carnaval daquele ano: “Um episódio marcou a história da *Mocidade Independente*. Foi em 2003, ano em que foi a vice-campeã do Carnaval da cidade. Em pleno desfile, o então presidente da Escola, Sr. Euvécio Martins (sic), sofreu um

ataque cardíaco, vindo a falecer para susto dos foliões que acompanhavam às apresentações. Foi um Carnaval de comemorações, pela conquista do vice, e também de tristeza pela perda da pessoa responsável pela fundação da Escola”.

Se a morte foi trágica e inesperada, a memória que Helvécio deixou é tão infinda quanto o mais belo desfile da *Mocidade* em sua curta história. Já que, como revelou Oscar Patrocínio, Helvécio gostava mesmo era de samba, morrer ali, no Sambódromo marianense, teve alguma beleza, admitem os mais próximos. O carnavalesco, literalmente, deu sua vida à escola de samba do bairro São Gonçalo.

Décadas antes, os compositores Ataulfo Alves e Paulo Gesta já preconizavam esse tipo de morte:

*Sei que vou morrer, não sei o dia
Levarei saudades da Maria
Sei que vou morrer, não sei a hora
Levarei saudades da Aurora*

*Eu quero morrer numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba*

*Quero morrer numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba*

*Mas o meu nome ninguém vai jogar na lama
Diz o dito popular
Morre o homem, fica a fama*

*Quero morrer numa batucada de bamba
Na cadência bonita do samba.*

o autor

Elias Fernandes é jornalista, formado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Nascido em 1997, no Vale do Mucuri de Minas Gerais, hoje vive em Mariana, na região central do estado. Este é o seu primeiro livro.

“O que iremos acompanhar é o dia a dia de pessoas como Sônia, Rogério, Margarida, Flaviano, Donadon, entre tantos outros e tantas outras que poderiam estar aqui retratadas. Vale dizer que há algo de surreal nas composições em tela. As palavras não são compostas de maneira linear, com o objetivo de dar sentido às vidas. Elas surgem de maneira fluente, sem julgamentos, mas nem por isso, imparciais. As escolhas são evidentes, as pessoas têm motivo para estarem aqui. O jornalista que escreve, Elias Fernandes, sabe o que quer, e isso é muito bom.”

Marta Maia

(Trecho do prefácio)